



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



A relação entre o Modelo de Jogo, Modelo de Treino e Modelo de Análise do Jogo

Relatório de uma experiência como observador participante na equipa profissional do Grupo Desportivo Estoril-Praia.

Relatório de estágio elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo

Orientador: Professor Doutor Ricardo Filipe Lima Duarte

Júri:

Presidente

Professor Doutor António Fernando Boletto Rosado

Vogais

Professor Doutor Luís Pedro Camelo Vilar

Professor Doutor Ricardo Filipe Lima Duarte

Ricardo da Silva Figueiredo

2015

Relatório de Estágio em Futebol apresentado à Faculdade de Motricidade Humana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo, sob a orientação técnica e científica do Professor Ricardo Duarte.

Agradecimentos

O finalizar de uma etapa difícil só é possível com o apoio daqueles que nos são mais próximos, que nos apoiam e auxiliam nas tarefas árduas e desafios que a vida nos lança. Sei que sem o apoio destas pessoas seria impensável ter ultrapassado as barreiras que me foram colocadas na corrida final do curso e do estágio, que me permitiu alcançar o grau académico de Mestre em Treino Desportivo.

Não podendo agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram neste percurso, irei apenas referir-me àquelas que estão mais próximas de mim, sem nunca descurar o apoio que me foi dado por todas as outras pessoas.

Um agradecimento ao Professor Doutor Ricardo Felipe Lima Duarte pela orientação em todo este projeto, pelas dúvidas retiradas e por me ajudar a seguir um caminho com lógica e coerência para o trabalho realizado dentro e fora deste documento.

Não poderiam ficar de fora as pessoas que me trouxeram ao mundo e que sempre me apoiaram em todas as etapas da vida, tanto académicas como pessoais, com o seu amor incondicional de pais. **Obrigado Mãe e Pai!!!**

Devo um agradecimento a todos os companheiros da turma do Mestrado em Treino Desportivo que, como eu, caminharam pelos mesmos caminhos para alcançarem os seus sonhos, no entanto, devo um agradecimento especial aos companheiros Bruno Dias e Rui Carvalho, dado que sem eles, uma parte deste trabalho não teria sido realizado, portanto **MUITO OBRIGADO AOS DOIS!**

Acrescento ao leque de agradecimentos toda a equipa técnica do Estoril Praia, principalmente ao Treinador Marco Silva, pela abertura do seu livro de conhecimento para me ajudar a ultrapassar todas as tarefas e desafios lançados ao longo da época, esperando que tenha todo o sucesso do mundo na sua carreira como técnico; agradeço também particularmente aos técnicos João Pedro e Gonçalo Pedro pelo trabalho realizado em conjunto e informações partilhadas.

Por fim agradeço à minha namorada, Inês Morais, por todo o AMOR que me deu e que me ajudou a ultrapassar todos os obstáculos que fui encontrando.

A todos os outros, um grande abraço e Obrigado!!!!

Resumo

Em termos académicos e práticos, é hoje consensual que todos os clubes devem ter um modelo de jogo que oriente o processo de treino e a análise da equipa em competição. Este relatório pretende descrever o modo como estas três áreas (modelo de jogo, modelo de treino e modelo de análise do jogo) foram concebidas e operacionalizadas ao longo de uma época desportiva numa equipa profissional da 1ª liga Portuguesa, identificando de que forma interagem e se influenciam mutuamente.

Neste sentido, realizou-se uma entrevista com o treinador principal da equipa do Estoril-Praia, visando extrair a sua perceção acerca das três temáticas mencionadas, que posteriormente foram contrastadas com a literatura e aprofundadas através da conceção de ferramentas práticas de suporte à observação e análise do jogo.

A partir da entrevista identificou-se então o modelo de jogo da equipa e os seus princípios, a conceção de treino do treinador e a forma como este considerava que o processo de observação, análise e interpretação do jogo deveria ser operacionalizado. Posteriormente, descreveu-se aprofundadamente o modelo de jogo e estabeleceu-se a relação com o modelo de treino através da descrição dos exercícios utilizados no período preparatório para a operacionalização da organização de jogo da equipa. Por fim, criou-se um modelo de relatório de observação e análise de adversários partindo da análise do conteúdo da entrevista e da literatura técnica e científica consultada.

Identificou-se que o processo de treino é muito influenciado pelo modelo de jogo e vice-versa, e pontualmente pelas observações do adversário. De referir que apesar da importância que a observação da própria equipa se reveste como mecanismo de feedback para o processo de treino e competição, não é dada ênfase nessa área uma vez que ela esteve fora das preocupações-chave e tarefas desenvolvidas neste estágio.

Com o objetivo de averiguar o modo como a equipa integrava a análise aos adversários no plano de preparação semanal da equipa, na área de inovação e investigação desenvolvemos um estudo de caso sobre a adaptabilidade estratégico-tática da equipa em função da análise das tendências de jogo dos adversários. Os resultados do estudo sugerem que as adaptações são circunstanciais e que a equipa técnica não altera profundamente a sua forma de jogar, procurando apenas enfatizar particularidades do seu modelo de jogo às quais os jogadores deverão dar mais atenção face às características do adversário.

Na área de relação com a comunidade, desenvolveu-se um seminário dedicado à temática do “Papel do Treinador nas Organizações Desportivas”. Este seminário teve a participação dos treinadores Acácio Santos, Carlos Azenha e José Couceiro. Do balanço efetuado, concluiu-se: i) os treinadores devem possuir conhecimentos multidisciplinares em diversas áreas do treino, não tendo necessariamente de ser especialistas em todas elas, por forma a poderem gerir eficientemente as suas equipas técnicas, tendencialmente multidisciplinares; ii) a intervenção dos treinadores está dependente do contexto cultural e dimensão do clube, sendo que, quanto maior a dimensão, menor as áreas de intervenção do treinador; iii) o treinador é, acima de tudo, um gestor de recursos humanos, de emoções e de motivações.

Palavras-Chave: Futebol; Observação; Análise do jogo; Modelo de Jogo; Modelo de Treino; Papel do Treinador.

Abstract

In academic and practical terms, it is now widely accepted that all clubs must have a game model to guide the training process and the analysis of the in competition. This report intended to describe how these three areas (game model, training model and match analysis) were designed and operated along a sports season in a professional team of the 1st Portuguese league, identifying how they interact and influence each other.

In this regard, an interview was held with the head coach of Estoril-Praia team, aiming to extract his perception on the aforementioned issues, which were then contrasted with the literature and deepened through the design of tools to support the observation and analysis of competition.

From the interview was identified the team game model and its principles, the coach's training design and the way how he assumed that the process of observation, analysis and interpretation of the game should be operationalized. After, the team game model was described profoundly and was establish the relation with the training model trough the description of the exercises performed in the pre-competitive period to operationalize the game model. Finally, it was created an observation and analysis report of the opponents. Finally, we created a model of report of observation and analysis of the opponents, based on an analysis of the information collected content of the interview and the technical and scientific literature consulted.


It was identified that the training process is greatly influenced by the game model and vice versa, and occasionally by the observations of the opponent. Note that, despite the importance of the observation of the team itself is covered as a feedback mechanism for the training process and competition, this area is not emphasized, since it was out of key tasks and not developed in this internship.


In order to ascertain how the team was part of the analysis to the opponents in the weekly preparation plan of the team we developed, in the area of innovation and research, a case study about the team's strategic-tactical adaptability in function of the analysis of the opponents game trends. The results of the study suggest that adaptations are circumstantial and that the technical team don't change profoundly the team playing style, looking only to emphasize features of its game model which players must pay more attention regarding the characteristics of the opponent's.

In the area of community relationship, a seminar was developed dedicated to the theme of "Role of the Coach in Sports Organizations". This seminar was attended by coaches Acácio Santos, Carlos Azenha and José Couceiro. From the balance made, it was concluded that: i) coaches should have multidisciplinary knowledge from various areas of training, but not necessarily to be experts in all of them, so that they can effectively manage their technical teams, preferentially multidisciplinary; ii) the intervention of coaches is dependent on the cultural context and size of the club , and the larger the size , the lower the coach intervention areas ; iii) the coach is , above all, a human resources manager, manager of emotions and motivations.


Key-Words: Football; Observation; Game Analysis; Team Playing Model; Training Model; Role of the Coach

Simbologia

Bola do exercício/jogo 


Deslocamento do jogador com ou sem bola 

Passe 

Baliza 

Portas (2 estacas no solo) | ou —

Jogador da Equipa de cor X 

Zona de Ganho/perda da bola 

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. ENQUADRAMENTO AO RELATÓRIO DE ESTÁGIO.....	2
1.2. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO	3
1.2.1. <i>Caraterização geral do Estoril Praia</i>	3
1.2.2. <i>Caraterização geral das condições de trabalho</i>	4
1.2.3. <i>Papel do Estagiário na Equipa Técnica</i>	4
1.2. FINALIDADE E OBJETIVOS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO	5
1.3. ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO.....	6
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	7
2.1. O JOGO DE FUTEBOL.....	7
2.2. O TREINADOR.....	8
2.2.2. MODELO DE JOGO.....	10
2.2.2.1 <i>Tendências evolutivas do jogo</i>	10
2.2.3. MODELO DE TREINO	12
2.2.3.1. <i>Representatividade e Especificidade</i>	12
2.2.4. MODELO DE ANÁLISE DO JOGO	14
2.2.4.1. <i>Os momentos do jogo</i>	15
2.2.4.2. <i>Análise Quantitativa versus Análise Qualitativa</i>	15
2.2.4.3. <i>Etapas e Procedimentos para uma boa Análise de Jogo</i>	16
3. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	
3.1. A PERCEÇÃO DO TREINADOR	18
3.2. MODELO DE JOGO	19
3.2.1. <i>Caraterização geral</i>	19
3.2.2. <i>Organização Ofensiva</i>	21
3.2.3. <i>Organização Defensiva</i>	24
3.2.4. <i>Transição Defesa-Ataque</i>	27
3.2.5. <i>Transição Ataque-Defesa</i>	27
3.3. MODELO DE TREINO	28
3.3.1. <i>Período pré-competitivo</i>	28
3.3.2. <i>Dinâmica dos microciclos no período competitivo</i>	34
3.4. MODELO DO RELATÓRIO DE ANÁLISE DOS ADVERSÁRIOS	38
3.4.1 <i>A Estrutura do relatório</i>	38
3.4.2. <i>Planeamento e operacionalização das observações dos adversários</i>	39
3.4.3. <i>Exemplos ilustrativos de Relatórios de Análise de Adversário</i>	42
3.4.3.1. <i>Processo Ofensivo</i>	42
3.4.3.2. <i>Processo Defensivo</i>	43
3.4.3.3. <i>Transição Defesa-Ataque e Ataque-Defesa</i>	44
3.4.3.4. <i>Esquemas táticos</i>	45
4. ÁREA 2 – A ADAPTABILIDADE ESTRATÉGICO-TÁTICA DO GRUPO	
DESPORTIVO ESTORIL-PRAIA NA 1ª LIGA 2013/2014 – UM ESTUDO DE CASO	
4.1. INTRODUÇÃO	48
4.2. METODOLOGIA.....	49
4.3. APRESENTAÇÃO DOS CASOS.....	51
4.3. PADRÕES EMERGENTES DO CRUZAMENTO DOS CASOS	54

4.4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56
4.5. CONCLUSÃO	59
5. AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA A COMUNIDADE – O PAPEL DO TREINADOR NAS ORGANIZAÇÕES DESPORTIVAS	
5.1. INTRODUÇÃO	60
5.2. OBJETIVOS DO EVENTO	61
5.3 PLANEAMENTO	62
5.4. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	63
5.5. EVENTO	66
5.6. BALANÇO DO EVENTO.....	69
5.7. PERSPETIVAS FUTURAS.....	69
6. CONCLUSÕES	70
7. PERSPETIVAS FUTURAS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
ANEXOS	

Índice de Figuras

Figura 1 - Áreas de intervenção de um treinador.	9
Figura 2 - The Coaching Cycle, highlighting the importance of observation and analysis, retirado de Carling et al. (2005).....	17
Figura 3 - Sistema tático alternativo 1	20
Figura 4 - Sistema tático principal.	20
Figura 5 - Sistema tático alternativo 2.	20
Figura 6 – Organização ofensiva da Associação Académica de Coimbra, época 2013-2014	43
Figura 7 – Organização defensiva do Futebol Clube de Arouca, época 2013-2014 ...	44
Figura 8 – Transição defensiva e ofensiva do Clube Futebol os “Belenenses”, época 2013-2014	45
Figura 9 – Esquemas táticos defensivos do Futebol clube do Porto, época 2013-2014	46
Figura 10 – Esquemas táticos ofensivos do Futebol Clube do Porto, época 2013-2014	46
Figura 11 – Esquemas táticos ofensivos do Futebol Clube do Porto (continuação) ...	47
Figura 12 – Frequência de ocorrência das características menos fortes (fragilidades) das equipas adversárias.....	55
Figura 13 – Frequência de ocorrência das características mais fortes das equipas adversárias.....	55
Figura 14 – Frequência de ocorrência das adaptações ofensivas do Estoril-Praia.....	56
Figura 15 - Frequência de ocorrência das adaptações defensivas do Estoril-Praia....	56
Figura 16 - Gráfico com distribuição de Idades dos Inscritos	64
Figura 17 - Gráfico com o número de estudantes e não estudantes	64
Figura 18 - Gráfico com distribuição dos inscritos por Instituições de ensino	65
Figura 19 - Gráfico com a distribuição das habilitações literárias dos Inscritos	65
Figura 20 - Gráfico com a distribuição da ligação ao futebol dos Inscritos	66

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Funções da equipa técnica do Estoril-Praia	4
Tabela 2 – Princípios e subprincípios da organização ofensiva.....	22
Tabela 3 - Continuação da tabela 2.....	23
Tabela 4 – Princípios e subprincípios da organização defensiva.....	24
Tabela 5 – continuação da tabela 4.....	25
Tabela 6 – Continuação da tabela 4.....	26
Tabela 7 – Princípios e subprincípios da transição ofensiva.....	27
Tabela 8 – Princípios e subprincípios da Transição Defensiva.....	28
Tabela 9 – Exercícios utilizados na pré-epoca para operacionalizar Modelo de Jogo.	29
Tabela 10 - Continuação da tabela 8.....	30
Tabela 11 - Continuação da tabela 8.....	31
Tabela 12 - Continuação da tabela 8.....	32
Tabela 13 - Continuação da tabela 8.....	33
Tabela 14 - Continuação da tabela 8.....	34
Tabela 15 – Microciclo com uma Competição	35
Tabela 16 – Microciclo com 2 competições	36
Tabela 17 - Cronograma das atividades de scouting.	41
Tabela 18 - Quadro síntese das características dos adversários e correspondente adaptabilidade estratégico-tática da equipa do Estoril Praia.	52
Tabela 19 - Continuação da tabela 17.....	53
Tabela 20 - Continuação da tabela 17.....	54

1. Introdução

Integrado na categoria dos jogos desportivos coletivos, o futebol caracteriza-se não só pela relação de oposição entre os elementos de duas equipas, como também pela relação de cooperação entre estes, com vista à obtenção da vitória (Garganta & Pinto, 1998). O jogo de futebol caracteriza-se pela imprevisibilidade, dado que as relações entre os jogadores são realizadas com vista à realização de objetivos de jogo, com comportamentos que visam recuperar, conservar e fazer progredir a bola até zonas de finalização (Gréhaigne, Bilard & Laroche, 1999). Desta forma, pode-se considerar o jogo como um fenómeno complexo e dinâmico, cuja imprevisibilidade promove várias configurações, que advêm da forma como as equipas gerem as relações de cooperação e oposição ao longo do tempo, em função de um determinado objetivo de jogo (Garganta, 1997).

Dado que as interações existentes no jogo de futebol têm um cariz maioritariamente comportamental, Oliveira (2004) defende que a tática é a dimensão unificadora do jogo que dá sentido a todas as outras (e.g. física, técnica, psicológica, etc.), fornecendo-lhes sentido e lógica.

Considerando a tática como a vertente unificadora do jogo, bem como aquela que gere o comportamento dos jogadores durante o jogo, percebe-se a importância dada pela comunidade desportiva a esta vertente. Por sua vez, a criação de modelos de jogo cuja construção tem por base as ideias do treinador sobre o comportamento tático pretendido para a sua equipa, revela-se de extrema importância, dado que são estes que irão condicionar a operacionalização do treino. O modelo de jogo diz respeito a uma ideia de jogo, a qual é baseada num conjunto de princípios, regras de ação e gestão de jogo. Em suma, é um conjunto de ideias e princípios que determinam uma forma de jogar (Azevedo, 2011). Por fim, define-se que um modelo é uma representação de uma realidade complexa (Garganta, 1996) que caracteriza uma forma específica de desempenho coletivo e individual do jogo de futebol, e como tal, essa representação é vista como uma ferramenta concept-metodológica para modelar o jogo que se quer implementar e jogar.

Considerando que o modelo de jogo orienta todo o processo de planeamento e operacionalização do processo de treino, com vista à construção de uma forma de jogar específica (Azevedo, 2011), percebe-se a importância que o processo de treino tem para operacionalizar as ideias e os princípios de jogo pretendidos. De facto, segundo Silva (2008), o processo de treino visa desenvolver uma forma de jogar, que advém da organização comportamental nos momentos defensivos, ofensivos, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa e como tal, o exercício de treino representa o local

onde o treinador materializa as suas ideias e os jogadores aprendem os princípios do modelo de jogo (Mesquita, 2000).

A análise da equipa em situação competitiva é imperativa para perceber até que ponto os comportamentos planificados e treinados estão a ser implementados em competição, e porquê. Por outro lado, a análise das equipas adversárias permite obter informações sobre as características dos opositores que serão usadas na preparação dos jogadores para a competição. Fernando Santos (citado *in* Ventura, 2013) refere que o *scouting* é um dos aspetos mais importantes do futebol, tanto na vertente de análise de jogo, como na vertente da prospecção. Assim, pode-se definir a análise de jogo, segundo Ventura (2013), como uma prática de análise crítica, tanto da própria equipa, como das adversárias, através da recolha, análise e tratamento dos seus pontos fortes e fragilidades, com o objetivo de utilizar a informação no processo de treino para preparar a competição.

1.1. Enquadramento ao relatório de estágio

Este relatório de estágio aborda três áreas fundamentais do processo de treino, a conceção do modelo de jogo, a conceção do modelo de treino e a observação, análise e interpretação do jogo. O modelo de jogo diz respeito aos princípios de jogo da equipa para enfrentar a competição, enquanto o modelo de treino diz respeito à operacionalização dessas ideias ao longo das sessões e dos exercícios de treino. Por fim, a observação, análise e interpretação do jogo diz respeito a todo o processo de recolha e tratamento da informação acerca do comportamento, coletivo e individual, da própria equipa, e/ou dos adversários.

Uma boa relação entre estes três vértices pode significar estar mais perto do sucesso desportivo e financeiro, muito procurado por todas as equipas com sociedades anónimas desportivas. Assim, este trabalho procura entender a forma como estes três vértices se relacionam e contribuem para o desempenho da equipa.

De acordo com Leal e Quinta (2001), todos os clubes devem possuir um modelo de jogo como base para o trabalho diário. Azevedo (2011) e Silva (2008) realçam que o treino procura realizar exercícios que promovam uma forma de jogar específica. Castelo (2002) defende que o treino só terá qualidade se estiver organizado e estruturado de acordo com o modelo de jogo adotado pela equipa, bem como com as características da competição.

A construção do modelo de jogo deve processar-se em todos os treinos (Resende, 2002) e só será potenciada se os exercícios do processo de treino tiverem condições favoráveis para tal (Azevedo, 2011). Esta ideia revela a importância da relação entre o

modelo de jogo e o modelo de treino, sendo influenciados um pelo outro, i.e., se o treino não estiver de acordo com o modelo de jogo, este não será operacionalizado em competição.

A análise de jogo influencia o processo de construção do modelo de jogo. Para Oliveira (citado *in* Silva, 2008), a análise da equipa em competição é fundamental para formular os objetivos da semana de trabalho. Considerando a necessidade de análise prévia da equipa, é importante que esta seja feita antes da conceção do modelo de jogo da equipa, para que este possa considerar as características dos jogadores do plantel. Para além deste aspeto, a observação, análise e interpretação do desempenho da própria equipa e seus adversários é fundamental para o controlo do processo de treino e antecipação das características do jogo seguinte, que deverão, segundo Ventura (2013), ser consideradas e aplicadas no planeamento do processo de treino.

Por fim, importa salientar que a análise de jogo deve ser uma área com algum investimento por parte dos clubes, dado que o treinador Marco Silva (em entrevista realizada em 2013, disponível em anexo) refere o seguinte: “*Sabemos que hoje em dia, cada vez os clubes têm maiores dificuldades financeiras, e com um bom gabinete de scouting, podemos rapidamente antecipar-nos a outros clubes e se calhar conseguir jogadores... bem mais acessíveis do que se calhar numa altura em que toda a gente está atenta a esses mesmos jogadores*” (sic). Esta declaração reforça a ideia de que esta área deverá ser de grande relevância para os clubes em Portugal, visto que as condições económicas não lhes permitem possuírem orçamentos para adquirirem jogadores de “topo”.

1.2. Caracterização do contexto de Estágio

1.2.1. Caracterização geral do Estoril Praia

A empresa Traffic Sports estabeleceu uma parceria com o Estoril-Praia, Futebol – SAD em 2009, sendo atualmente o maior acionista do clube (75% das ações), tendo como presidente o Sr. Tiago Ribeiro. Desde a tomada de posse da empresa a equipa profissional conseguiu a subida à Primeira Liga Portuguesa na época 2011-2012 e, na época 2012-2013, uma qualificação para as competições europeia (3ª pré-eliminatória da Liga Europa), com um 5º lugar na Primeira Liga Portuguesa. No entanto a melhor classificação da equipa data da época de 1946-1947, onde alcançou o 3º lugar, salientando-se ainda uma final da Taça de Portugal perdida em 1943-1944.

1.2.2. Caraterização geral das condições de trabalho

As condições de trabalho no Estoril-Praia são boas. As instalações físicas são: dois balneários para as equipas; um balneário para a equipa de arbitragem; um balneário/sala de reuniões para a equipa técnica; uma sala de imprensa; um ginásio equipado; um departamento médico; seis escritórios (Treinador, Diretor desportivo, Administradores e Presidente); um estádio com campo para treinar e jogar; um espaço com relva para o treino de guarda-redes.

Ao nível dos recursos informáticos, o Estoril-Praia possuía os instrumentos necessários à prática do secretariado - computadores, impressoras, etc. - bem como instrumentos para projeção de informação na sala de imprensa. Para o trabalho de observação, relativamente à obtenção dos jogos das equipas adversárias e prospeção do clube, utilizava-se a plataforma online *WyScout*, cuja base de dados possui uma grande variedade de campeonatos ao nível mundial.

O clube revela uma clara deficiência no departamento de observação e análise do jogo: não existe qualquer espaço físico no clube para o mesmo. A prospeção do clube é feita pelos treinadores e diretor desportivo em colaboração com observadores sem vínculo contratual. Mesmo ao nível das observações do adversário de forma direta, o clube só possui um observador que se desloca aos jogos na região norte do país. Com a minha entrada na equipa técnica, tornou-se possível cobrir a área de Lisboa e Setúbal, fornecendo dessa forma uma alternativa válida para a observação direta dos adversários.

1.2.3. Papel do Estagiário na Equipa Técnica

Na tabela 1 estão expostos os elementos que constituem a equipa técnica e o diretor desportivo.

Tabela 1 – Funções da equipa técnica do Estoril-Praia

Nome	Função
Mário Branco	Diretor Desportivo
Marco Silva	Treinador Principal
Fabiano Soares	Treinador Adjunto
João Pedro	Treinador Adjunto
Gonçalo Pedro	Preparador Físico
António Cerdeira	Treinador de Guarda-Redes
Ricardo Figueiredo	Observador/Analista

As minhas pretensões residem em entrar no mundo do futebol profissional como treinador principal ou adjunto, mas, estando ciente de que as minhas competências atuais não são adequadas para exercer tal cargo, optei por especializar-me numa área de análise de jogo, por considerá-la indispensável para o atual sucesso desportivo dos clubes de Futebol.

Considerando os objetivos pretendidos, incorporaram-me na equipa técnica como observador das equipas adversárias da 1ª Liga, estando presente nas reuniões de equipa e de observação ou apoio no processo de treino, de acordo com as necessidades da equipa.

Considerando a conjectura em que fui inserido, as minhas funções passaram essencialmente por:

- Observação dos adversários Estoril-Praia (1ª liga);
- Participação nas reuniões de equipa técnica com discussão de diversos assuntos do treino e análise do adversário;
- Auxílio na criação dos vídeos sobre o adversário em conjunto com o preparador físico;
- Auxílio, se necessário, no processo de treino;
- Gravação dos jogos da equipa em casa.

1.2. Finalidade e Objetivos do Relatório de Estágio

Tendo em conta a minha área de intervenção no clube, bem como a literatura atual, a finalidade deste relatório é:

- Apresentar um modelo de relatório de observação, que se baseie na literatura sobre o tema da observação e análise do jogo, e a forma e conteúdo da observação pretendida pelo treinador;
- Relacionar o processo de treino com o modelo de jogo, através da identificação dos exercícios e a sua relação com os princípios de jogo definidos pela equipa técnica;
- Relacionar o modelo de jogo com a informação proveniente da observação da equipa e das equipas adversárias, identificando de que forma ocorre esta relação;
- Relacionar o processo de treino com o processo de observação, procurando inferir a forma como o treino é influenciado pela observação da equipa e dos adversários;
- Entender a relação entre modelo de jogo, modelo de treino e modelo de observação e análise do jogo;

- Identificar as diferenças no processo de treino entre um microciclo com uma competição e um com duas.

1.3. Estrutura do Relatório de Estágio

Este relatório de estágio encontra-se dividido em seis capítulos relacionados entre si, excetuando o capítulo cinco que diz respeito a um tema distinto. O presente capítulo visa apresentar: o enquadramento conceptual do estágio; a caracterização do contexto; as tarefas do estagiário; as finalidades e os objetivos do relatório.

O segundo capítulo diz respeito ao enquadramento conceptual de suporte à prática profissional, onde será apresentada uma breve revisão de literatura que trace o estado-da-arte nos temas que suportam a atividade do estagiário e o trabalho desenvolvido. Neste capítulo serão abordados de forma sucinta as características do jogo de futebol e as abordagens que se podem ter para o seu estudo, a modelação do jogo como forma de simplificação e representação da sua complexidade, bem como a conceção, construção e operacionalização de um modelo de jogo. Por fim, desenvolvem-se a temática da observação, análise e interpretação do jogo, definindo os objetivos e características principais destas etapas de descodificação das tendências de jogo das equipas.

O terceiro capítulo aborda a realização da prática profissional, onde se encontram cinco subcapítulos. O primeiro explica o guião da entrevista realizada ao treinador principal, a qual delineou os subcapítulos seguintes: modelo de jogo; modelo de treino; modelo de relatório; operacionalização e controlo da prática.

No segundo subcapítulo caracteriza-se o modelo de jogo do Grupo Desportivo Estoril-Praia, com base nas informações recolhidas da entrevista ao treinador e da metodologia qualitativa de observador participante da equipa em treino e em competição.

Para o modelo de treino é apresentada uma relação entre este e o modelo de jogo no período competitivo, escolhido pela equipa técnica como o momento de operacionalizar o modelo de jogo.

No subcapítulo seguinte apresenta-se a estrutura do modelo de relatório, baseado na literatura e na entrevista ao treinador, explicando ainda como foram efetuadas as observações aos adversários.

Por fim, o subcapítulo da operacionalização e controlo da prática profissional apresenta um cronograma com toda a atividade de observação realizada ao longo do estágio, expondo exemplos ilustrativos de relatórios de análise do adversário.

O quarto capítulo deste relatório consiste no estudo de caso de natureza qualitativa sobre a adaptabilidade estratégico-tática do Grupo Desportivo Estoril-Praia na 1ª

Liga 2013/2014, relacionado a observação e análise dos adversários com a planificação estratégico-tática da equipa para a competição.

O quinto capítulo trata o planeamento, operacionalização e análise de uma ação de formação para a comunidade, na forma de um seminário sobre o “Papel do Treinador nas Organizações Desportivas”. Este seminário procurou debater o papel atual que o treinador deverá desempenhar numa organização desportiva profissional, para além da gestão do processo de treino e competição per si.

Finalmente, no sexto capítulo realiza-se uma reflexão e síntese sobre o trabalho desenvolvido ao longo do estágio, onde se relacionam criticamente os conteúdos descritos e aprofundados no relatório, finalizando com as perspetivas futuras de desenvolvimento pessoal e profissional.

2. Revisão de Literatura

2.1. O jogo de Futebol

O futebol é uma das modalidades englobada, pelo conjunto de características que possui, nos jogos desportivos coletivos. Garganta e Pinto (1998) referem que a relação de oposição e cooperação entre os elementos das duas equipas em confronto, desenvolvidas no contexto de imprevisibilidade, marcam a natureza dos jogos desportivos coletivos, classificando-o como um jogo de oposição. Dado que o jogo de Futebol é desenvolvido em cenários com um grande número de fatores (Sarmiento, Pereira et al., 2014; Garganta & Gréhaigne, 1999), podemos considerar o jogo como um fenómeno complexo. Garganta e Gréhaigne (1999) sugerem que o jogo de futebol pode ser considerado como um sistema, pois manifesta propriedades como: possui componentes que integram outros sistemas; comporta processos de decisão e decisões; possui possibilidades de modificação; existe um objetivo e unidades de avaliação para o sucesso.

De acordo com Couture e Valcartier (2007), um sistema complexo caracteriza-se por um conjunto de componentes em interação, criando uma dinâmica de padrões que operam no espaço e no tempo. Para Duarte e Frias (2011), as equipas podem ser encaradas como sistemas complexos, dado que os movimentos dos jogadores durante o jogo são altamente coordenados, formando comportamentos coletivos coerentes.

Neste contexto, McGarry et al. (2002) define equipa como um sistema não linear auto-organizado. Button et al. (2012) explica que as equipas desportivas aderem à auto-organização através de dois princípios de auto-organização. O primeiro refere que o todo vai para além da soma dos elementos, dado que as interações que se estabelecem entre os componentes do sistema permitem atingir objetivos, que individualmente não

seria possível. O segundo princípio diz respeito à sensibilidade das equipas às condições iniciais, i.e., devido à interação dos elementos do sistema, uma pequena alteração pode provocar efeitos de grandes ou pequenas dimensões. Por outro lado, a não linearidade do sistema deve-se à incerteza e incapacidade de prever, anteriormente, como irão interagir os elementos do sistema em cada instante. Desta forma, o sistema varia entre estados de estabilidade e momentos de instabilidade, que promovem a necessidade de transição para novos momentos auto-organizados de estabilidade. Nesta linha de raciocínio, o treinador é entendido como um agente, em certo sentido externo à equipa, que pela sua ação consegue constranger o nível de desempenho dos seus jogadores e o crescimento global da sua equipa.

2.2. O Treinador

Segundo Flores, Forrest e Tena (2012), o papel do treinador, de uma forma geral, passa pela responsabilidade do sucesso desportivo da sua equipa e pelo alcance das metas/objetivos do clube definidos pela organização ou direção. Para tal, o treinador é responsável, de acordo com os autores, pelo recrutamento de jogadores e a sua gestão ao longo da época.

Mais especificamente, as funções do treinador passam por planear o processo de treino da equipa para a competição (Garganta & Gréhaigne, 1999; Castellano & Alvaréz, 2013; Sarmiento, Pereira et al., 2014), observar as execuções dos jogadores e as dinâmicas da própria equipa, de acordo com as estratégias definidas para defrontar os adversários, em suma, observar e analisar o comportamento dos jogadores no jogo. Se consideramos o trabalho do treinador no quotidiano, definimos que a sua rotina de trabalho passa, de acordo com Sarmiento, Pereira et al. (2014), pela preparação, observação, avaliação e intervenção. A primeira diz respeito à implementação de critérios para definir as estratégias eficazes de observação do jogo ou dos exercícios do treino. A segunda prende-se com a observação das equipas adversárias (*in loco*) e da própria equipa em competição, seguindo critérios definidos anteriormente. A terceira tarefa passa por analisar e interpretar a informação obtida anteriormente para criar planos de intervenção que maximizem o rendimento. Por fim, a intervenção diz respeito à operacionalização, no microciclo de treino, onde o treino adapta e modifica os exercícios às particularidades da competição futura.

Por fim, o treinador deve fornecer feedback sobre o rendimento dos jogadores em competição (Castellano & Alvaréz, 2013) e criar uma ideia central designada, de acordo com Trapp (1975, citado por Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 44), conceção de jogo ou modelo de jogo, para promover a organização do jogo, através de conjunto de regras de ação e gestão dos momentos do jogo (Catlin, 1994, citado por Garganta &

Gréhaigne, 1999, p. 44). De facto, vários autores defendem que todo o clube deve ter um modelo de jogo que crie um quadro prévio de referências, princípios de ação e regras de gestão, como forma de direcionar e regular o processo de treino (Garganta & Pinto, 1998; Garganta, 2000; Leal & Quinta, 2001).

2.2.1. Triângulo de intervenção

Considerando as funções do treinador expostas anteriormente, podemos afirmar, segundo Castelo (2009, citado por Sarmiento, Pereira et al., 2014) que o treinador se encontra numa tríade composta pelo modelo de jogo, modelo de treino e modelo de análise do jogo. As funções inerentes à profissão de treinador de futebol tocam estas três dimensões diariamente.

O modelo de jogo é considerado o ponto de partida para o planeamento do processo de treino (Garganta & Pinto, 1998; Garganta, 2000; Leal & Quinta, 2001) e deve estar sempre presente neste (Resende, 2002), através dos exercícios realizados (Azevedo, 2011). O modelo de treino consiste na definição da estrutura do processo de treino que permite operacionalizar e estabelecer uma elevada correlação com o modelo de jogo, que materializa as ideias do treinador (Mesquita, 2000) através do exercício de treino. Por fim, o modelo de análise, considerado fundamental para o controlo do processo de treino em função do jogo (modelo de jogo) apresentado pelas equipas em competição (Sousa, 2005; Vázquez, 2012). Este modelo de análise deve fazer parte do processo de decisão que o treinador realiza constantemente sobre os seus jogadores em treino e em competição, quer da sua equipa, quer dos adversários.

A figura 1 apresenta um esquema ilustrativo dos três vértices de intervenção do treinador e das tarefas inerentes ao processo de trabalho de um treinador.

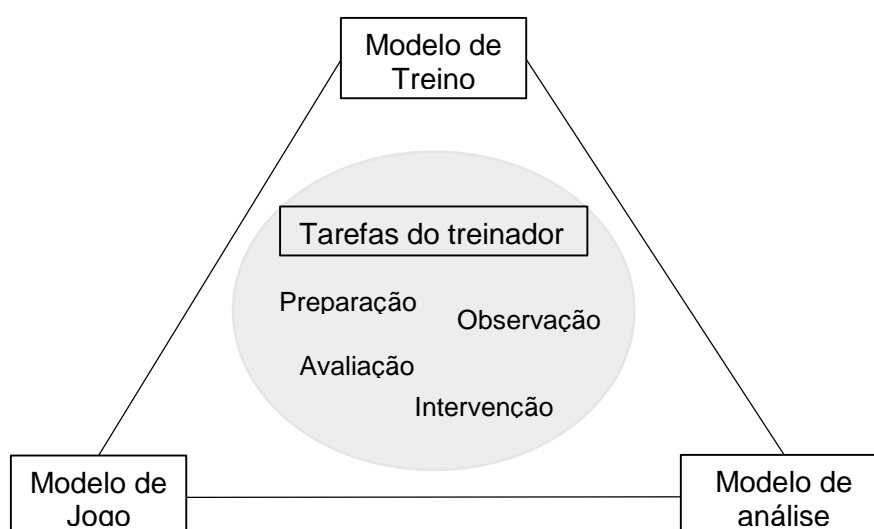


Figura 1 - Áreas de intervenção de um treinador.

2.2.2. Modelo de Jogo

A modelação do jogo de futebol visa condicionar e orientar o processo de planeamento e programação do treino para a conceção e operacionalização de uma forma de jogar específica (Azevedo, 2011). A modelação de sistemas complexos como uma equipa de futebol permite a criação de sinergias entre grupos de jogadores, que irão direccionar as suas ações e interações, assim como permitir avaliar os processos de treino e de jogo (Azevedo, 2011). Para Leal e Quinta (2001), a criação de modelos constitui um pressuposto essencial que dinamiza e orienta a definição de objetivos e seleção dos meios mais adequados para o processo de treino.

O modelo de jogo representa a forma como os jogadores estabelecem as relações entre si e expressam a sua identidade, i.e., representa uma organização, manifestada regularmente, para cada momento (Azevedo, 2011) O modelo de jogo é uma conjectura de jogo do treinador que é constituída por princípios comportamentais definidos em diferentes escalas ou níveis de complexidade, para os diferentes momentos do jogo (organização ofensiva, organização defensiva, transição ataque-defesa e transição defesa-ataque), e que se articulam entre si para criar uma identidade coletiva (Oliveira, 2004), que, como designam Frias e Duarte (2011), constitui a impressão digital da equipa. Azevedo (2011) refere que os princípios, subprincípios e subprincípios dos subprincípios, articulados entre si e representativos de cada momento de jogo, criam uma organização funcional própria e caracterizadora da identidade de uma equipa.

Para finalizar, o modelo de jogo consiste numa conceção de jogo idealizada pelo treinador que engloba uma série de fatores considerados necessários para a organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa. Dentro desses fatores existem os princípios, métodos e os sistemas de jogo, bem como todo um conjunto de atitudes, comportamentos e valores que permitem caracterizar a organização dos processos individuais e, fundamentalmente, dos processos coletivos da equipa (Leal & Quinta, 2001). Os princípios de jogo, ou do modelo de jogo, são um conjunto de regras orientadoras da ação do jogador na busca das soluções mais adequadas para os problemas do jogo (Garganta & Pinto, 1998).

2.2.2.1 Tendências evolutivas do jogo

De acordo com Garganta (1997), a modelação do jogo pode ser utilizada para identificar a configuração de padrões de jogo que estejam associados aos fatores de sucesso e insucesso das equipas, logo, a construção dos modelos de jogo seguem as tendências evolutivas do jogo, pois devem considerar os fatores de rendimento mais representativos da atualidade.

Sarmiento et al. (2013), num estudo com treinadores de elite portugueses, demonstrou que, para os treinadores, o estilo de jogo das equipas é influenciado pela cultura de jogo do país, de fatores tático-estratégicos, das características dos jogadores e da filosofia do treinador.

Para Castellano e Alvaréz (1999), a evolução do jogo pode ser resumida em três fases. A primeira diz respeito à ênfase dada ao processo ofensivo, com uma disposição dos jogadores no campo em triângulo com base na baliza do adversário (maior número de atacantes do que defesas). Numa segunda fase, inverte-se o triângulo, passando o foco para o processo defensivo. A terceira fase, correspondente à atualidade, caracteriza-se pelo reforço do meio campo como elemento dominante dos sistemas de jogo modernos. De acordo com a última fase definida, percebemos que os sistemas táticos e a organização funcional das equipas passam por uma maior ocupação do corredor e sector central. Este aspeto está patente nos estudos realizados por Barreira, Garganta, Machado e Anguera (2013), onde se verificou que as equipas tendem a recuperar mais vezes a bola na zona central do meio campo defensivo.

Recuperação de bola através de um comportamento coletivo seguida por um passe está associada, segundo Barreira et al. (2013), com tentativas de finalização na transição ofensiva. Isto revela a grande importância da qualidade do 1º passe na transição defesa-ataque, como forma de aproveitar a desorganização adversária. De facto, Sarmiento, Pereira et al. (2014), fundamentando com a opinião dos treinadores inquiridos no seu estudo, sugerem que as equipas procuram explorar os momentos de instabilidade do jogo, nomeadamente as transições ofensivas como forma de explorar a desorganização da estrutura adversária. Por fim, estes mesmos autores (2014) identificaram que a ligação entre os momentos de organização no jogo, i.e., a transição entre estes, é vista pelos treinadores como uma tendência evolutiva do jogo, ou seja, os treinadores consideram-na como um dos aspetos do futebol com maior desenvolvimento na atualidade. Desta forma, consideramos que os momentos de transição ofensiva e defensiva deverão ser aspetos do modelo de jogo mais trabalhados e organizados atualmente.

Ao nível do comportamento coletivo no momento de organização defensiva, uma das tendências evolutivas é a utilização da defesa à zona (Amieiro, 2005). Neste sentido, Castellano e Alvaréz (2013), identificaram que equipas espanholas de elite tendem a ocupar uma área média de 36,8 metros de largura por 33,8 metros de profundidade durante o seu processo defensivo. A colocação da linha defensiva dista, em média, 33 metros da baliza adversária. Considerando um campo de 100 metros de profundidade e 50 metros de amplitude, podemos considerar que as equipas procuram defender no

terço de campo intermédio com uma distância entre sectores (defensivo, médio e avançado) muito reduzido e, como tal, podemos considerar que as equipas tendem a defender como um bloco compacto, numa zona média do campo. Uma das conclusões de Castellano e Alvaréz (2013) diz respeito ao facto da largura da equipa ser superior à sua profundidade durante o processo defensivo, apesar do campo de futebol possuir, aproximadamente, uma profundidade duas vezes superior à largura. Isto sugere um reforço da ideia anterior sobre a coesão do bloco defensivo, nomeadamente através da compactação das suas linhas em profundidade.

Por fim, os aspetos referentes aos esquemas táticos (bolas paradas), parecem ganhar grande preponderância na conceção dos modelos de jogo das equipas, dado que, segundo as informações retiradas dos treinadores no estudo de Sarmiento, Pereira et al. (2014), a utilização das bolas paradas (esquemas táticos) é vista como uma forma de criar situações que destabilizam o adversário, p.e., marcar lançamentos e faltas rapidamente impedindo o adversário de se organizar. É também hoje conhecido que mais do que 30% dos golos obtidos em competições internacionais tende a ser convertido a partir de esquemas táticos, o que demonstra a importância dos treinadores cuidarem com detalhe estes contextos específicos do jogo (Mombaerts, 2000).

2.2.3. Modelo de Treino

De acordo com Azevedo (2011), ao contrário da reduzida interferência que é permitida ao treinador na competição, o treino permite-lhe gerir e influenciar os jogadores na construção de uma determinada identidade coletiva. Assim, segundo Mesquita (2000), o exercício de treino é o local onde o treinador materializa as suas ideias e intenções e onde os atletas aprendem o conteúdo do treino e do jogo.

O processo de treino visa desenvolver comportamentos de jogo específicos, i.e., a construção de uma 'forma de jogar' que advém da organização comportamental nos momentos defensivos, ofensivos, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa (Silva, 2008). Desta forma, o exercício deve adquirir uma configuração específica representativa dos comportamentos, individuais e coletivos, que se pretendem estimular e/ou consolidar, que conduzam os jogadores e a equipa a uma melhoria qualitativa e quantitativa do desempenho (Oliveira, 2004).

2.2.3.1. Representatividade e Especificidade

Para Queiroz (1986), a estrutura e organização dos exercícios devem procurar representar as condições de variabilidade características da estrutura e conteúdo do jogo, ou seja, os exercícios devem estar adaptados à realidade do

jogo, podendo ser mais ou menos complexos, respeitando sempre os princípios de aleatoriedade e imprevisibilidade do jogo.

Segundo Araújo (2010), vários estudos sugerem a importância da representatividade das tarefas em que a informação contextual orienta a ação do jogador rumo a um objetivo comportamental da tarefa. As tarefas de treino representativas necessitam de considerar a natureza dinâmica do jogo (Araújo, 2010; Pinder, Davids, Renshaw & Araújo, 2011), logo, é necessário que os exercícios: i) mantenham a complexidade das tarefas de decisão presentes no contexto do jogo; ii) sejam concebidos para que a percepção de uma fonte de informação permita a realização de juízos fiáveis sobre esta; iii) incluam situações dinâmicas que evoluam e apresentem decisões inter-relacionadas; iv) permitam que os praticantes possam agir no contexto de forma a detetar a informação que guia as suas ações em função dos seus próprios objetivos. Estas características permitem que os exercícios mantenham as relações entre percepção e ação específicas dos contextos de desempenho (Pinder et al., 2011).

A especificidade do exercício de treino só existe na relação constante das componentes tático-técnicas individuais e coletivas, psicocognitivas, físicas e coordenativas, correlacionadas de forma permanente com os princípios de jogo do modelo de jogo adotado pelo treinador (Pereira, 2006). Oliveira, Amieiro, Resende e Barreto (2006), referindo-se à metodologia de treino de José Mourinho, revelam a importância da representatividade do exercício de treino no contexto das ideias e dos princípios inerentes ao modelo de jogo, enfatizando aquilo que denominam de supraprincípio da especificidade, como norteador de todo o processo de treino.

Percebemos que especificidade diz respeito à relação entre o estímulo e a adaptação do indivíduo, enquanto a representatividade representa a forma como os exercícios e processo de treino possuem os elementos da natureza tática do jogo de futebol como forma de permitir manter as relações entre percepção e ação do jogo (Pinder et al., 2011). Assim, a especificidade do exercício procura relacionar, de acordo com Pereira (2006), este com o modelo de jogo e as competências tático-técnicas individuais e coletivas, psicocognitivas, físicas e coordenativas dos jogadores. Desta forma, procura-se adaptar o comportamento do jogador de acordo com as ideias de jogo e as componentes descritas anteriormente.

Segundo Pinder et al. (2011), o termo de *representative learning design* tem sido proposto para sublinhar a importância de ambientes de aprendizagem representativos para desenvolver as competências. Segundo o trabalho de Healdrick, Renshaw, David e Pinder (2014), podemos considerar representatividade como a relação entre as informações chave do ambiente para a ação do indivíduo, através de acoplamentos de percepção-ação, que promovem a emergência de comportamentos por parte do indivíduo. Em suma, representatividade da tarefa prende-se com a existência de um contexto que possua os elementos chave para a criação de acoplamentos de percepção-ação por parte do indivíduo, através da interação deste com o próprio contexto da tarefa.

2.2.4. Modelo de Análise do Jogo

De acordo com Amieiro (2005) e Castelo et al. (2000), uma equipa profissional deve conhecer a forma de jogar da equipa adversária para ter informação sobre as qualidades do adversário no plano técnico, tático, físico e psicológico

Ventura (2013) define como principal objetivo da observação e análise de jogo obter informação detalhada, e de qualidade, da atividade competitiva da sua equipa e dos adversários, com vista ao controlo e operacionalização do processo de treino. Garganta (1997) defende a observação e análise de jogo como uma forma de interpretar a organização e as ações que promovem a qualidade do jogo, e tornar os conteúdos do treino mais específicos, por forma a estabelecer planos táticos mais adequados (Ventura, 2013; Sarmiento, Pereira et al. 2014). Ventura (2013) reforça que o ensino ou treino está intimamente dependente de uma análise que permita melhorar a performance desportiva, para induzir mudanças comportamentais nos atletas. Vázquez (2012) complementa esta ideia, referindo que a análise da própria equipa procura comprovar em que medida um conjunto de ações dos jogadores vão ao encontro do plano de jogo preparado anteriormente.

A análise de jogo está relacionado com a avaliação da própria equipa e dos adversários, como forma de, posteriormente à análise, adaptar o processo de treino para preparar a equipa para a competição (Ventura, 2013). Esta ideia encontra-se expressa no estudo de Sarmiento, Pereira et al. (2014), sugerindo que os treinadores portugueses tendem a adaptar o seu processo de treino, com a alteração dos exercícios ou de variantes de exercícios, em função das características do adversário.

2.2.4.1. Os momentos do jogo

A divisão do jogo de futebol em momentos de jogo não procura quebrar a sua lógica, pois estes momentos estão articulados e acontecem numa dependência relacional mútua, conferindo ao jogo um caráter fluído, contínuo e não faseado ou quebrado (Azevedo, 2011). O entendimento do jogo segundo os quatro momentos permite reduzir a complexidade sem perder a articulação com o todo, devido à relação entre os momentos. De facto, existem diversos estudos que procuram estudar um momento específico do jogo (p.e. Sarmiento, Anguera et al. 2014). Contudo, num outro estudo de Sarmiento, Pereira et al. (2014), ficou claro que os treinadores portugueses tendem a analisar o jogo de futebol dividindo-o em quatro momentos de jogo: organização ofensiva; organização defensiva; transição defesa-ataque; transição ataque-defesa. Realçar que os treinadores revelaram que, para além dos momentos de jogo, analisam aspetos como as bolas paradas (esquemas táticos) ofensivas e defensivas e as características individuais dos jogadores.

2.2.4.2. Análise Quantitativa versus Análise Qualitativa

O jogo de futebol é caracterizado pela sua complexidade, que torna difícil objetivar a sua observação e análise (Sarmiento, Barbosa, Campaniço, Anguera & Leitão, 2013, citado por Sarmiento, Anguera et al., 2014). Assim, a análise qualitativa tem ganhado importância e interesse para as ciências do desporto, como forma de entender aspetos aparentemente não mensuráveis através de procedimentos quantitativos (Sarmiento et al. 2013).

A análise quantitativa e notacional procura prever futuras performances, atuando na premissa de que eventos que tenham ocorrido irão realizar-se novamente de uma forma previsível observada anteriormente (Sarmiento, Anguera et al, 2014). James (2012) refere que a análise notacional e quantitativa baseia-se no princípio de que qualquer performance observada é consequência de fatores como a aprendizagem, habilidades motoras e variáveis situacionais e, como tal, uma performance terá uma grande probabilidade de ocorrer novamente no futuro. No entanto, O'Donoghue (2009) refere que a análise da performance exclusivamente quantitativa nem sempre permite explicar os contextos, principalmente aqueles que, pela sua complexidade, podem possuir um conjunto de justificações para os dados recolhidos.

Existe, atualmente, uma tendência para aceitar que nenhuma das duas análises, quantitativa e qualitativa, é melhor do que a outra, considerando que cada uma oferece uma forma de entender e abordar o estudo da atividade física e do desporto (Anguera, Camerino & Castañer, 2012, citado por Sarmiento, Anguera et al., 2014, p. 413), o que

leva recentemente à adoção dos designados métodos mistos. Contudo, Sarmento, Pereira et al. (2014) identificaram que os treinadores portugueses tendem, na operacionalização da sua análise do jogo, a utilizar essencialmente um método de análise qualitativo dos padrões coletivos das equipas.

2.2.4.3. Etapas e Procedimentos para uma boa Análise de Jogo

Os treinadores inquiridos por Sarmento, Pereira, et al. (2014), sugerem que é essencial um conhecimento sobre o jogo de futebol para se poder analisá-lo. Desta forma, os treinadores consideram que é muito importante que o analista faça parte da equipa técnica e que se encontre presente no treino, fornecendo ao analista uma conceção de jogo semelhante à do treinador. Segundo os treinadores inquiridos, este é um aspeto importante quando procuram o apoio de analistas.

O processo de observação e análise de um jogo pode ser estruturado em 3 momentos, a preparação, a observação e a avaliação/diagnóstico (Sarmento, Pereira et al. 2014). Lopes (2005) refere-se também a este processo, dividindo-o em procedimentos a ter em conta antes, durante e depois da observação.

Antes da observação deve-se planear os conteúdos alvo de análise para evitar direcionar a atenção do analista apenas para situações acidentais (Lopes, 2005; Sarmento, Pereira et al., 2014), definindo uma estratégia de observação. Para além disto, devem-se considerar o número de jogos a observar, sendo que é aconselhado que pelo menos uma das observações do adversário deverá ser realizada *in loco*, ou seja, através de observação direta (Boloni, 2002; Sarmento, Pereira et al., 2014). Esta deverá ser feita o mais próximo possível da competição (Lopes, 2005). Realçar que os treinadores inquiridos por Sarmento et al. (2014) referiram a necessidade de observar mais que um jogo, enquanto, Lopes (2005) e Ventura (2013) referem a necessidade de observação de pelo menos 3 jogos, completando que duas destas deverão acontecer em situação contextual semelhante à competição (Azenha, citado *in* Ventura, 2013; Lopes 2005). Durante a observação, o elemento responsável deve colocar-se num lugar elevado em relação ao relvado, com alguma distância dos adeptos para evitar distrações. Deve ter uma máquina, bloco de notas ou câmara de filmar e consultar o programa de jogo caso seja possível (Lopes, 2005). Para Sarmento, Pereira et al. (2014), Castelo (2000, 2003, 2004), Garganta (2001) e Pereira (citado *in* Ventura, 2013), para a recolha de informação deve-se ter em consideração as seguintes categorias de observação: os 4 momentos do jogo (organização ofensiva, organização defensiva, transição ofensiva e transição defensiva), com descrição das dinâmicas globais e dos padrões comportamentais coletivos, sectoriais, intersectoriais e individuais; os esquemas táticos (bolas paradas); e as características individuais dos jogadores. Segundo vários estudos citados por Ruiz-Ruiz,

Fradua, Fernandez-García e Zubillaga (2013), as variáveis de contexto como o resultado do jogo, jogador expulso ou desvantagem numérica, local do jogo e a qualidade da oposição têm uma grande influência na performance ou comportamento das equipas. Neste sentido, equipas que estão a ganhar, apresentam normalmente um comportamento mais defensivo, enquanto equipas a perder apresentam um comportamento mais ofensivo (Machado, Barreira & Garganta, 2014), devendo o analista ser sensível a estes aspetos durante a observação.

Depois da observação devem analisar as forças e as fraquezas do adversário e interpretar essas características comportamentais com o modelo de jogo e jogadores da equipa. Esta interpretação corresponde a uma etapa fundamental em que se deve incorporar as conclusões do processo de observação e análise do adversário na planificação estratégico-tática e na programação do treino, transmitindo deste modo as informações mais relevantes aos jogadores (Lopes, 2005; Sarmento, Pereira et al., 2014). Carling, Williams e Reilly (2005) apresentam um esquema (figura 2) que resume quais as atividades que o treinador realiza e a sua sequência.

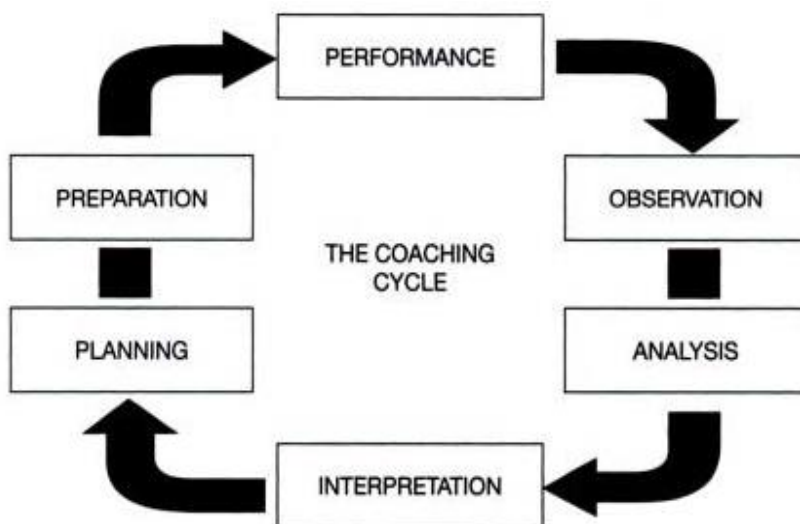


Figura 2 - The Coaching Cycle, highlighting the importance of observation and analysis, retirado de Carling et al. (2005)

3. Realização da prática profissional

3.1. A Percepção do Treinador

Como forma de conceber a operacionalização da prática profissional, começamos por realizar uma entrevista semiestruturada ao treinador Marco Silva, no dia 3 de Julho de 2013, realizando uma análise qualitativa de conteúdo (Sarmiento et al., 2013; Sarmiento, Pereira et al., 2013). Com esta entrevista procuramos extrair a sua percepção sobre as três áreas estruturantes do treino: o modelo de jogo, o modelo de treino e o modelo de análise de jogo. O guião da entrevista (anexo 1) está estruturado por três áreas, cada uma referente a um vértice deste importante triângulo conceptometodológico.

A primeira área respeitante ao modelo de jogo, encontra-se dividida em 4 momentos: *organização ofensiva; organização defensiva; transição ataque-defesa; transição defesa-ataque.*

No primeiro momento procurou-se identificar o sistema e o método de jogo utilizado no processo ofensivo, passando posteriormente para os comportamentos sectoriais e individuais de suporte a estas ideias, utilizando questões adicionais para focar o treinador nos aspetos pretendidos. Por fim, procurou-se conhecer a opinião do treinador sobre circulações táticas pré-definidas e a sua utilização na equipa.

Para a organização defensiva, questionou-se qual o sistema utilizado (verificando se este diferia do processo ofensivo), assim como o método de jogo defensivo utilizado. Posteriormente procurou-se identificar os correspondentes comportamentos sectoriais e individuais dos jogadores, utilizando questões adicionais para focar o treinador em posições ou sectores específicos.

Seguidamente procurou extrair-se o modo como o treinador concebia as suas transições, identificando os comportamentos que os jogadores, perto e longe da zona de ganho/perda da bola, deveriam manifestar. Questionou-se ainda a sua percepção acerca da influência da zona de perda/recuperação da bola nos comportamentos pretendidos.

A segunda área dizia respeito à conceção do processo de treino, onde se procurou obter a percepção do treinador acerca da dinâmica da carga de treino ao longo do microciclo, assim como a estruturação global da semana de trabalho e as conseqüentes variações em função da densidade competitiva (um jogo ou dois jogos por microciclo).

Por fim, na terceira área procurámos extrair a percepção do treinador relativamente à vasta área do *scouting*, com particular ênfase para a observação e análise dos adversários, uma vez que esta é a área central de intervenção do Treinador Estagiário. Neste assunto particular, questionou-se o treinador acerca da sua percepção sobre a

importância e modo de operacionalização da adaptabilidade estratégico-tática da equipa em função das observações efetuadas às equipas adversárias. Finalmente, procurou conhecer-se a forma como o treinador gostava de ver organizada e apresentada a informação sobre adversárias, questionando sobre as informações que este considerava serem mais importantes constar na produção do relatório de análise aos adversários.

3.2. Modelo de Jogo

3.2.1. Caracterização geral

A caracterização do modelo de jogo tem por base uma metodologia de observador participante, conjuntamente com informações recolhidas da entrevista realizada ao treinador.

A equipa técnica procurou construir uma forma de jogar que mantivesse o controlo do jogo através da manutenção da posse de bola, impedindo o adversário de ter a iniciativa do jogo através desta. Para que isso fosse possível, incutiu nos jogadores uma mentalidade agressiva, vontade de assumir o jogo, procurando sempre o golo e impedindo o adversário de jogar.

De acordo com Marco Silva, na conceção do seu momento ofensivo, refere: *“...ao nosso método ofensivo, um ataque planeado”* (...) *“A nossa organização ofensiva por natureza é um futebol apoiado”* (...) *“dinâmica muito grande dos nossos 3 jogadores por trás do avançado”* (...) *“passa por termos as 3 linhas do meio campo preenchidas”* (sic). Logo é preconizado um método ofensivo de ataque organizado com muita mobilidade dos jogadores mais ofensivos e com 3 linhas no meio campo (posição 6, 8 e 10). No momento de finalização, Marco Silva pretende *“No mínimo dois jogadores, tentamos sempre que um dos nossos médios também possa entrar dentro da área”*.

Para o método defensivo, Marco Silva procura, de acordo com as frases *“uma defesa zona pressionante”* (...) *“levar o jogo para zonas onde podemos ser mais pressionantes, neste caso, como eu disse também, para o corredor”* (...) *“Tentamos sempre ter a equipa equilibrada com o nosso médio mais posicional”* (sic), ter um método defensivo de Zona-Pressionante, com ênfase na pressão no corredor lateral, tendo na estrutura da equipa um médio mais posicional no corredor central.

Na transição Ataque-defesa, Marco Silva operacionalizou o seguinte *“queremos uma equipa pressionante a reagir rapidamente à perda da bola...”* (...) *“o jogador que está no momento de perder a bola tem uma importância muito grande”* (sic). Identificamos que na transição os jogadores devem reagir rapidamente e com particular ênfase na reação do jogador que perdeu a bola. Por outro lado, a transição defesa-ataque é preconizada como um momento que se pode explorar a desorganização defensiva do

adversário, no entanto, Marco Silva não pretende que a equipa procure sempre a profundidade nas costas da linha defensiva adversária, estando isto visível nas seguintes frases ““é um momento do jogo em que tentamos explorar algum desposicionamento do adversário” (...)”...não tenhamos de fazer logo uma ligação direta ao... logo tentar ganhar a profundidade nas costas da linha de defesa, por vezes tentamos retirar a bola da zona de pressão” (sic).

Com vista a uma maior organização defensiva e ofensiva, a equipa técnica decidiu iniciar os jogos num sistema tático de 1-4-2-3-1 (Figura 4), como forma de ocupar o terreno de jogo de forma racional. A equipa técnica concebeu dois sistemas alternativos: o 1-4-4-2 (Figura 3), quando procura maior presença ofensiva; o 1-3-2-3-2 (Figura 5), quando procura arriscar tudo para alcançar o golo.



Figura 4 - Sistema tático principal.



Figura 3 - Sistema tático alternativo 1



Figura 5 - Sistema tático alternativo 2.

Para a posterior operacionalização do modelo de jogo, este foi dividido em quatro momentos de jogo: organização ofensiva; organização defensiva; transição defesa-ataque; transição ataque-defesa. Esta forma de estruturar a conceção do modelo de jogo vai de encontro ao que Oliveira (2004) defende. Segundo Azevedo (2011), os princípios e subprincípios de jogo visam direcionar o comportamento dos jogadores, verificando-se esta ideia na conceção e operacionalização do modelo de jogo da equipa.

Nos próximos pontos irão ser apresentados os princípios e subprincípios dos quatro momentos de jogo, tanto coletivamente, como sectorialmente, como individualmente, estruturando estes em princípios macro, meso e micro. Serão apresentadas ilustrações para exemplificar alguns dos princípios descritos.

3.2.2. Organização Ofensiva

Ao nível da organização ofensiva, a equipa técnica operacionalizou um método de jogo ofensivo coerente com a ideia de uma equipa mantivesse o controlo do jogo através da manutenção da posse de bola e de muita dinâmica ofensiva. Na tabela 2 estão expostos os princípios para a execução do método de jogo pretendido, dividindo o processo ofensivo em três fases.

A 1ª fase de jogo diz respeito à criação de ações ofensivas, correspondendo à passagem da bola da linha defensiva para a linha de médios ou a passagem desta para o meio campo ofensivo. A 2ª fase de jogo baseia-se na criação de situações de finalização, correspondendo à forma como a equipa tenta criá-la. Por fim, a 3ª fase de jogo diz respeito às situações de finalização, que corresponde à forma como a equipa se posiciona neste momento.

Na tabela 2 exibem-se os princípios e subprincípios que regem o comportamento dos jogadores no processo ofensivo.

Tabela 2 – Princípios e subprincípios da organização ofensiva.

Grande princípio de jogo		Procurar um jogo posicional com muita posse de bola.	
Fase de jogo	Setor	Subprincípio	Subprincípio de subprincípio
1ª Fase (criação de ações ofensivas)	Defensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Defesas centrais jogam em largura; - Defesas laterais jogam em amplitude e com muita profundidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Defesas centrais podem sair em condução quando têm espaço; - Procurar a linha de passe mais segura e mais perto; - Quando pressionados procurar a profundidade do Avançado (corredores laterais).
	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Médio procura criar superioridade com os centrais ou receber a bola na zona lateral; - Em caso de ter espaço podem sair em condução. 	<ul style="list-style-type: none"> - Procurar desmarcações de apoio para receber a bola.
	Ofensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Procurar desmarcações de apoio interiores para receber a bola; - Existir sempre um movimento em profundidade como uma solução de passe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avançado procura as costas dos laterais para a profundidade; - Extremos procuram desmarcações de apoio no espaço interior, ficando a largura para os laterais.
2ª Fase (criação de situações de finalização)	Defensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Subir a linha defensiva para a linha do meio campo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Centrais fornecem cobertura ofensiva ao portador da bola; - Laterais dão largura e profundidade ao jogo (situações de 2x1 no corredor).
	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Variar o centro de jogo com frequência, após alguns passes curtos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Médio mais fixo, e os outros com grande mobilidade; - Combinar com os jogadores mais perto, quando os adversários aumentam a pressão, virar rapidamente o centro de jogo.
	Ofensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Procurar combinações com os médios, com desmarcações de apoio; - Grande mobilidade e permutas entre os jogadores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Extremos alternam entre movimentos de apoio no corredor central e largura e profundidade no corredor contrário (quando bola no corredor contrário); - Avançado alterna entre apoios frontais e movimentos em profundidade com pequenas diagonais.

Tabela 3 - Continuação da tabela 2.

Fase de jogo	Setor	Subprincípio	Subprincípio de subprincípio
3ª Fase (Finalização)	Defensivo	- Subir a linha defensiva para a 2ª bola (bola que foi interceptada ou cortada e não se encontra na posse de nenhuma equipa).	- Centrais preparados para uma 2ª bola mais longa, e possível transição ofensiva adversária; - Laterais com alguma largura para 2ª bola em zonas laterais.
	Médio	- Aproximar-se das zonas de finalização.	- Medio ofensivo em zonas de finalização; - Médios mais recuados perto da área para 2ª bola.
	Ofensivo	- Finalizar.	- Extremo do lado contrário à bola ataca o 2º poste, avançado ao 1º ou zona do penalti, conforme a posição do medio ofensivo.

Exemplos



3.2.3. Organização Defensiva

Na conceção deste momento de jogo, a equipa técnica operacionalizou o método defensivo zona-pressionante. Tendo em consideração que, segundo Silva (2008), os momentos de jogo não estão dissociados e que devem ser coerentes entre si, entende-se que a equipa deve procurar recuperar a bola o mais rápido possível de forma a poder ter o controlo do jogo como já definido anteriormente.

Na tabela 4, expõem-se os princípios para a operacionalização do método defensivo pretendido, dividindo este nas mesmas três fases do processo ofensivo, sendo neste caso referente à forma como a equipa defende o processo ofensivo adversário.

Tabela 4 – Princípios e subprincípios da organização defensiva.

Grande princípio de jogo		Defender de forma agressiva através de uma zona pressionante.	
Fase de jogo do adversário	Setor	Subprincípio	Subprincípio de subprincípio
1ª Fase (criação de ações ofensivas)	Defensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Encurtar o espaço em relação a linha média; - Jogar com uma defesa em linha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Encurtar os espaços em relação aos jogadores imediatamente à sua frente; - Estar preparado para um passe em profundidade do adversário; - Coordenar os seus movimentos com os outros defesas, alinhando o seu posicionamento para criar uma linha defensiva horizontal.
	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Encurtar os espaços aos médios adversários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Medio ofensivo pressiona central, cortando linha de passe para o médio mais defensivo adversário; - Médios encurtam espaços, deslocando-se para os médios adversários.
	Ofensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Pressionar a linha defensiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avançado condiciona os centrais a optarem por um lado do campo e pressiona, alternando entre contenção e cobertura com o Medio Ofensivo; - Extremos procuram pressionar e fechar as linhas de passe para os laterais.

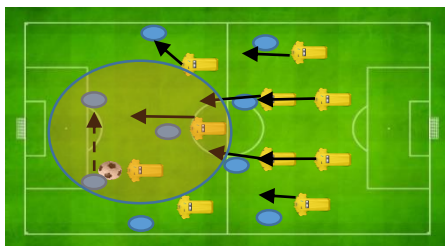
Tabela 5 – continuação da tabela 4.

Fase de jogo do adversário	Setor	Subprincípio	Subprincípio de subprincípio
2ª Fase (criação de situações de finalização)	Defensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Defesa em linha, jogando com o fora de jogo. - Central do lado do campo onde está a bola é a referência para a linha defensiva horizontal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Centrais sempre atentos à sua posição em relação aos laterais, estando sempre preparados para os movimentos de apoio ou de rutura do avançado; - Laterais coordenados com os centrais para criar uma linha defensiva horizontal, estando atentos às desmarcações dos extremos adversários.
	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Impedir a inferioridade numérica, promovendo a superioridade ou igualdade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Procurar pressionar os jogadores perto da bola, médio mais distante equilibra a equipa na zona central.
	Ofensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Impedir a inferioridade numérica, promovendo a superioridade ou igualdade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avançado procura ocupar a zona do 6 para impedir que a bola volte para este espaço; - Extremos muito atentos às subidas dos laterais, acompanhando-os para impedir situações de 2x1 com lateral.
3ª Fase (Finalização)	Defensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Marcação individual dentro da área; - Centrais sempre dentro da área. 	<ul style="list-style-type: none"> - Centrais e lateral do lado contrário procuram fechar a zona em frente à baliza em situações de cruzamento; - Lateral procura impedir cruzamentos ou fechar dentro quando bola do lado contrário.
	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Impedir a inferioridade numérica dentro da área; - Atenção à entrada da área para 2ªas bolas ou remates de longe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Médio com atenção a movimentos dos médios adversários na área; - Ocupar a zona central junto a entrada da grande área; - Se central deslocado, médio mais posicional ocupa o espaço deste.
	Ofensivo	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção às segundas bolas, situações de transição para o ataque. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avançado sempre preparado para possível transição ofensiva; - Extremos preparados para 2ªas bolas sobre corredor lateral.

Tabela 6 – Continuação da tabela 4.

Exemplos

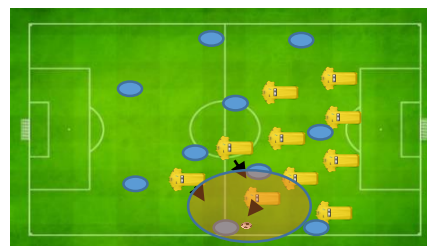
Momento de pressão
1ª fase



Criação de superioridade numérica
2ª fase



Zona de pressão lateral
2ª fase



Situação de cruzamento
3ª fase



3.2.4. Transição Defesa-Ataque

A equipa técnica concebeu este momento com uma ideia clara de manutenção da posse de bola, mas procurando a baliza adversária caso exista superioridade ou igualdade numérica do ataque sobre a defesa. Identifica-se que este momento está de acordo com as ideias gerais do modelo de jogo, excetuando a possibilidade de realizar um contra-ataque ou ataque rápido.

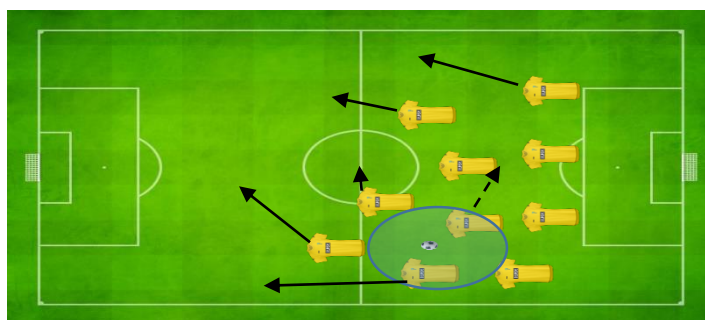
Na tabela 6 estão expostos os princípios e subprincípios para cada setor e posição com vista a operacionalização eficaz deste momento do jogo.

Tabela 7 – Princípios e subprincípios da transição ofensiva

Grande princípio de jogo	Procurar uma transição rápida para o ataque se houver vantagem, caso contrário, manter a posse de bola		
Sector	Defensivo	Médio	Ofensivo
Subprincípio	- Procurar tirar a bola da zona de pressão; - Rodar rapidamente o centro de jogo ou procurar os corredores laterais quando se recupera a bola no corredor central.		
Subprincípio de subprincípio	- Subida dos laterais, procurando a profundidade.	- 1º Passe rápido, procurando jogadores em largura e profundidade; - Se não houver vantagem ou igualdade numérica, manter a posse de bola.	- Avançado a procurar a profundidade; - Extremos a procurarem largura e profundidade; - Se não houver vantagem ou igualdade numérica, manter a posse de bola.

Exemplos

Recuperação de bola com passe para fora da zona de pressão e procura rápida pela transição para o ataque rápido ou contra-ataque



3.2.5. Transição Ataque-Defesa

A equipa técnica concebeu este momento com uma ideia clara de reação rápida à perda de forma a recuperá-la rapidamente. Desta forma este momento torna-se congruente com as ideias gerais do modelo de jogo.

Na tabela 7 estão expostos os princípios e subprincípios para cada setor e posição com vista a operacionalização eficaz deste momento do jogo.

Tabela 8 – Princípios e subprincípios da Transição Defensiva

Grande princípio de jogo	Recuperar a bola o mais rapidamente possível.		
Sector	Defensivo	Médio	Ofensivo
Subprincípio	<ul style="list-style-type: none"> - Procurar pressionar o portador e linhas de passe mais próximas; - Jogador que perde a bola procura recuperá-la de imediato; - Jogadores mais longe da bola procuram equilibrar a equipa. 		
Subprincípio de subprincípio	<ul style="list-style-type: none"> - Subir linhas para pressionar desmarcações de apoio ao portador da bola, ou recuar se realizarem desmarcações de rutura; - Fechar o espaço central. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pressionar as zonas perto da bola; - Equilibrar a equipa no corredor central. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avançado procura pressionar a linha defensiva, impedindo a solução atrasada para o passe, extremo do lado da bola fará o mesmo; - Extremo longe da bola equilibra a equipa deslocando-se para o corredor central.

Exemplos

Perda de bola no corredor lateral



Perda de bola no corredor central



3.3 Modelo de treino

3.3.1. Período pré-competitivo

Ao longo da pré-época a equipa técnica procurou através de um conjunto de exercícios inculcar nos jogadores os princípios de jogo definidos para o modelo de jogo. Isto vai de encontro ao que Silva (2008) defende como principal função do processo de treino, ou seja, o processo de treino visa a construção de uma forma de jogar que provém da organização comportamental dos jogadores nos diversos momentos de jogo.

De acordo com a informação proveniente da entrevista com o treinador sobre o processo de treino, onde este refere claramente que os seus princípios de jogo estão

sempre presentes no processo de treino, através da frase “*Nunca abdicamos dos que são os nossos... o nosso modelo de jogo em todos os dias do nosso trabalho, está sempre bem... incluído no nosso modelo de jogo e para a dinâmica da equipa também*” (sic), irá ser apresentado (tabela 8) a relação entre o processo de treino e o modelo de jogo adotado pela equipa, usando os princípios descritos anteriormente com a descrição dos exercícios e respetivos objetivos.

Tabela 9 – Exercícios utilizados na pré-época para operacionalizar Modelo de Jogo

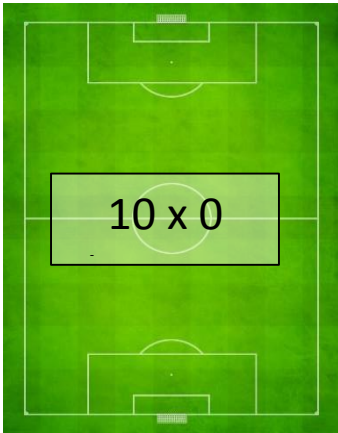
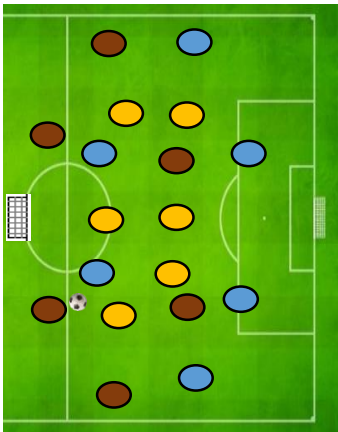
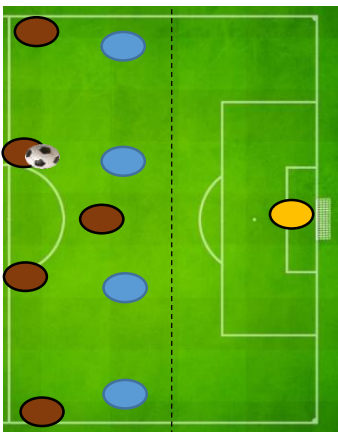
Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
10x0		<p>Circulações táticas pré-definidas com vista à apresentação dos movimentos padrão da equipa com posse de bola.</p>	<p>Trabalhar os movimentos de saída de bola dos médios, extremos e avançados, sempre com linhas de passe em apoio e uma em profundidade (Avançado ou Médio Ofensivo).</p>
2GR+7+7x7		<p>Jogo com 3 equipas em que uma tenta recuperar a bola enquanto as outras tentam fazer posse de bola, no momento de recuperação da posse de bola a equipa pode atacar as duas balizas.</p>	<p>Trabalhar a posse de bola e o jogo apoiado, bem como a transição defesa ataque de forma rápida e objetiva.</p>
5x4+Gr		<p>Jogo sobre uma baliza com uma linha defensiva marcada, promovendo a defesa em linha por parte dos 4 defesas.</p>	<p>Potenciar a organização defensiva, com o trabalho com defesa em linha e os princípios de fechar o corredor central, basculando a defesa consoante o corredor da bola.</p>

Tabela 10 - Continuação da tabela 8.

Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
Gr+10 x 10+2Gr		<p>Jogo 10 x 10 com 3 balizas, para promover a variação do centro de jogo e a basculação defensiva.</p>	<p>Promover o princípio da variação do centro de jogo para aproveitar o espaço do lado contrário e a defesa zona através da basculação defensiva para defender as 2 balizas.</p>
4+1x4		<p>Exercício de posse de 1+4x4 jogador, onde após um número de passes, podendo ser entre 5 e 15 a equipa com a bola pode jogar no apoio no canto oposto.</p>	<p>Potenciar o jogo de passe curto para atrair a equipa adversária para posteriormente mudar o flanco de jogo.</p>
Gr+10x10+Gr		<p>10x10 em metade do campo, com corredores ofensivos definidos onde o ataque tem vantagem numérica de 2x1, quando a bola entra nesse espaço.</p>	<p>Exercício para potenciar a largura e profundidade dos laterais para o processo ofensivo.</p>

Tabela 11 - Continuação da tabela 8.

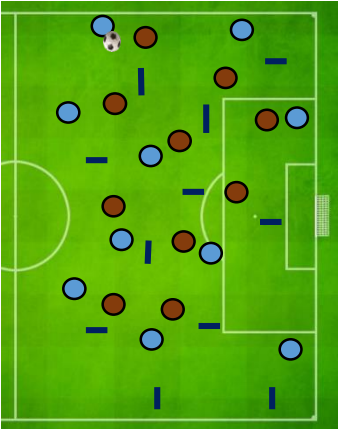
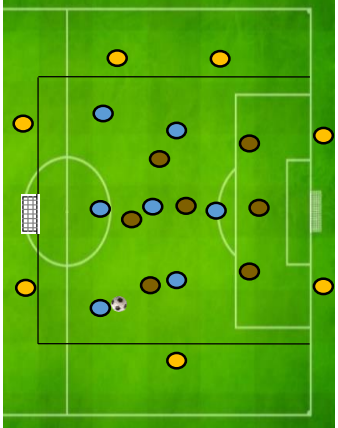
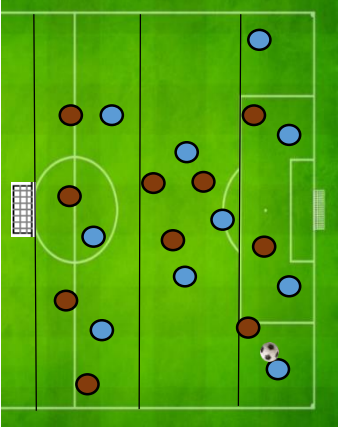
Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
10x10		<p>Jogo em meio campo com 11 portas, onde cada uma representa uma baliza com dois sentidos, o jogo realiza-se condicionado a 3 toques, sendo que o jogo continua a seguir à existência de um golo, podendo a equipa que marcou continuar com a posse de bola.</p>	<p>Potenciar a posse de bola em apoio e largura, procurando tirar a bola da zona de pressão quando a equipa a defender se aproxima para impedir a finalização.</p>
Gr+8x8+Gr com apoios		<p>8x8 com apoios exteriores, condicionado a 2 toques e a 1 toque para o apoio. Se o jogador que passar ao apoio e a seguir receber o passe de volta e finalizar, golo vale a dobrar.</p>	<p>Exercício para potenciar a trocar de bola rápida e a mobilidade dos jogadores na posse de bola, através da desmarcação de rutura após o passe.</p>
Gr+10x10+Gr		<p>Jogo 10 contra 10 em campo reduzido, com 3 sectores definidos. Após a bola entrar no sector é permitida a entrada de um jogador do sector anterior, nomeadamente os laterais, e o médio ofensivo para criar superioridade numérica</p>	<p>Exercício para potenciar as relações intersectoriais com as subidas dos laterais e do médio ofensivo para os sectores adjacentes. Procura ainda potenciar o princípio do jogo apoiado através da criação de superioridade numérica.</p>

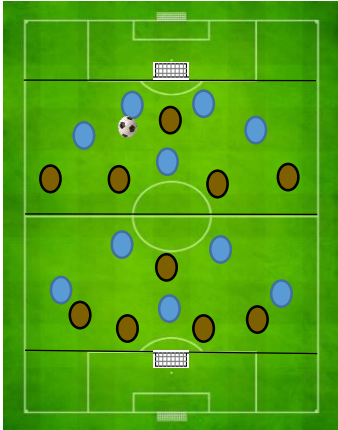
Tabela 12 - Continuação da tabela 8

Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
Gr+10x10+Gr		<p>10x10 com 3 corredores definidos, onde a equipa é obrigada a passar pelos 3 corredores para poder finalizar. Ou então o golo proveniente de passe do corredor lateral vale a dobrar.</p>	<p>Exercício para potenciar a largura da posse de bola e a segurança na circulação para atingir o objetivo de fazer passar a bola pelos três corredores.</p>
4x2+2		<p>Exercício de posse de bola de 4 jogadores contra 2, onde a equipa que recupera a bola procura rapidamente tirar a bola da zona de pressão</p>	<p>Exercício para potenciar a transição ofensiva, através do passe para retirar a bola da zona de pressão adversária.</p>
4x4+Gr + 4x4+Gr		<p>Jogo 4x4 + 4x4 com balizas invertidas, quando a defesa recupera a bola tenta passá-la rapidamente para o campo contrário.</p>	<p>Exercício para estimular o processo defensivo e a organização da linha defensiva, encurtando os espaços e jogando em linha. Potencia ainda a transição ofensiva através de um passe para fora da zona de pressão</p>

Tabela 13 - Continuação da tabela 8.

Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
6x4+Gr		<p>6x4 em meio campo, equipa com a posse de bola simula a perda desta e recupera rapidamente a organização defensiva.</p>	<p>Potenciar a transição defensiva rápida com pressão sobre o portador da bola e a recuperação do resto da equipa para fechar o corredor central.</p>
8x6+Gr		<p>8x6 sobre uma baliza, com os 4 defesas e os dois médios mais recuados.</p>	<p>Exercício que procura potenciar as relações intersectoriais do processo defensivo, através do comportamento dos médios para apoiar os laterais do processo defensivo.</p>
6x0+Gr		<p>Circulação tática pré-definida com finalização. É colocada uma segunda bola, após a 1ª finalização, para os médios mais recuados finalizarem.</p>	<p>Exercício para potenciar o comportamento dos extremos, avançado e médio ofensivo em função dos movimentos de cada um de forma a ter sempre os 3 corredores ocupados (permutas ofensivas).</p>

Tabela 14 - Continuação da tabela 8

Exercício (forma)	Esquema	Descrição/ Condicionantes	Princípios do modelo trabalhados/focados
Gr+5x5+5x5+Gr		<p>Jogo em espaço reduzido dividido em 2 sectores, onde os jogadores só podem jogar no seu sector.</p>	<p>Exercício que visa potenciar a 1ª fase de construção ofensiva bem como o processo defensivo para impedir o adversário de jogar na 1ª fase de construção</p>

3.3.2. Dinâmica dos microciclos no período competitivo

Neste ponto apresenta-se um microciclo padrão do Estoril Praia, considerando e apresentando, na página seguinte, os exercícios mais utilizados ao longo da época desportiva num microciclo com uma competição (tabela 15) e, posteriormente, um microciclo com dois jogos (tabela 16). Discutem-se as diferenças entre ambos os microciclos tendo em consideração as informações extraídas da entrevista ao treinador Marco Silva.

Tabela 15 – Microciclo com uma Competição

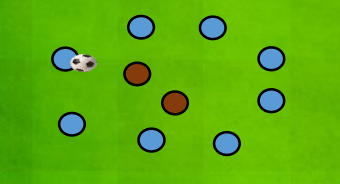
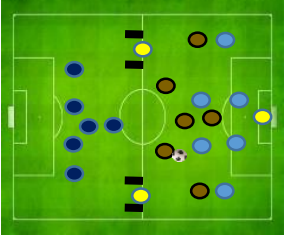
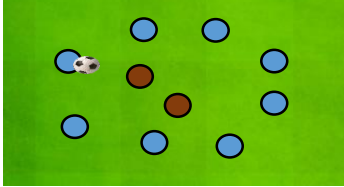
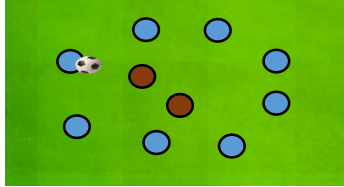
Dia do treino	Terça	Quarta-feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado
Parte Inicial	<p style="text-align: center;">8x2 (meinho)</p> 				
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> - Posse de Bola com 11 portas; - Jogo com apoios ou jogo reduzido (pouco utilizados do plantel) 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogo reduzido e 4x2+2 (transições); - 10x10 com 3 balizas; - Exercício holandês adaptado (equipa que marca ataca baliza grande, se não houver golo em 3 minutos, a equipa que defende a baliza grande passa a atacar a baliza contrária); 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização defensiva sectorial e circulação táctica com finalização; - Jogo corredores ou jogo com apoios 	<ul style="list-style-type: none"> - Circulação táctica coletiva com finalização; - Jogo com apoios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rachão (jogo lúdico recreativo de 12x12 mais guarda-redes jogado a dois toques e em meio campo); - Revisão táctica global (10x10 em situação passiva, definindo os princípios estratégicos para o jogo); - Esquemas tácticos defensivos e ofensivos.
Parte Final	Alongamentos, abdominais	Alongamentos, abdominais	Alongamentos, abdominais	Alongamentos, abdominais	Alongamentos

Tabela 16 – Microciclo com 2 competições

Dia do treino	Terça	Quarta-feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	
Parte Inicial	<p>8x2 (meinho)</p> 		JOGO	<p>8x2 (meinho)</p> 		
Parte Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> - Circuito com 3 estações de finalização, com exercícios de coordenação e posse bola no círculo central (3x3 + 3 jokers); - Jogo com apoios ou jogo reduzido. <p>Treino não convocados e pouco utilizados</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rachão (jogo lúdico recreativo com 12x12 mais guardas redes jogado a dois toques e em meio campo); - Revisão tática global (10x10 em situação passiva, definindo os princípios estratégicos para o jogo); - Esquemas táticos defensivos e ofensivos. 			<ul style="list-style-type: none"> - Circuito com 3 estações de finalização, com exercícios de coordenação e posse bola no círculo central (3x3 + 3 jokers); - Jogo com apoios ou jogo reduzido. <p>Treino não convocados e pouco utilizados</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Rachão (jogo lúdico recreativo com 12x12 mais guardas redes jogado a dois toques e em meio campo); - Revisão tática global (10x10 em situação passiva, definindo os princípios estratégicos para o jogo); - Esquemas táticos defensivos e ofensivos.
Parte Final	Alongamentos, abdominais	Alongamentos, abdominais				Alongamentos, abdominais

Segundo Marco Silva, a dinâmica da carga num microciclo padrão do Estoril Praia é a seguinte: carga leve a moderada no primeiro dia com vista a “*um treino mais de recuperação para... para os jogadores continuarem no seu processo de recuperação ativa do jogo anterior, e ao mesmo tempo começamos a adaptar à carga de treino que iremos incutir*” (sic); no segundo dia carga mais elevada, “*um treino de maior tensão, e aí em que trabalhamos um pouco com aspetos... com treinos mais reduzidos, com... com exercícios muito mais em espaços reduzidos*” (sic); no terceiro dia mantém-se a carga alta, “*treino de quinta-feira, com um jogo ao domingo... um treino também de*

intensidade alta ainda... com a aproximação muito clara daquilo que é o dia do jogo” (sic), onde se denota um foque maior no dia do jogo; no quarto dia a carga passa a ser moderada, com os aspetos de velocidade a serem focados, *“sexta-feira, já começamos a baixar mais a carga, ainda um treino com uma... uma carga intensa, mas mais baixa já, em que os aspetos da velocidade começam a ter uma preponderância muito grande”* (sic); no quinto dia, que é o dia anterior ao jogo, a carga de treino é baixa, *“preparação para o jogo também, com carga bem mais baixa... claramente baixamos bem a carga de treino, em que são aspetos mais de preparação do jogo, em que temos algum trabalho também de velocidade reativa, velocidade de reação, para prepararmos o jogo do dia seguinte”* (sic).

Verifica-se que o processo de treino apresentado pelo treinador vai de encontro ao que este refere na entrevista, onde os treinos de quarta e quinta-feira apresentam claramente exercícios em espaços mais reduzidos e com um carácter competitivo maior, aumentando assim a tensão muscular a que os atletas estão sujeitos, dado que exercícios com menor número de jogadores estão associados valores mais elevados de lactato sanguíneo (Rampinini et al., 2007; Hill-Haas, Coutts, Rowsell, Dawson, 2009), que, segundo Owen, Twist e Ford (2004), é um indicador representativo de ações de intensidade elevada. Por outro lado, exercícios realizados com áreas individuais menores promovem impactos maiores nas exigências metabólicas dos jogadores (Aguilar, Botelho, Lago, Maças & Sampaio, 2012). Identifica-se que o dia anterior ao jogo é utilizado para definir os princípios estratégicos para o jogo, ao mesmo tempo que utiliza um jogo lúdico como forma de diminuir a ansiedade competitiva que os atletas possam experimentar.

Para Marco Silva, tendo um microciclo com 2 jogos, o processo de treino visa essencialmente a recuperação dos jogadores para o jogo seguinte. O treinador refere que *“...muito mais de trabalho de recuperação, claramente. Havendo dois jogos, aquele trabalho de maior tensão que lhe falámos, o suposto treino que costumamos fazer a meio da semana, ou à quarta-feira, não o iremos fazer”* (sic), denotando-se uma concordância com o processo de treino apresentado, onde se identifica um microciclo com 2 jogos com inexistência de treinos de maior tensão muscular, apenas os jogadores menos utilizados têm a sua carga de treino mais elevada, pois não necessitam de recuperar do desgaste do jogo anterior.

3.4 Modelo do Relatório de Análise dos Adversários

3.4.1 A Estrutura do relatório

A partir das informações recolhidas da entrevista realizada ao treinador, bem como através da análise da literatura técnica e científica na área, criou-se um modelo de relatório de observação de adversários.

Marco Silva refere que *“uma boa análise do adversário terá de se basear sempre nos 4 momentos do jogo, e depois a questão dos esquemas táticos também, que têm uma importância muito grande”* (sic), como tal o relatório estará dividido seguindo esta lógica, que também está muito presente na literatura consultada. Para além disto, Marco Silva refere, em relação à forma como a informação é apresentada, *“não muito extensa, sinceramente, de uma forma mais sucinta, numa forma mais ilustrada até... numa forma em que por vezes, numa imagem... vale mais do que mil palavras, como se costuma dizer”* (sic), que leva a um relatório constituído por muitas ilustrações.

Primeiramente, efetuou-se uma página com as informações mais relevantes sobre o clube, como por exemplo os últimos resultados, o plantel com os nomes e respetivos números dos jogadores, que posteriormente serão usados nas imagens concebidas. Foi ainda reportado nesta página o sistema tático mais utilizado pela equipa, bem como as equipas titulares dos últimos 3 jogos e a equipa que se considera mais provável de alinhar frente ao Estoril.

Para a construção do restante relatório, de acordo com Castelo (2000, 2003, 2004), apresenta-se, para além do sistema de jogo já descrito: organização do processo ofensivo e defensivo; jogadores mais perigosos na organização da equipa no processo ofensivo; soluções apresentadas nos esquemas táticos.

Dividindo a observação pelos quatro momentos de jogo, organizou-se as próximas páginas na seguinte ordem: *organização Ofensiva; organização Defensiva; transição defensiva; transição ofensiva; esquemas táticos defensivos; esquemas táticos ofensivos; observação individual dos jogadores*. De referir que para cada um destes momentos procurou-se identificar: os aspetos mais fortes e fragilidades da equipa; os padrões de jogo. Esta análise vai de encontro às ideias de Lopes (2005) e Ventura (2013), realçando ainda que se considerava o modelo de jogo do Estoril e os seus aspetos mais fortes na relação com as características do adversário.

De salientar que, para cada um destes pontos, procurou-se sempre que a informação se cingisse a uma página, dado que o treinador referiu gostar de informação sucinta e com muitas ilustrações, levando à conceção de um relatório muito visual. Denota-se que as imagens são sempre acompanhadas pela informação escrita, de forma a percecionarem-se com maior qualidade as informações ilustradas.

Dividiu-se a organização ofensiva e defensiva, para além de se referir o método de jogo utilizado, em situações de 1º fase de construção, referentes à passagem da bola da linha defensiva para a linha média ou passagem da bola do meio campo defensivo para o ofensivo, situações de 2º fase de construção, alusiva à forma como a equipa procurava criar situações de finalização e, por fim, o posicionamento dos jogadores em situações de cruzamento. Ao nível da organização ofensiva, procurava-se representar as opções mais utilizadas pela equipa nas fases acima descritas, enquanto na organização defensiva procurava-se identificar como os jogadores se comportavam na 1ª e 2ª fase de construção adversária, identificando possíveis espaços que a equipa pudesse explorar.

Nas transições ofensivas e defensivas, procurou-se identificar qual a reação dos jogadores no momento de ganho ou perda da bola, tanto para os jogadores perto da bola como longe desta. Para a transição defensiva, identificavam-se os momentos em que a equipa estaria desequilibrada de forma a beneficiar a transição ofensiva do Estoril de forma rápida, enquanto na transição ofensiva identificava-se qual a forma mais frequentemente utilizada para chegar à baliza adversária, muitas vezes pela direção do primeiro passe após a recuperação da bola, pois este está associado a criação de oportunidades de finalização (Barreira et al. 2013).

Por fim, criava-se um conjunto de imagens, referentes aos esquemas táticos ofensivos e defensivos, referindo posteriormente os jogadores que os batiam e as soluções mais vezes procuradas por estes. Realizava-se ainda um pequeno resumo qualitativo dos jogadores da equipa adversária, referindo os aspetos mais fortes e debilidades dos mesmos.

3.4.2. Planeamento e operacionalização das observações dos adversários

Para se realizar as observações das equipas adversárias, tendo em conta que apenas era possível realizar estas na zona de Lisboa e Setúbal, procurou-se observar as equipas que iriam jogar nas próximas três jornadas com o Estoril-Praia, defendendo a ideia de Boloni (2002), i.e., uma das observações deve ser realizada “in loco”. De referir que as observações eram realizadas com o critério das três jornadas, dado que, segundo Lopes (2005), se deve observar os jogos mais próximos da competição.

Para além das observações *in loco*, visionava-se pelo menos 3 jogos da equipa adversária, procurando que estes se realizassem no mesmo contexto do jogo a efetuar (jogos em casa ou fora), indo de encontro ao referido por Ventura (2013), que realizou um estudo com diversos treinadores da 1ª Liga. Estes eram fornecidos através da plataforma wyscout.com, que permitia o acesso ao *link* do vídeo três vezes. Devido a esta

contrariedade e à impossibilidade de obter estes vídeos em ficheiro digital, tornou-se impossível uma análise mais profunda com análise de dados ou mesmo criação de clips de vídeo que suportassem a informação apresentada.

De salientar que inicialmente procurou-se entregar os relatórios escritos com uma semana de antecedência, no início do penúltimo microciclo que antecedia o jogo em questão. No entanto, devido a fatores externos, a entrega destes apenas se tornou possível no início do microciclo referente ao jogo contra a equipa observada, dado que existiam poucos dias para tratar a informação recebida e redigir o relatório.

Na página seguinte apresenta-se um cronograma que resume toda a informação referente aos momentos de observação, receção dos vídeos e entrega dos relatórios ao longo da época desportiva (Tabela 17). De salientar que o primeiro relatório efetuado diz respeito à oitava jornada do campeonato, como pedido pela equipa técnica

Tabela 17 - Cronograma das atividades de scouting.

SETEMBRO/2013	1								
	2	3	4	5	6	7	8		
	9	10	11	12	13	14	15		
	Obs. Benfica VS Paços de Ferreira								
	Obs. Setúbal VS Marítimo								
	16	17	18	19	20	21	22		
	23	24	25	26	27	28	29		
	R.víd. Benfica								
	30								
	OUTUBRO/2013	1	2	3	4	5	6		
E.rel. Benfica									
J7 – Benfica (casa)									
7		8	9	10	11	12	13		
14		15	16	17	18	19	20		
R.víd. Marítimo									
21		22	23	24	25	26	27		
E.rel. Marítimo									
R.víd. Setúbal									
Observação Setúbal VS Belenenses									
J8 – Marítimo (fora)									
28	29	30	31						
E.rel. Setúbal									
NOVEMBRO/2013	1	2	3						
	J9 – Setúbal (casa)								
	4	5	6	7	8	9	10		
	11	12	13	14	15	16			
	R.víd. Rio Ave								
	18	19	20	21	22	23	24		
	E.rel. Rio Ave								
	R.víd. Guimarães								
	J10 – Rio Ave (fora)								
	25	26	27	28	29	30			
E.rel. Guimarães									
DEZEMBRO/2013	1								
	Obs. Belenenses VS Gil Vicente								
	2	3	4	5	6	7	8		
	J11 – Guimarães (casa)								
	E.rel. Paços de Ferreira								
	R.víd. Gil Vicente								
	J12 – Paços de Ferreira (fora)								
	9	10	11	12	13	14	15		
	E.rel. Gil Vicente								
	R.víd. Belenenses								
Obs. Sporting VS Belenenses									
16	17	18	19	20	21	22			
J13 – Gil Vicente (casa)									
E.rel. Belenenses									
Obs. Sporting VS Nacional									
J14 – Belenenses (fora)									
23	24	25	26	27	28	29			
30	31								
JANEIRO/2014	1	2	3	4	5	6			
	R.víd. Sporting								
	E.rel. Sporting								
	7	8	9	10	11	12	13		
	R.víd. Nacional								
	J15 – Sporting (casa)								
	E.rel. Nacional								
	14	15	16	17	18	19	20		
	J16 – Nacional (fora)								
	21	22	23	24	25	26	27		
R.víd. Arouca									
E.rel. Arouca									
28	29	30	31	29	30	31			
J17 – Arouca (casa)									
FEBREIRO/2014	1	2	3						
	R.víd. Académica								
	Obs. Sporting vs Académica								
	4	5	6	7	8	9	10		
	E.rel. Académica								
	R.víd. Braga								
	J18 – Académica (fora)								
	11	12	13	14	15	16	17		
	E.rel. Braga								
	R.víd. Porto								
Obs. Sporting vs Olhanense									
J19 – Braga (casa)									
18	19	20	21	22	23	24			
E.rel. Porto									
J20 – Porto (fora)									
R.víd. Olhanense									
Obs. Benfica vs Guimarães / E.rel. Olhanense									
25	26	27	28						
R.víd. Benfica									
MARÇO/2014	1	2	3						
	J21 – Olhanense (casa)								
	E.rel. Benfica								
	4	5	6	7	8	9	10		
	R.víd. Marítimo								
	J22 – Benfica (fora)								
	E.rel. Marítimo								
	11	12	13	14	15	16	17		
	R.víd. Setúbal								
	J23 – Marítimo (casa)								
E.rel. Setúbal									
18	19	20	21	22	23	24			
R.víd. Rio Ave									
J24 – Setúbal (fora)									
25	26	27	28	29	30	31			
E.rel. Rio Ave									
Obs. Belenenses Vs Paços de Ferreira / R.víd. Guimarães									
J25 – Rio Ave (casa)									
E.rel. Guimarães									
ABRIL/2014	1	2	3	4	5	6	7		
	J26 – Guimarães (fora)								
	R.víd. Paços de Ferreira								
	E.rel. Paços de Ferreira								
	8	9	10	11	12	13	14		
	R.víd. Gil Vicente								
	J27 – Paços de Ferreira (casa)								
	15	16	17	18	19	20	21		
	E.rel. Gil Vicente								
	J28 – Gil Vicente (fora)								
22	23	24	25	26	27	28			
R.víd. Belenenses									
E.rel. Belenenses									
29	30								
MAIO/2014	1	2	3	4	5				
	R.víd. Sporting								
	J29 – Belenenses (casa)								
	E.rel. Sporting								
	6	7	8	9	10	11	12		
	J30 – Sporting (fora)								
	13	14	15	16	17	18	19		
	20	21	22	23	24	25	26		
	27	28	29	30	31				

Legenda:

- JX – jornada nº X
- Obs. – observação de jogo
- E.rel. – entrega de relatório
- R.víd. – receção de vídeos

3.4.3. Exemplos ilustrativos de Relatórios de Análise de Adversário

3.4.3.1. Processo Ofensivo

Para caraterizar este momento do jogo, procurou-se identificar em cada fase de construção, nomeadamente na 1ª e 2ª fase, os comportamentos coletivos e individuais mais repetidos no tempo para identificar os padrões de jogo da equipa. De acordo com Lopes (2005), devem-se procurar os pontos fortes e fracos do adversário. Marco Silva refere isto claramente na seguinte frase: *“tem tudo a ver com os aspetos ofensivos em que sentimos que o adversário é forte, com alguns momentos em que o adversário é forte. Temos isso bem em atenção e... alguns aspetos, como eu disse à pouco também, que nós podemos explorar no adversário, que nós sentimos que a nossa equipa é forte”*, o que leva a considerar os jogadores mais perigosos neste momento do jogo, fazendo um destaque ao seu nome no conteúdo do relatório

Na 1ª fase de construção procurava-se identificar a forma como a equipa fazia a bola chegar aos seus médios ou ao meio campo ofensivo e o posicionamento dos seus jogadores.

Na 2ª fase de construção, sendo mais difícil identificar padrões coletivos, dado o maior número de opções que os jogadores têm, bem como a dificuldade imposta pelo maior número de adversários, procurava-se identificar os movimentos mais repetidos e o posicionamento mais frequente da equipa. De salientar que se procurava identificar situações em que a equipa adversária se tornava mais perigosa, seja pela qualidade individual, seja pela qualidade de algum movimento coletivo.

Por fim, procurou-se identificar o número de elementos que a equipa adversária colocava em zonas de finalização em momentos de cruzamentos ou bolas colocadas dentro da grande área.

Na figura 6, está representado um exemplo retirado de um relatório da organização ofensiva de um adversário. Importa referir que além do que foi descrito em cima, estão ainda descritos o sistema tático utilizado, o método de jogo e aspetos a explorar.

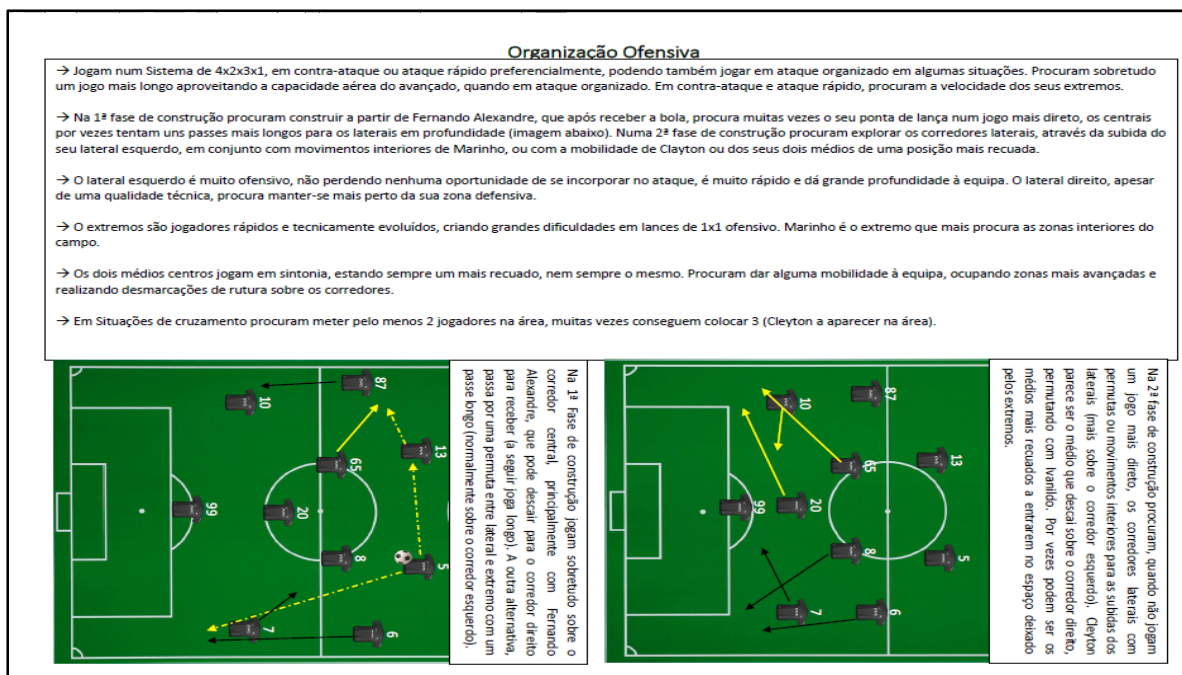


Figura 6 – Organização ofensiva da Associação Académica de Coimbra, época 2013-2014

3.4.3.2. Processo Defensivo

Para a caracterização da equipa adversária neste momento de jogo identificava-se o comportamento coletivo mais frequente em três momentos específicos: quando a bola está no corredor central longe da grande área; no corredor lateral longe da grande área; corredor lateral perto da grande área. Não se considerava o momento em que a bola está no corredor central perto da grande área, pois o posicionamento das equipas não varia, apenas existe uma redução de espaço entre setores.

De salientar que se analisava situações defensivas onde as equipas forneciam espaços livres para o adversário, seja por posicionamento deficiente dos jogadores ou da equipa, estando de acordo com a sugestão de Lopes (2005) e com Marco Silva, que refere que se devem procurar os aspetos fortes e as fragilidades, para além do método defensivo. Identificaram-se ainda o sistema de jogo utilizado bem como o método defensivo, referindo as características principais desse método, definindo as zonas de pressão caso existissem. Por fim, consideravam-se os aspetos a explorar, referindo os aspetos menos fortes do adversário no processo defensivo.

Na figura 7 está representado um exemplo de uma organização defensiva, retirado de um relatório em anexo.

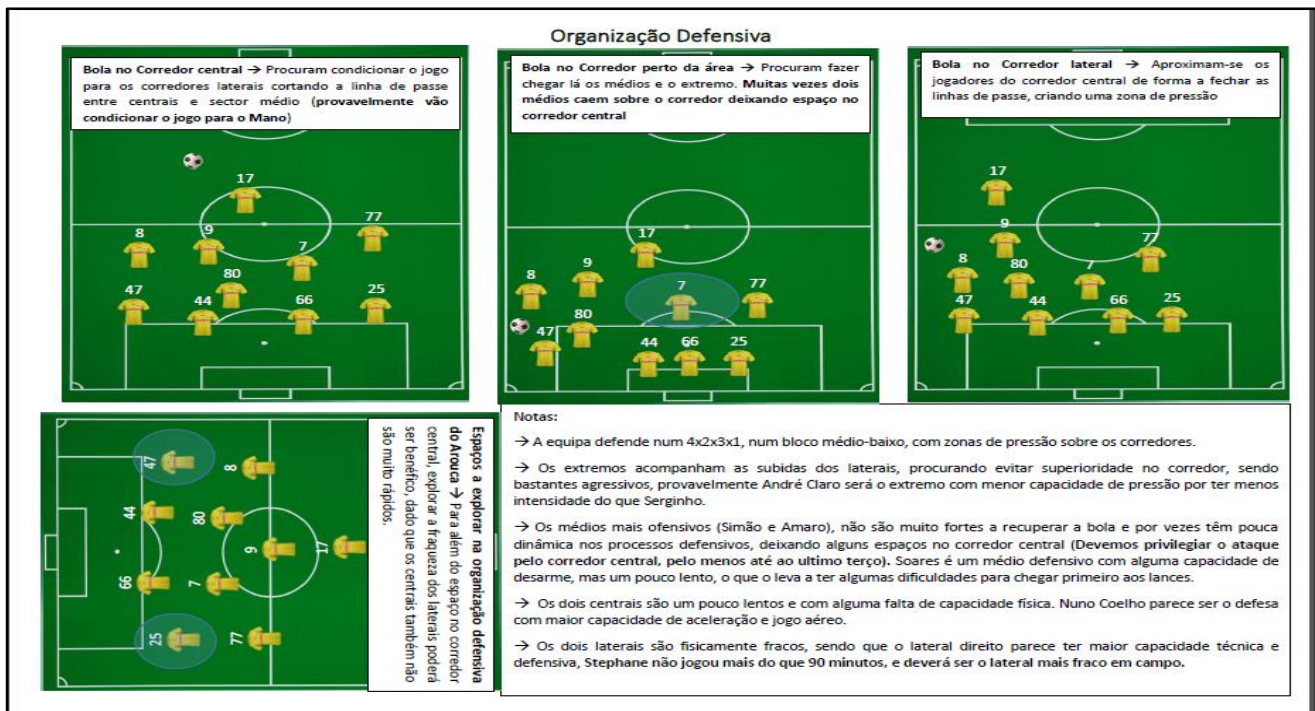


Figura 7 – Organização defensiva do Futebol Clube de Arouca, época 2013-2014

3.4.3.3. Transição Defesa-Ataque e Ataque-Defesa

Estes dois momentos foram agrupados em uma página, pois são caracterizados por períodos muito curtos do jogo. Desta forma a principal preocupação passava por identificar o comportamento dos jogadores após a recuperação ou perda da bola.

No momento de recuperação identificava-se para onde as equipas procuravam levar a bola, tentando identificar se procuravam guardá-la ou colocá-la rapidamente na frente de forma a realizarem um contra-ataque ou ataque rápido. Identificavam-se os jogadores que possuíam maior importância ou que poderiam causar mais perigo neste momento de jogo.

No momento de perda da bola, pesquisava-se possíveis momentos em que a equipa estaria mais desequilibrada para que a transição ofensiva rápida e objetiva do Estoril pudesse ter maior sucesso. Salientar que ainda se considerava o comportamento dos jogadores perto e longe da zona de perda da bola para conhecer possíveis lacunas da equipa, nomeadamente a existência de uma mudança rápida de atitude (Lopes, 2005; Vogelbein, Nopp & Hokelmann, 2014).

Na figura 8 está representado um exemplo destes momentos de jogo, retirados de um relatório em anexo.

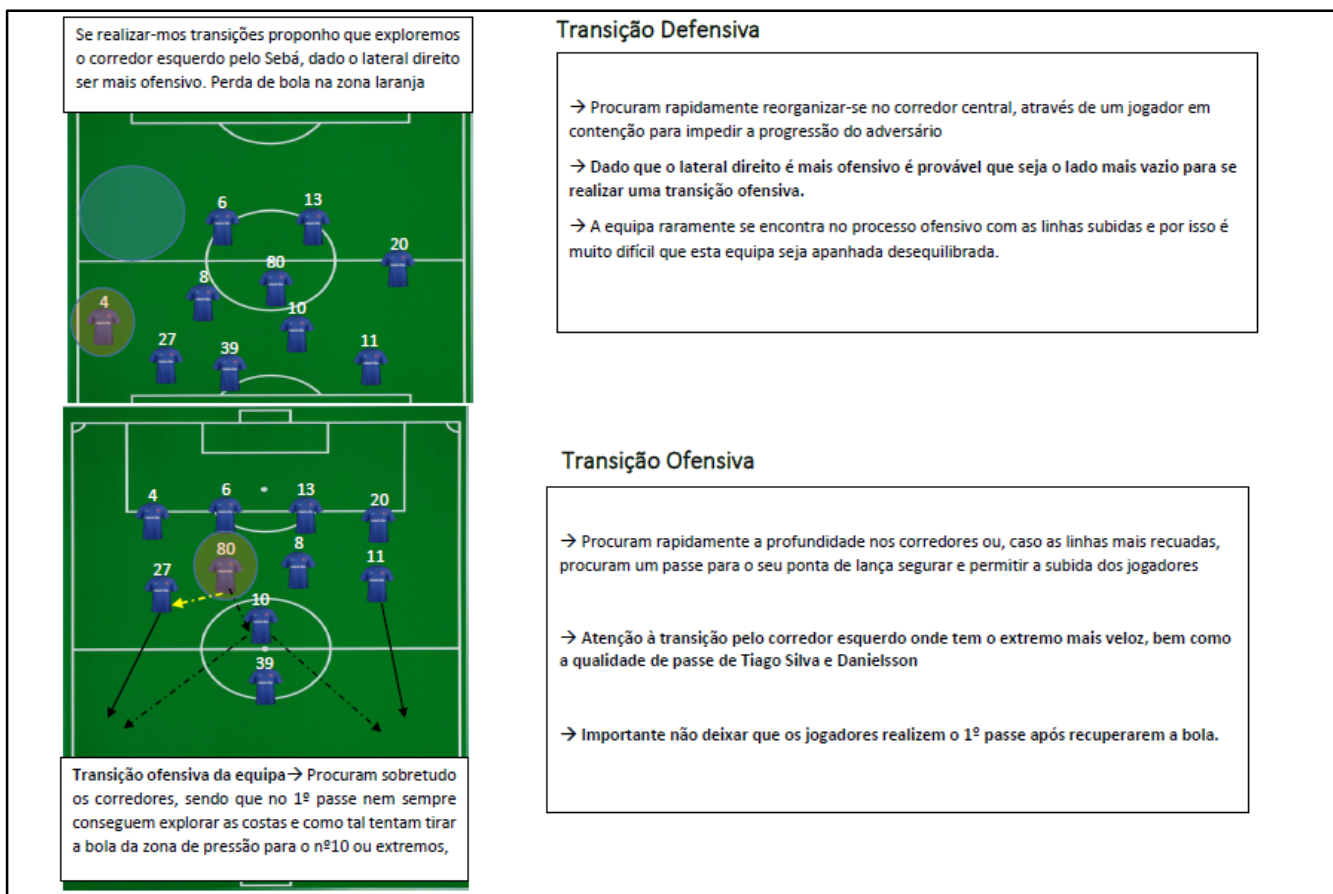


Figura 8 – Transição defensiva e ofensiva do Clube Futebol os “Belenenses”, época 2013-2014

3.4.3.4. Esquemas táticos

Nos esquemas defensivos analisava-se o posicionamento da equipa em vários esquemas, nomeadamente nos lançamentos laterais longe e perto da baliza, livres laterais, cantos e pontapés de baliza.

Em relação aos esquemas ofensivos, procurava-se identificar como eram executados e quais os jogadores que eram procurados nesses momentos. Devido às equipas terem vários esquemas táticos distintos, apenas se apresentavam aqueles que provocavam mais dificuldades ou perigo.

Por fim, importa salientar que, em conjunto com as imagens, realizava-se um pequeno resumo deste momento, definindo os principais executantes dos cantos e livres, bem como os homens alvo para a finalização.

Nas figuras 9, 10 e 11 estão representados exemplos destes momentos, retirados de um relatório em anexo.

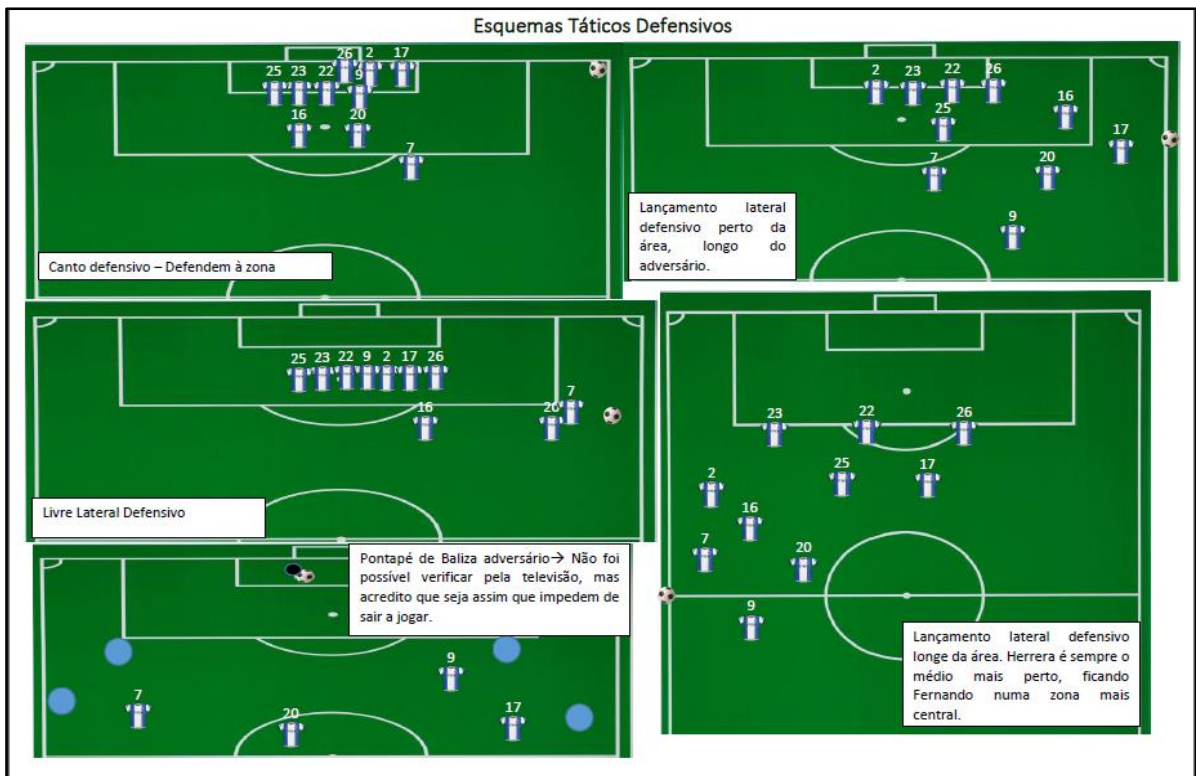


Figura 9 – Esquemas táticos defensivos do Futebol clube do Porto, época 2013-2014

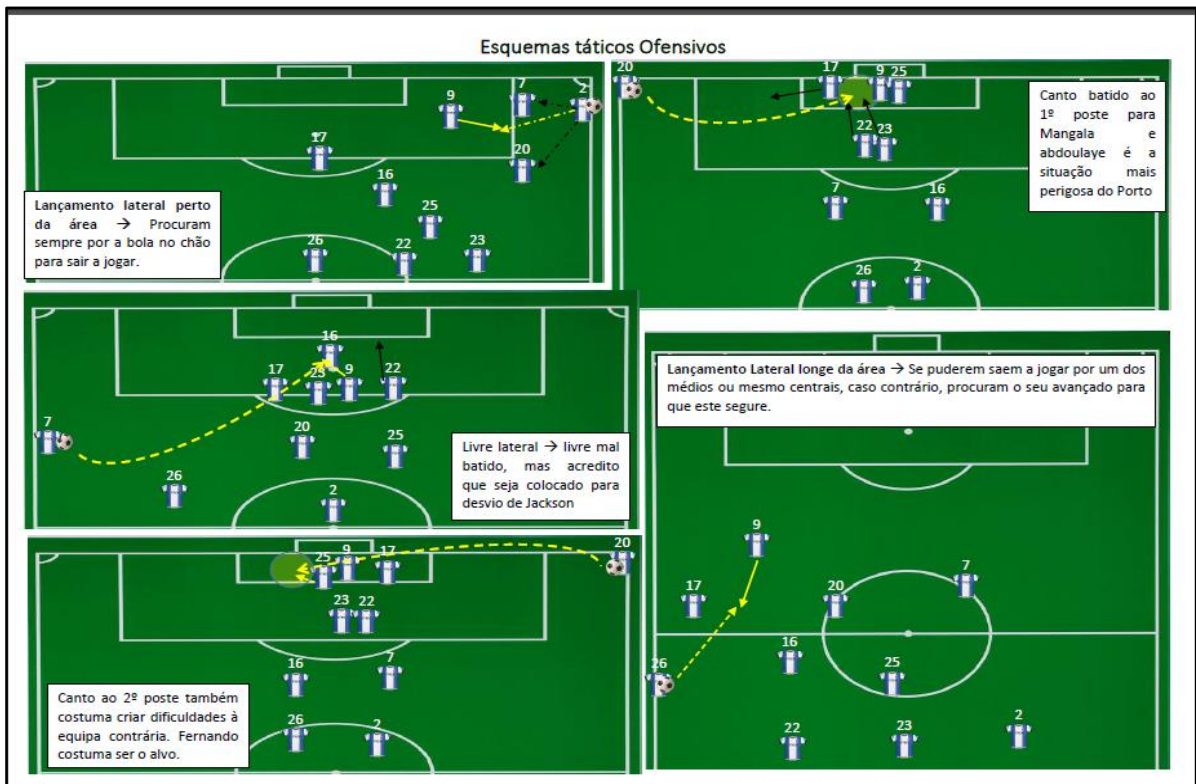


Figura 10 – Esquemas táticos ofensivos do Futebol Clube do Porto, época 2013-2014



Figura 11 – Esquemas táticos ofensivos do Futebol Clube do Porto (continuação)

4. Área 2 – A adaptabilidade estratégico-tática do Grupo Desportivo Estoril-Praia na 1ª Liga 2013/2014 – um estudo de caso

4.1. Introdução

O futebol é um fenómeno complexo, pois as equipas devem, numa relação de oposição, coordenar as suas ações para recuperar, conservar e fazer progredir a bola para zonas de finalização (Gréhaigne & Godbout, 1995). Por outro lado, a relação dinâmica de oposição com os adversários, e de cooperação com os companheiros de equipa, cria incerteza acerca do fluxo de acontecimentos do jogo de Futebol (Garganta & Pinto, 1998). Desta incerteza resultam comportamentos com elevado grau de imprevisibilidade no jogo, que obriga os jogadores e equipas a manterem um certo grau de flexibilidade e adaptabilidade no seu comportamento (Duarte, Araújo, Correia & Davids, 2012). A adaptabilidade comportamental de uma equipa caracteriza o modo como esta altera o seu comportamento perante um conjunto de novos desafios ou problemas colocados pelo ambiente (Chan, 2000; Cohen & Baily, 1997). Neste sentido, um dos desafios que se colocarão às equipas, nas próximas décadas, será o modo como estas se reconfiguram e adaptam para aumentar a sua eficácia (Salas, Cooke & Rosen, 2008). Remetendo-nos mais especificamente às equipas de futebol, esta noção de adaptabilidade estabelece uma grande relação com o planeamento estratégico do treinador e com o comportamento tático dos jogadores.

A estratégia consiste na forma como a equipa encara os obstáculos do ambiente, sendo esta definida como o plano de ações determinadas antes de um jogo para organizar as ações dos jogadores no confronto com o adversário (Gréhaigne, Godbout e Bouthier, 1999). Segundo Lamas, Barrera, Otranto e Ugrinowitsh (2014), a organização coletiva dos jogadores é orientada pela estratégia da equipa, que se assume como um fator influenciador dos padrões táticos do jogo. Por outro lado, a tática representa o “conhecimento em ação” (Gréhaigne & Godbout, 1995; Gréhaigne, Godbout & Zerai, 2011), i.e., o comportamento dos jogadores perante as situações do jogo. Por sua vez, o comportamento dos jogadores é regulado por regras de ação, definidas no plano estratégico e incorporadas taticamente pelos jogadores através do processo de treino.

Segundo Garganta (1997), a observação e análise dos adversários tem uma grande importância para estabelecer os planos estratégicos mais adequados para o jogo. Como tal, a observação dos adversários é de extrema importância para entender o contexto competitivo que se vai encontrar, pois permite adaptar os jogadores às suas particularidades. Num estudo elaborado por Sarmiento, Pereira e colaboradores (2014),

foi retratado o modo como os treinadores de futebol preparam, observam e analisam o jogo. Um dos treinadores entrevistados refere que, na análise aos adversários, procura entender as características que pode explorar e quais aquelas que a equipa adversária pode explorar no jogo da própria equipa, i.e, o que é que pode criar desequilíbrio na estrutura da própria equipa. Em suma, quais os aspetos fortes e as fragilidades do adversário. Contudo, pouco se sabe acerca da forma como os treinadores de futebol utilizam a informação proveniente da análise do jogo para tomar decisões acerca do planeamento e programação do treino (Wright, Carling & Collins, 2014).

Devido ao carácter exploratório do estudo, assim como aos inúmeros aspetos que influenciam a performance dos jogadores e equipas, neste trabalho adotou-se uma abordagem qualitativa ao estudo da adaptabilidade estratégico-tática de uma equipa da 1ª Liga Portuguesa. De acordo com Sarmiento et al. (2013), a análise qualitativa tem ganho importância e interesse para as ciências do desporto, como forma de entender aspetos aparentemente não mensuráveis através de procedimentos quantitativos.

Assim, este trabalho teve como objetivo descrever o modo como a equipa do Grupo Desportivo Estoril-Praia integrou a informação proveniente da observação e análise dos seus adversários no planeamento estratégico-tático para a competição. Procurou-se ainda extrair os padrões mais recorrentes relativos aos pontos fortes e fragilidades dos adversários, e às adaptações ofensivas e defensivas da equipa em estudo, a partir do cruzamento do conteúdo dos casos analisados.

4.2. Metodologia

Justificação dos casos

Esta investigação teve por base uma metodologia de observador participante, dado que o autor do estudo estava inserido na equipa em estudo. Deste modo, foi desenvolvida um estudo de caso sobre a adaptabilidade estratégico-tática da equipa do Grupo Desportivo Estoril-Praia, seguindo uma abordagem interpretativa (Bardin, 2008). O desenvolvimento do estudo de caso baseou-se na análise à planificação estratégico-tática da equipa em 15 jogos/casos disputados pela equipa na liga ZON Sagres, da 8ª até à 23ª jornada, referentes à época desportiva 2013/2014. Esta foi uma amostra intencional e de conveniência, que permitiu retratar o modo como a equipa em estudo planificou a sua adaptabilidade estratégico-tática perante adversários com características distintas. Esta diversidade das equipas adversárias é entendida como uma vantagem para a identificação de potenciais padrões resultantes dos vários casos em análise (O'Donoghue, 2010).

Hipóteses do estudo

De acordo com a metodologia de estudos de caso proposta por Eisenhardt (1989), a geração de novo conhecimento requer a formulação de hipóteses de partida que deem direção ao estudo. Deste modo, definem-se as seguintes hipóteses:

- A equipa do Estoril Praia adapta o seu comportamento estratégico-tático em função dos pontos fortes e das fragilidades dos seus adversários.
- Através do cruzamento dos casos, é possível identificar padrões das características mais frequentes dos adversários e das consequentes adaptações da equipa estudada.

Procedimentos

A metodologia qualitativa do estudo baseou-se na recolha de informação através de dois instrumentos. O primeiro diz respeito aos relatórios de observação e análise dos adversários. O segundo passou por uma entrevista com o treinador, realizada todas as semanas, no dia anterior ao jogo, para identificar a planificação estratégico-tática delineada para o jogo por parte da equipa técnica.

Os relatórios de observação e análise dos adversários foram realizados pelo observador participante (estagiário). A estrutura dos relatórios foi elaborada a partir duma entrevista inicial realizada ao treinador, descrita no capítulo anterior, e da consulta de literatura técnica neste domínio. Deste modo, o relatório procurou descrever o comportamento das equipas adversárias nos 4 'momentos do jogo' (organização ofensiva, organização defensiva, transição defensiva, transição ofensiva). Para cada uma destas categorias, foram identificados os comportamentos coletivos, sectoriais e intersectoriais mais frequentemente evidenciados, os espaços a explorar de acordo com o posicionamento e ocupação dos espaços do adversário, as tendências de passe e comportamentos primordiais dos jogadores nos momentos de transição da posse de bola. Foram ainda identificadas as tendências comportamentais das equipas nos esquemas táticos (bolas paradas) ofensivos e defensivos, tal como os jogadores que repunham a bola em jogo, os jogadores-alvo, e o posicionamento e ocupação dos espaços efetuado pelos jogadores. Os relatórios foram realizados através da observação de 2 ou 3 jogos por cada adversário. Sempre que possível, cada adversário foi observado *in loco* pelo menos uma vez. Para os 15 adversários observados, realizaram-se 9 observações *in loco* e 45 observações com recurso a gravação vídeo. Após a observação de cada adversário, e tendo por base o conhecimento do modelo de jogo do Estoril-Praia, a análise estendeu-se a uma fase de interpretação das tendências tendo em conta os aspetos a explorar e a evitar perante as características dos adversários, tal como sugerido na literatura (Carling et al., 2005).

Em relação à entrevista ao treinador, esta ocorreu sempre no final do treino anterior à competição. A conversa iniciou com a pergunta: “Qual o ponto fraco que irão explorar?”, que procurava extrair os aspetos que o treinador considerava mais frágeis do adversário e exploráveis pela equipa. Posteriormente questionou-se: “De que forma vão explorá-los?”, para identificar qual o plano estratégico para explorar os aspetos referidos. Numa segunda fase, realizou-se o mesmo processo, mas para os aspetos mais fortes dos adversários, através das perguntas: “Quais as características do jogo da equipa adversária que pretendem evitar?”; “De que forma os vão evitar?”. As respostas do treinador foram apontadas num bloco de notas e posteriormente transcritas e arquivadas. O cruzamento da informação extraída dos relatórios de análise dos adversários e da entrevista ao treinador permitiram efetuar uma triangulação das fontes de informação e conferir fiabilidade ao conteúdo em análise.

Após a identificação do conteúdo de cada evento/jogo através dos procedimentos anteriormente descritos, foi analisada a relação entre os aspetos fortes e as fragilidades dos adversários, assim como a forma da equipa se adaptar a estas características em cada jogo. Posteriormente, foram identificados padrões através do cruzamento do conteúdo dos vários jogos/adversários (Eisenhardt, 1989; Bardin, 2008).

No cruzamento da informação dos vários jogos, foi feita uma análise de frequências das características das equipas adversárias e das adaptações ofensivas e defensivas da equipa em estudo (Sarmiento et al., 2013; Eisenhardt, 1989). Desta forma tornou-se possível identificar e interpretar os padrões mais recorrentes das equipas da 1ª Liga, assim como o modo como a equipa do Estoril Praia mais frequentemente se procurou adaptar, circunstancialmente, aos seus adversários.

4.3. Apresentação dos Casos

Na tabela 17 serão apresentados os 15 casos considerados para o estudo, apresentando em cada um as características das equipas e as adaptações estratégicas, fundamentadas pelas observações e entrevistas realizadas.

Tabela 18 - Quadro síntese das características dos adversários e correspondente adaptabilidade estratégico-tática da equipa do Estoril Praia.

Jornada	Adversário	Aspetos a explorar	Como exploraram	Pontos fortes a evitar	Como evitaram
8	Marítimo	<ul style="list-style-type: none"> - Lateral direito com pouca aptidão defensiva. - Pouco apoio dos extremos no processo defensivo - Pouca pressão ao portador da bola e às linhas de passe 	<ul style="list-style-type: none"> - Médio ofensivo realiza desmarcações de rutura sobre o corredor direito. - Sebá a jogar a extremo esquerdo - Progressão ofensiva dos laterais 	<ul style="list-style-type: none"> - Transições ofensivas com muita velocidade e em profundidade, criando muitas situações de finalização; - Mobilidade do ponta de lança no ataque; - Movimentos interiores com bola do extremo esquerdo Héldon, 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Centrais em marcação e cobertura defensiva alternada; - Aproximar o médio defensivo para fechar corredor central a Héldon
9	Setúbal	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilidade dos médios centros para os corredores laterais no processo ofensivo - Lateral esquerdo com pouca aptidão defensiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Rápida transição pelo corredor central, usando o médio ofensivo para deslocar o médio defensivo adversário; - Criar situações de 1x1 ou 2x1 com lateral esquerdo 	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos Interiores do extremo direito Sabino 	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximação do médio para fechar corredor central a Sabino (extremo direito)
10	Rio Ave	<ul style="list-style-type: none"> - Lateral esquerdo com poucos minutos jogados - Extremo esquerdo fecha mal o corredor no processo defensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão ofensiva do lateral direito; - Criar situações de 1x1 e 2x1 sobre lateral esquerdo no processo ofensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Transições ofensivas com muita velocidade pelos extremos da equipa; - Tarantini (médio centro) aparecer na área para finalizar 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Lateral atento ao movimento de Tarantini, em último caso médio acompanha.
11	Guimarães	<ul style="list-style-type: none"> - Fraco acompanhamento do lateral esquerdo por Marco Matias no processo defensivo; - Laterais com pouca aptidão defensiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão ofensiva do lateral Esquerdo - Criar situações de 1x1 ou 2x1 sobre os laterais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transições ofensivas em profundidade dada pela velocidade do seu avançado; - Mobilidade ofensiva de Maazou (ponta de lança) 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Cobertura e marcação defensiva dos centrais alternadamente.
12	Paços de Ferreira	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar pouca capacidade defensiva de Bébé (extremo esquerdo) - Pouca capacidade na 1ª fase de construção no processo ofensivo, devido à pouca capacidade técnica dos centrais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão ofensiva do lateral direito; - Pressão alta sobre a linha defensiva no processo defensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Transição ofensiva pela velocidade de Bébé; - Movimentos interiores de Bébé (extremo esquerdo) com bola 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Cobertura defensiva perto do lateral direito (médio centro/defesa central)

Tabela 19 - Continuação da tabela 17.

Jornada	Adversário	Aspetos a explorar	Como exploraram	Pontos fortes a evitar	Como evitaram
13	Gil Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca pressão ao portador da bola e às linhas de passe; - Lateral esquerdo com pouca aptidão defensiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogar mais pelo corredor central; - Criar situações de 1x1 e 2x1 sobre lateral esquerdo; - Balboa a jogar a extremo direito 	<ul style="list-style-type: none"> - Bolas paradas ofensivas 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior concentração nas bolas paradas; - Evitar fazer faltas perto da área.
14	Belenenses	<ul style="list-style-type: none"> - Laterais com pouca aptidão defensiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar situações de 1x1 	<ul style="list-style-type: none"> - Transições ofensivas pela velocidade de Freddy (extremo esquerdo) com a bola; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola.
15	Sporting	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco cobertura do médio defensivo ao corredor direito; - Lateral esquerdo adaptado; - Progressão ofensiva dos laterais no processo ofensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogar pelos corredores laterais; - Realizar a transição ofensiva pelos corredores Laterais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão ofensiva dos laterais no processo ofensivo; - Qualidade de passe de William Carvalho (médio defensivo) 	<ul style="list-style-type: none"> - Pressão sobre William (médio defensivo) de Evandro (médio ofensivo) no processo defensivo; - Os extremos acompanham os laterais no processo defensivo.
16	Nacional	<ul style="list-style-type: none"> - Lateral direito com pouca aptidão defensiva; - Fraca 1ª fase de construção, devido à falta capacidade técnica de Mexer (Defesa central) 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar situações de 1x1 ou 2x1 sobre o Lateral Direito; - Pressão alta sobre a linha defensiva na 1ª fase de construção, no processo defensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transições ofensivas com muita velocidade devido aos extremos; - Mobilidade ofensiva dos 3 avançados - Movimentos interiores com bola de Candeias (extremo esquerdo) 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Médios mais perto da linha defensiva e linha defensiva com menores distâncias entre jogadores.
17	Arouca	<ul style="list-style-type: none"> - Lateral esquerdo com poucos minutos jogados - Pouca velocidade da linha defensiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar situações de 1x1 ou 2x1 sobre lateral Esquerdo; - Explorar a profundidade no processo ofensivo sempre que possível 	<ul style="list-style-type: none"> - Bolas Paradas ofensivas - Remates de Longe de Amaro e Simão 	<ul style="list-style-type: none"> - Concentração e atenção para a finalização dos médios; - Médios juntos e atentos às 2ªas bolas após cruzamentos;
18	Académica	<ul style="list-style-type: none"> - Progressões ofensivas do Lateral Esquerdo; - Extremo do lado contrário à bola muito perto dos médios centro, no processo defensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transição ofensiva rápida pelo corredor direito; - Rápida variação do centro de jogo no processo ofensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressões ofensivas do Lateral Esquerdo 	<ul style="list-style-type: none"> - Extremo direito acompanha o Lateral e os médios fazem cobertura defensiva, no processo defensivo.

Tabela 20 - Continuação da tabela 17.

Jornada	Adversário	Aspetos a explorar	Como exploraram	Pontos fortes a evitar	Como evitaram
19	Braga	<ul style="list-style-type: none"> - Laterais com pouca aptidão defensiva - Transições defensivas com deslocamentos lentos dos jogadores, fraca reação à perda da bola 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar situações de 1x1 ou 2x1 com os laterais - Transição ofensiva rápida 	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos interiores com bola do extremo esquerdo; - Desmarcações com diagonais curtas do ponta de lança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cobertura defensiva do médio ao lateral direito, no processo defensivo; - Defesas centrais com uma distância menor entre si, no processo defensivo.
20	Porto	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª fase de construção com pouca qualidade, devido à pouca capacidade técnica dos defesas centrais; - Transição defensiva fraca, devido ao número reduzido de jogadores no corredor central; - Bloco médio-alto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pressão alta nos centrais na 1ª fase de construção do processo ofensivo; - Transição ofensiva rápida pelo corredor central; - Procurar a profundidade com o avançado e médio ofensivo no processo ofensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Progressão ofensiva dos laterais; - Mobilidade ofensiva do ponta de lança - Movimentos interiores com bola dos 2 extremos, no processo ofensivo 	<ul style="list-style-type: none"> - Extremos acompanham os laterais no processo defensivo; - Linha defensiva com menores distâncias entre os jogadores. - Cobertura defensiva dos médios aos laterais no processo defensivo
21	Olhanense	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca velocidade da linha defensiva - Pouca mobilidade defensiva do duplo pivô defensivo; - Pouca pressão ao portador da bola e às linhas de passe no processo defensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogar mais pelo corredor central na 2ª fase do processo ofensivo; - Procurar passes em profundidade sobre os corredores laterais, no processo ofensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transição ofensiva em profundidade com a velocidade do seu ponta de lança - Mobilidade ofensiva do Ponta de lança 	<ul style="list-style-type: none"> - Reação rápida à perda da bola; - Linha defensiva com menores distâncias entre jogadores, com centrais em cobertura e marcação defensiva alternada
22	Benfica	<ul style="list-style-type: none"> - Dois médios centros, provocando inferioridade numérica com os médios do Estoril 	<ul style="list-style-type: none"> - Jogar mais pelo corredor central 	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilidade ofensiva do processo ofensivo - Transições ofensivas muito velozes, devido à velocidade dos seus jogadores, e que criam muitas situações de finalização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Linha defensiva com menores distâncias entre jogadores; - Reação rápida à perda da bola.

4.3. Padrões emergentes do cruzamento dos casos

Nas figuras 12 e 13 estão representadas as frequências de ocorrência das características das equipas adversárias, nomeadamente nos aspetos mais fortes e maiores fragilidades.

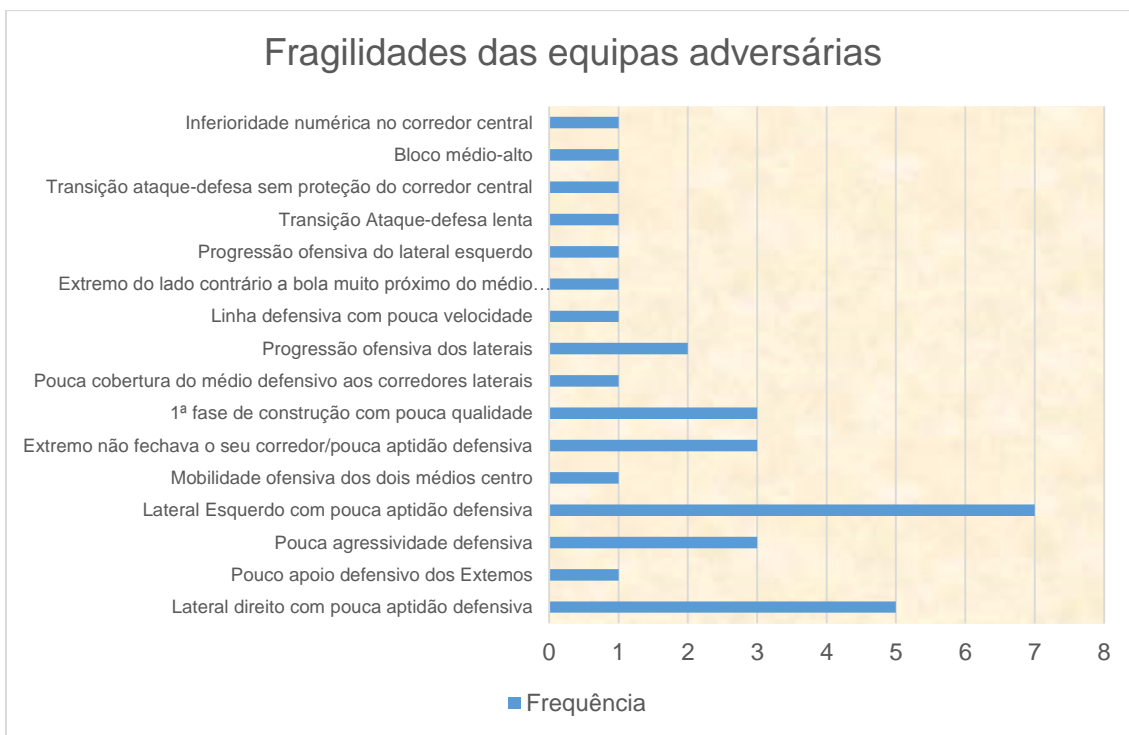


Figura 12 – Frequência de ocorrência das características menos fortes (fragilidades) das equipas adversárias.

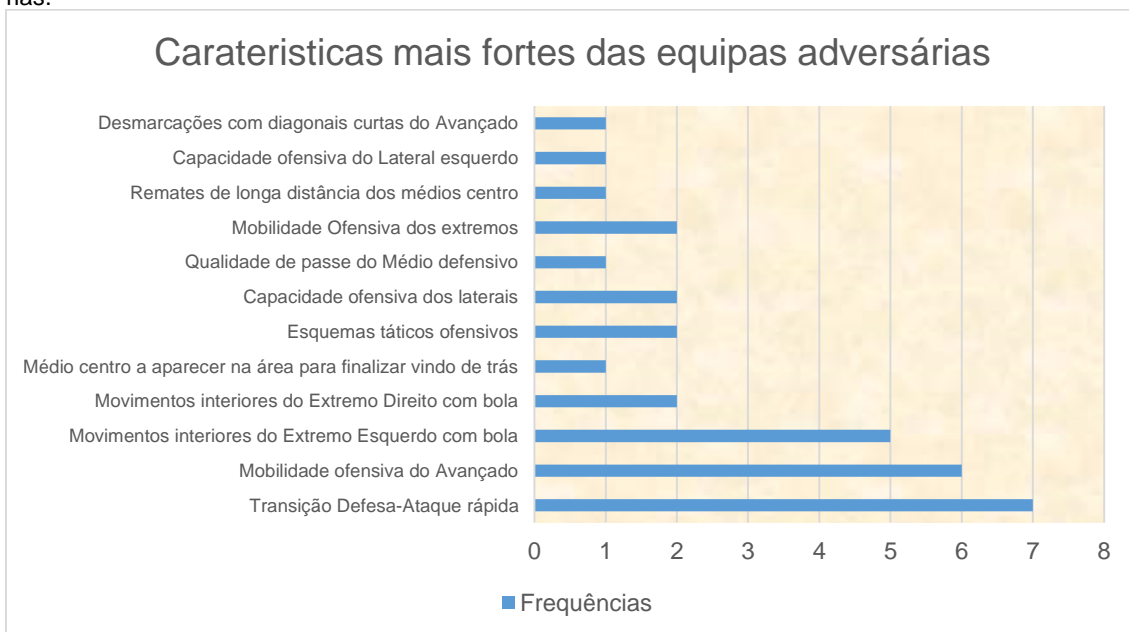


Figura 13 – Frequência de ocorrência das características mais fortes das equipas adversárias

Nas figuras 14 e 15 estão representadas as frequências de ocorrência das adaptações ofensivas e defensivas do Estoril Praia.

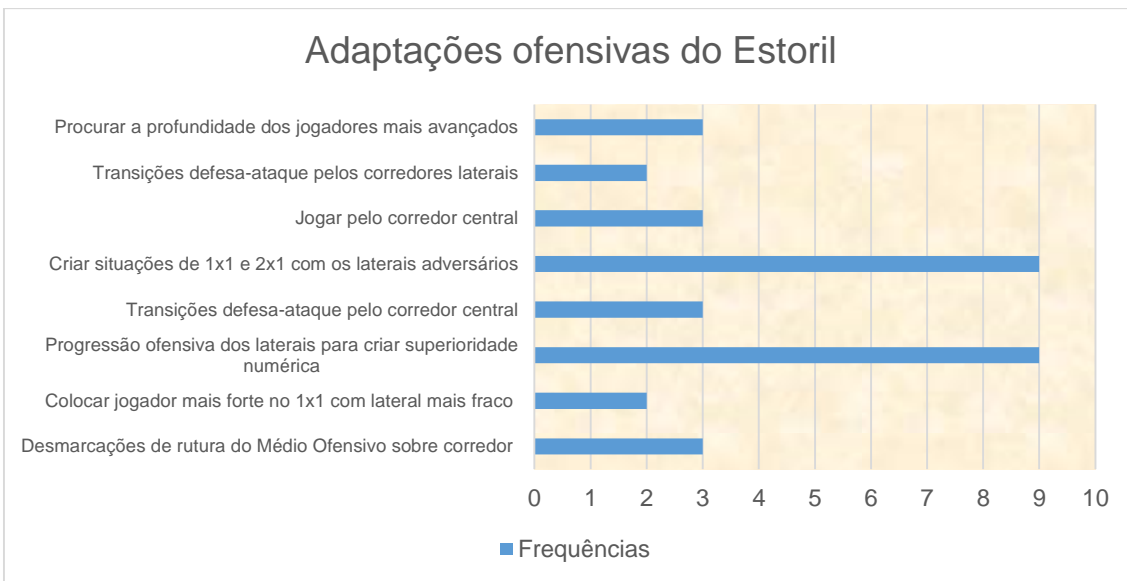


Figura 14 – Frequência de ocorrência das adaptações ofensivas do Estoril-Praia

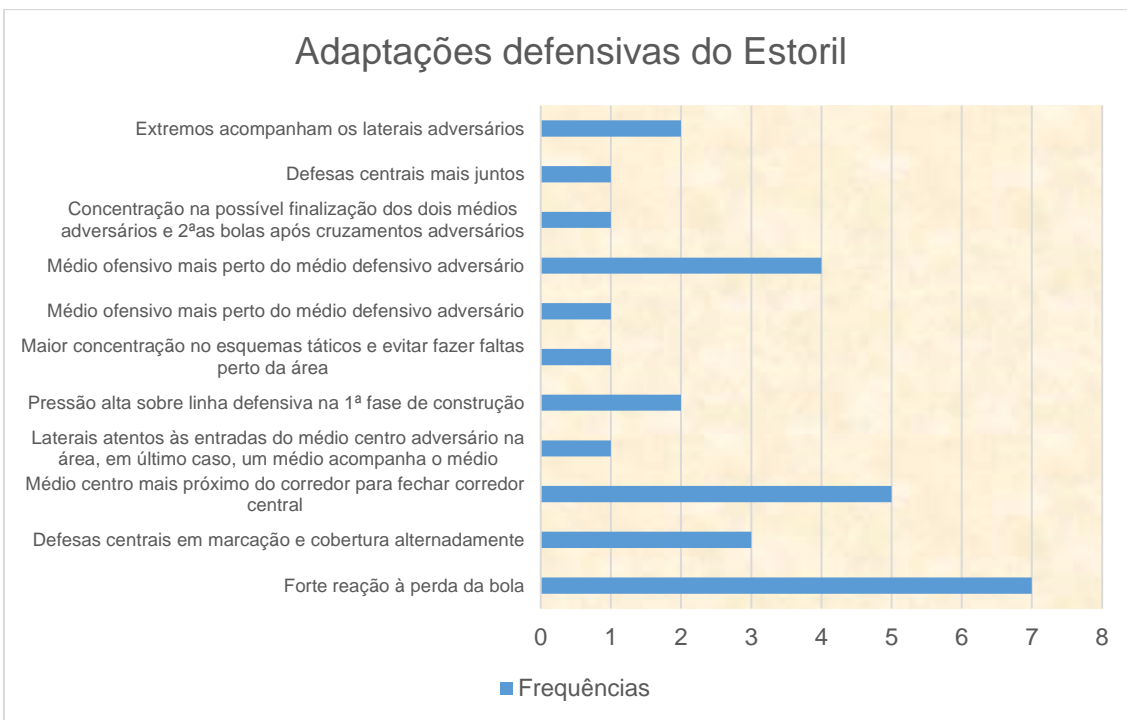


Figura 15 - Frequência de ocorrência das adaptações defensivas do Estoril-Praia

4.4. Discussão dos Resultados

O objetivo deste trabalho foi definir a forma como uma equipa profissional se adapta às particularidades dos adversários no plano estratégico-tático, através da observação e análise dos adversários e o planeamento estratégico para a competição.

Analisando os padrões emergentes do cruzamento dos casos, parece existir uma tendência para um défice de qualidade defensiva dos laterais, com maior incidência do

lateral esquerdo, que evidenciou 7 ocorrências em 15 jogos analisados. Este facto poderá revelar que esta é uma fragilidade recorrente nas equipas profissionais Portuguesas. Apesar de não se encontrar justificação para este facto na literatura, julgámos que tal se possa dever à menor existência de jogadores com o pé esquerdo como membro dominante, comparativamente a jogadores com o pé direito, uma vez que este é um requisito normalmente associado à definição da posição de um jogador como lateral esquerdo. Esta menor existência de jogadores laterais esquerdos como posição de origem poderá obrigar os treinadores a utilizarem jogadores menos habilitados para os comportamentos específicos da posição, como por exemplo o fecho dos espaços interiores.

Do cruzamento dos casos emergiu também uma tendência para as equipas da 1ª liga jogarem sobretudo em contra-ataque ou ataque rápido, uma vez que apresentaram recorrentemente a transição defesa-ataque como um dos seus aspetos mais fortes (7 dos 15 casos analisados). Oliveira (2004) considera que o momento de transição defesa-ataque é crucial para aproveitar o momento de desorganização adversária. Por outro lado, Sarmiento et al. (2013) identificou, num estudo com 8 treinadores Portugueses de elite, que os treinadores dão maior importância aos fatores culturais do que aos fatores estratégico-táticos para caracterizar o estilo de jogo das três maiores ligas Europeias (Inglesa, Espanhola e Italiana). Assim, podemos considerar que a utilização de modelos de jogo com grande ênfase no processo defensivo, por parte das equipas portuguesas, pode ter uma justificação cultural e/ou justificar-se pelas características dos próprios jogadores. Num outro estudo sobre a evolução do futebol entre os anos de 1982 e 2010, identificou-se que as equipas de elite têm atualmente mais dificuldade em penetrar individualmente na zona central ofensiva, devido ao aumento da densidade dos jogadores, que aumentou consideravelmente desde 1990 (Barreira, Garganta, Castellano, Prudente & Anguera, 2014). Alternativamente, as equipas passaram a criar mais situações de finalização através da utilização do passe curto e de cruzamentos a partir dos corredores laterais. Outra característica das equipas portuguesas com uma frequência superior a 5 em 15, ou seja, superior a 30%, prende-se com os movimentos dos extremos com bola para zonas interiores para finalizarem. Realça-se que existe uma maior frequência sobre o corredor esquerdo, devendo-se, provavelmente, à existência de menos jogadores que joguem predominantemente com o pé esquerdo, levando a que um destro jogue sobre o corredor esquerdo e aumentando a sua tendência para progredir para o corredor central como forma de utilizar o seu pé dominante.

Por fim, realça-se a mobilidade dos avançados como uma das características das equipas portuguesas também com grande relevância. Esta parece ser uma preferência dos técnicos por jogadores com mobilidade, em vez de avançados fixos com elevada

capacidade no jogo aéreo. Barreira et al. (2014) demonstraram, num estudo sobre a fase ofensiva nos campeonatos do Mundo, entre 1982 e 2010, que as equipas atualmente procuram jogar pelos corredores laterais porque, segundo o autor, o corredor central tem um maior número de jogadores adversários, promovendo uma desvantagem numérica da equipa e, conseqüentemente, o risco de perder a bola. Este aspeto pode justificar a mobilidade dos avançados, para que estes possam ajudar na criação de vantagem numérica em zonas de menor densidade de jogadores adversários, como uma das formas de desequilibrar a estrutura defensiva adversária.

Do conjunto de casos analisados, a adaptabilidade estratégico-tática do Estoril Praia parece ser circunstancial, procurando que os pontos fortes e fragilidades dos adversários fossem contrariados pela exaltação de algumas das características da própria organização de jogo da equipa do Estoril. Em termos concretos, o treinador procurava focar a sua equipa nos aspetos do seu modelo de jogo que maior sucesso teriam sobre o adversário. Deste modo, a adaptabilidade da equipa do Estoril Praia parece assentar numa orientação estratégica resultante da análise aos adversários que através do treino e da comunicação com os jogadores pretende condicionar a ação tática dos jogadores em competição (Lamas et al., 2014).

Em relação às adaptações defensivas, a equipa técnica procurou exigir aos jogadores uma reação coletiva rápida à perda da bola no momento de transição ataque-defesa, com uma frequência de 7 em 15 casos. Castelo (1994) defende que após a recuperação da bola os jogadores devem rapidamente procurar fechar os caminhos para a sua baliza, caso contrário, arriscam o resultado do jogo. Oliveira (2004) defende que a velocidade com que uma equipa recupera as suas posições e a bola é essencial para que não sofra golos e permita voltar a ter a iniciativa de jogo. Este conhecimento técnico acerca da importância da velocidade com que os jogadores efetuam a sua transição ataque-defesa foi também demonstrado empiricamente em equipas participantes na *Bundesliga* (Vogelbein, Nopp & Hokelmann, 2014). As equipas melhor classificadas tenderam a efetuar a recuperação da bola mais rapidamente que as restantes, com ‘tempos de reação defensivos’ médios em torno de 10 segundos.

As outras adaptações significativas são a aproximação dos médios mais defensivos aos corredores laterais, ou seja, um ligeiro deslocamento do médio sobre um corredor e a redução das distâncias entre os jogadores do setor defensivo. Deste modo, o adversário seria condicionado a jogar para os corredores laterais, contrariando a mobilidade do avançado e dos extremos adversários. Esta adaptação vai ao encontro do objetivo fundamental do processo defensivo descrito por Castelo (1994), que refere que se deve dar prioridade à proteção da baliza e como tal os jogadores deverão concentrar-

se sobretudo no corredor central do seu meio campo defensivo, uma vez que a baliza se encontra nesse local.

Para o processo ofensivo, a equipa técnica procurou focar o jogo da equipa para os corredores laterais em grande parte dos jogos, exponenciando a projeção (subida) dos laterais, um comportamento já habitual na organização ofensiva da equipa. A equipa procurou ainda criar situações de 1x1 e 2x1 para potenciar a criação de desequilíbrios nos corredores laterais adversários. Esta focalização nos corredores laterais entende-se pela concentração de jogadores na zona central, que Castelo (1994) defende como um objetivo fundamental do processo defensivo, e que Barreira et al. (2014) identificou como uma tendência evolutiva do futebol atual.

Por fim, a equipa estudada procurou adaptar a sua transição defesa-ataque (exploração primordial do corredor central ou do corredor lateral), conforme as zonas mais frágeis da transição ataque-defesa do adversário. De acordo com Lamas et al. (2014), o jogo desenrola-se através da seleção e execução dos jogadores de um de dois tipos de orientações: orientações estratégicas específicas definidas pelos treinadores; orientações alternativas para situações emergentes que a estratégia definida não considera. Podemos considerar que a equipa técnica procura constranger a decisão dos jogadores, utilizando as orientações estratégicas para a zona por onde quer realizar predominantemente a transição defesa-ataque, em função das zonas mais frágeis do adversário. Estas orientações estratégicas procuram constranger e influenciar a ação tática dos jogadores, sem contudo retirar a sua liberdade de decisão perante as configurações momentâneas com que estes se deparem (Grehaigne et al., 1995; Grehaigne et al., 2011).

4.5. Conclusão

O objetivo deste estudo passava por definir a forma como uma equipa profissional se adapta às particularidades dos adversários no plano estratégico-tático.

O estudo sugere que a equipa do Grupo Desportivo Estoril-Praia, face às características do adversário, não alterou profundamente as suas tendências comportamentais. Em alternativa, o treinador procurou exponenciar alguns dos aspetos distintivos da sua organização de jogo que, na sua perspetiva, poderiam aumentar as probabilidades de sucesso da equipa perante as características dos adversários. De facto, de acordo com Lamas et al. (2014) e Grehaigne et al. (1995), a dimensão estratégica do jogo condiciona o comportamento tático-decisional dos jogadores que emerge da confluência de constrangimentos durante o jogo. Neste sentido, o treinador parece ter procurado precisamente constranger os comportamentos tático-decisionais dos seus jogadores enfatizando através do treino e da comunicação com os jogadores certos comportamentos.

Através do cruzamento dos casos, o estudo sugere ainda que as equipas da 1ª Liga Portuguesa promovem um estilo de jogo mais defensivo, com uma grande ênfase na transição defesa-ataque e no método ofensivo de ataque-rápido e contra-ataque. Apesar dos estudos de Sarmiento et al. (2013), que indicam que os fatores culturais e características dos jogadores influenciam o estilo de jogo habitualmente encontrados em diferentes países, pouco se sabe sobre a forma como a cultura do futebol português influencia o estilo de jogo das equipas, bem como quais as características dos jogadores profissionais a atuar em Portugal. Estes aspetos carecem de maior atenção em futuros estudos.

Este estudo procurou encontrar ligações entre o processo de análise dos adversários e os planos de preparação semanal da equipa. Dado tratar-se de um estudo de caso, os resultados aqui revelados deverão ser interpretados de acordo com o contexto competitivo das equipas e com os fatores culturais inerentes ao próprio país em questão. A generalização destes resultados para outros contextos e culturas carece de futura investigação. Em futuros estudos sugere-se que se analise o modo como a informação proveniente da análise dos adversários é integrada no planeamento estratégico-tático ao nível da conceção da estrutura das sessões e exercícios de treino, assim como ao nível da comunicação verbal e não-verbal do treinador com os jogadores, uma vez que existem escassos trabalhos sobre a forma como a análise do jogo é transferida e integrada no planeamento e programação do processo de treino (Wright et al., 2014).

5. Ação de formação para a comunidade – O Papel do Treinador nas Organizações Desportivas

5.1. Introdução

Nos dias de hoje, a profissão de treinador é caracterizada por uma complexidade que a torna cada vez mais exigente, no que respeita à preparação essencial para o seu exercício. O pressuposto de que qualquer indivíduo pode exercer o cargo de treinador, tem vindo a ser cada vez mais questionado, em função da dimensão atingida pelo desporto em geral e pelo futebol em particular. Hoje é exigido ao treinador um conjunto de competências flexíveis que se ajustem a diversas situações e contextos.

Uma das características que define um treinador é a sua capacidade de gerir pessoas e situações. Nesta é-lhe atribuída uma ação decisiva, nomeadamente em tudo o que diga respeito ao rendimento e à qualidade de intervenção no ambiente em constante mutação.

Para além de todo o conhecimento que possa apresentar na área do treino, não podemos esquecer as relações que um treinador estabelece com os jogadores, restantes elementos da equipa técnica, com a direção, com os funcionários do clube, com a comunicação social, entre outros. Não é possível comandar um grupo de pessoas, se quem tiver a liderar o processo não for um bom gestor. Logo, um treinador é um gestor, e esta é uma enorme qualidade de um treinador. Todavia, ser um bom gestor, não credencia ninguém a ser um bom treinador, pois para isso é necessário um conjunto de outros fatores como o conhecimento tático e técnico, entre outros atributos.

Ser treinador implica possuir conhecimento em várias áreas para depois ter a capacidade de planear. O treinador deve ser versado em domínios de organização, área administrativa, financeira e de comunicação. O treinador é um gestor de recursos e estratégias, ao contrário da representação social que lhe é atribuída, isto é, não é apenas uma pessoa que orienta o processo de treino e lidera somente os jogadores do plantel.

Assim, a multidisciplinariedade dos treinadores nos clubes evidencia o reducionismo da ideia de que o treinador apenas se limita a operacionalizar o processo de treino. Liderar, neste contexto de elevada exigência, trata-se de uma tarefa árdua que não se esgota nas competências inerentes ao planeamento e operacionalização do treino, mas antes transforma a liderança numa forma de gestão de recursos humanos e põe em perspetiva o conhecimento em ação do treinador. A natureza multidisciplinar, bem como estas necessidades de gestão, tornam a aquisição de competências para se “Ser Treinador” bastante morosa. Obriga a uma aprendizagem constante, onde a dúvida tem lugar-chave e o pensamento crítico é instrumento determinante.

5.2. Objetivos do Evento

Este seminário tinha como principal objetivo discutir o papel do treinador de futebol como gestor no seio das organizações desportivas. Para alcançar este objetivo principal, delinearam-se cinco objetivos específicos, que procuravam dar resposta à questão principal do seminário.

O primeiro objetivo específico prende-se com a compreensão do papel do treinador na relação com todos os elementos que fazem parte da estrutura de um clube. O segundo objetivo passava por identificar as principais dificuldades ou obstáculos que o treinador tem de enfrentar para alcançar os objetivos propostos para a época desportiva. O terceiro objetivo procurava identificar as áreas que o treinador pode e deve intervir. Por fim, o quarto e quinto objetivos procuravam relacionar os preletores com o público, sendo estes, a partilha de experiências vividas por cada um dos convidados e o debate com o público.

5.3 Planeamento

Para a realização do seminário escolheu-se o Salão Nobre da Faculdade de Motricidade Humana, dado que é um auditório amplo, confortável, cuja faculdade tem uma forte ligação às áreas do desporto e gestão e como tal faria todo o sentido realizar o evento neste local. Outro fator para a escolha deste local foi a sua capacidade para albergar 100 pessoas, plateia pretendida para o seminário, com 20 destes lugares a serem reservados para convidados dos preletores e organização. Foi escolhido um horário noturno, para que fosse possível que os estudantes pudessem comparecer, bem como possíveis técnicos em funções nas camadas jovens, mesmo que com um ligeiro atraso, definindo-se o início do evento às 20h30 do dia 24 de Março de 2014.

Para a logística do evento e a sua divulgação, procurou-se o apoio do Núcleo de Futebol da Faculdade de Motricidade Humana, o qual foi muito importante na divulgação e apoio no dia do evento. Para a divulgação criou-se um cartaz que foi enviado por correio eletrónico, através dos contatos do Núcleo de Futebol e das redes sociais, nomeadamente pelo “Facebook”, sendo ainda divulgado através de contatos pessoais realizados pela organização.

Para a apresentação da temática e moderação da mesma, foram escolhidos os treinadores José Couceiro, Acácio Santos, Carlos Azenha como preletores, e o professor Rui Biscaia para moderador do evento.

O professor Rui Biscaia foi selecionado devido o facto de pertencer à Faculdade de Motricidade de Humana, nomeadamente à área da gestão, que aportava uma mais-valia com o seu ponto de vista distinto do treinador. Outro fator importante para a escolha do professor foi por estar no momento a realizar estudos sobre os treinadores portugueses.

O convite endereçado ao Carlos Azenha deveu-se à sua experiência em diferentes cargos, em clubes de diversas dimensões de diversos países. A sua experiência como treinador adjunto no Setúbal, Boavista e Porto, bem como a sua experiência na China, Egito e alguns clubes de menores dimensões em Portugal como treinador principal, traziam para o seminário uma visão de diferentes culturas sobre esta temática.

O treinador e comentador desportivo Acácio Santos fornecia ao seminário as suas experiências como treinador principal na Grécia (Levadiakos) e na Malásia (Negeri Sembilan), experiências profissionais na federação portuguesa de futebol, entre outros clubes que passou com estágios de observação com treinadores conceituados.

Por fim, o treinador José Couceiro trazia ao seminário um prisma mais global sobre o tema, devido às diversas funções que desempenhou dentro de uma estrutura

desportiva, seja a sua experiência como diretor desportivo no Sporting Clube de Portugal, ou a sua experiência como treinador principal no Porto, Sporting, Setúbal, Lokomotiv de Moscovo na Rússia. Importante também referir as funções como treinador na Turquia, selecionador nacional da Lituânia e seleção sub-21 de Portugal e como coordenador da formação do Alverca Futebol Clube.

A participação neste evento estava sujeita a uma pré-inscrição que consistia no preenchimento de um questionário (em anexo), cuja hiperligação estava exposta no cartaz (em anexo), que tinha por objetivo caracterizar o público que atendeu ao evento. As primeiras alíneas do questionário procuravam identificar os praticantes pelo seu nome para futura confirmação através de uma listagem realizada para o dia do evento, tendo ainda de revelar o seu endereço de correio eletrónico para que fosse possível a confirmação da sua inscrição no evento. Posteriormente procuramos identificar as faixas etárias que iriam estar representadas no evento, através da pergunta “qual a sua idade?”, que tinha 4 respostas possíveis.

Procurou-se identificar as habilitações literárias para entender qual o grau académico mais representado, podendo ser um indicador para futuras divulgações de eventos nesta temática. Outra pergunta do questionário, “qual a sua ligação ao futebol?”, procurava identificar quem é que teria interesse no tema, procurando identificar o número de estudantes, treinadores, dirigentes e pessoas sem ligação ao futebol.

De seguida procurou-se identificar através das perguntas “qual o seu curso?” e “que instituição frequenta?”, o número de estudantes e não estudantes na plateia, bem como de que instituições estes viriam. De salientar ainda que se procurou identificar de que ano dos seus cursos os estudantes vinham, sendo que mais tarde entendeu-se que não trazia nenhum benefício para a caracterização da amostra.

Por fim, procurou-se que os inscritos nos fornecessem os motivos do seu interesse no seminário, por forma a identificar as principais razões que levaram os participantes a inscrever-se no seminário, bem como a possível realização de outras ações provenientes dos seus interesses.

De salientar que a lotação pretendida foi alcançada em apenas uma semana, e que foi também preparado, para o dia do evento, um pequeno convívio entre preletores e moderador e os membros da organização, através de um pequeno lanche antes do início do evento.

5.4. Caracterização dos participantes

Na figura 16, estão representadas as faixas etárias presentes no seminário.

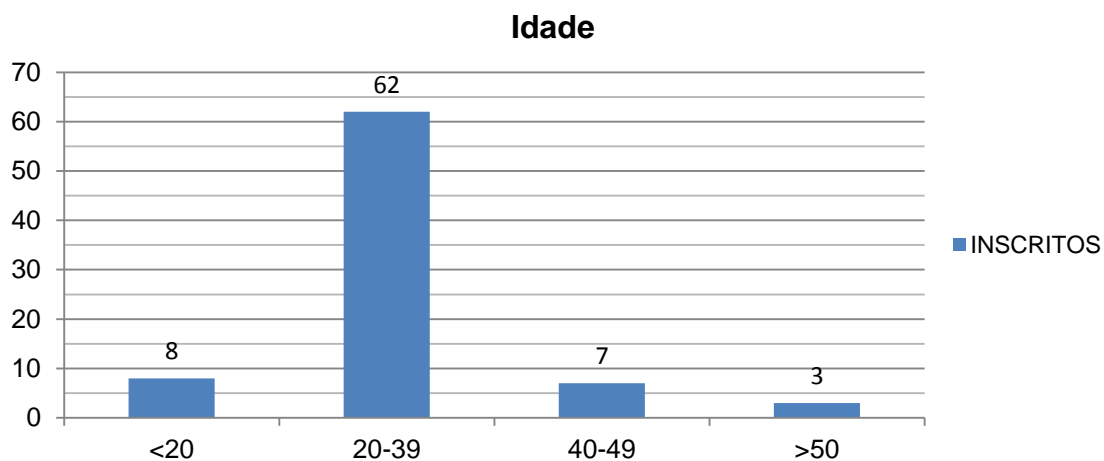


Figura 16 - Gráfico com distribuição de Idades dos Inscritos

Verificou-se que existiu uma grande preponderância do público jovem, num intervalo que corresponde a estudantes que estão a estudar e exercem funções em simultâneo, bem como ex-estudantes que já exercem funções e pessoas com alguma experiência no meio. Podemos concluir que este tipo de temática apela à adesão de pessoas com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos.

No Figura 17 está representado o número de estudantes e o número de não estudantes, e na figura 18 as instituições de onde provêm.

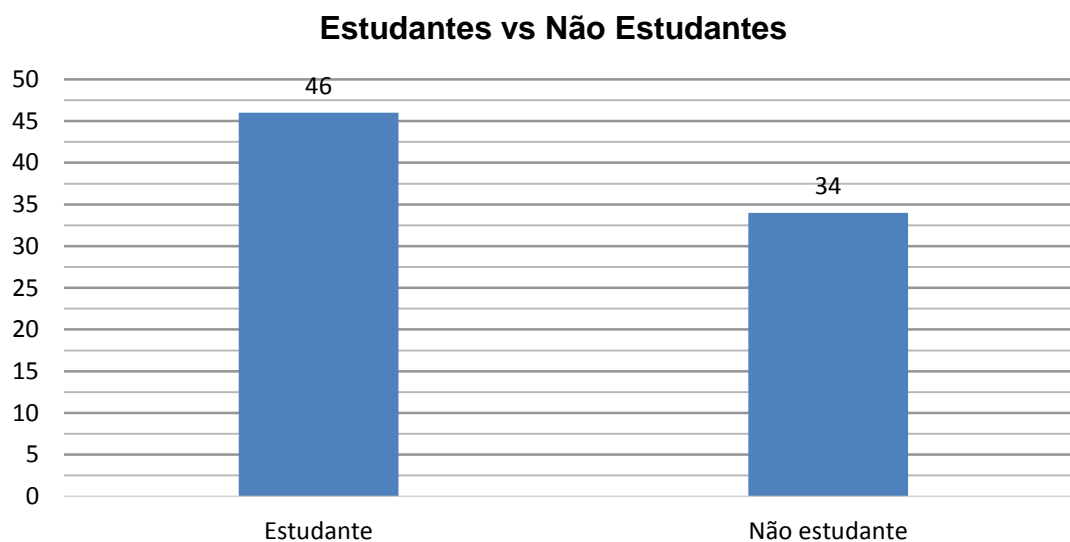


Figura 17 - Gráfico com o número de estudantes e não estudantes

Instituições

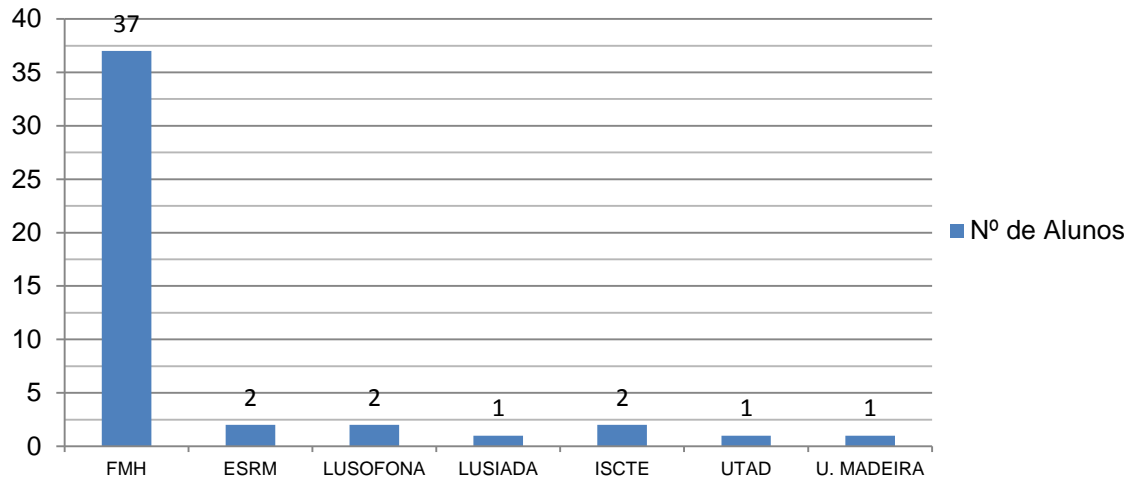


Figura 18 - Gráfico com distribuição dos inscritos por Instituições de ensino

Verifica-se que existiu um equilíbrio entre estudantes e não estudantes, revelando que a divulgação do evento abrangeu várias pessoas fora do contexto escolar. Demonstra também o interesse contínuo dos profissionais da modalidade na participação de eventos com debates sobre as temáticas do mundo do Desporto. Salienta-se ainda que dos estudantes presentes, a presença de alunos da FMH é claramente superior à presença das outras faculdades. Isto demonstra que a divulgação realizada pelos contatos do Núcleo de Futebol foram prioritariamente para a FMH, no entanto parece importante referenciar que atenderam ao seminário um aluno da Universidade do Minho, um aluno da Universidade da Madeira e 2 alunos da Faculdade de Rio Maior.

Na figura 19 estão representadas as habilitações literárias da amostra.

Habilitações Literárias

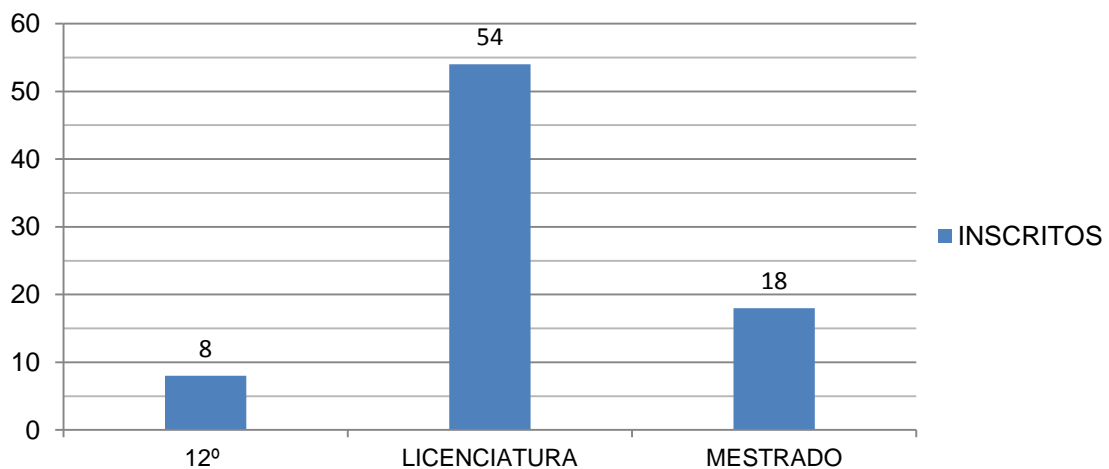


Figura 19 - Gráfico com a distribuição das habilitações literárias dos Inscritos

Identifica-se que, apesar de terem sido contabilizados os que ainda são estudantes dentro dos seus respetivos graus académicos, a maior parte da amostra possui o grau de Licenciado e Mestre, o que vai de encontro à faixa etária mais presente na amostra (20 aos 39 anos)

Na figura 20 estão representadas as ligações ao futebol da amostra.

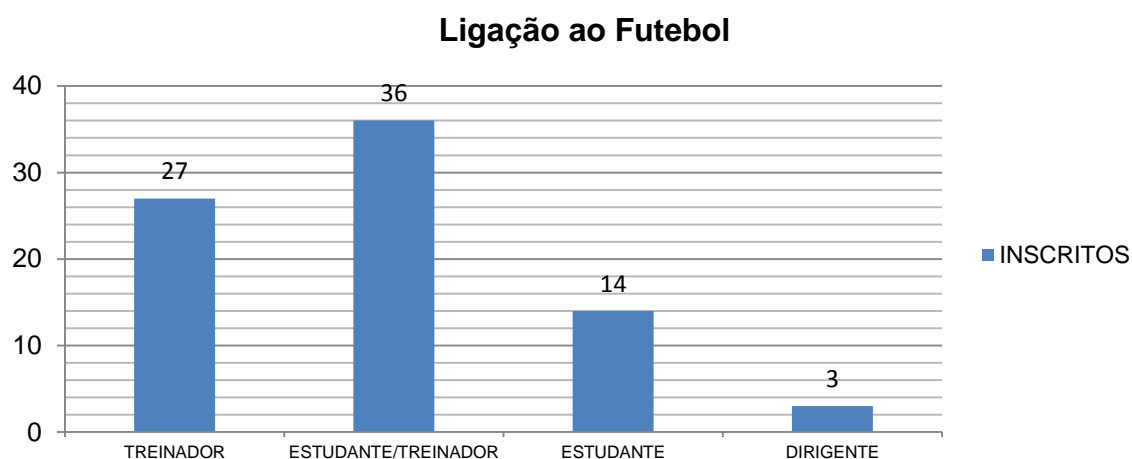


Figura 20 - Gráfico com a distribuição da ligação ao futebol dos Inscritos

Dado que era possível escolher mais do que uma opção nesta temática do questionário, verifica-se que a grande parte da amostra exerce funções de treinador com 36 pessoas a exercerem em simultâneo com os seus cursos académicos. Importa salientar que apenas 3 dirigentes estiveram presentes no evento, que demonstra alguma preocupação, dado que a ligação do seminário à gestão merecia uma maior presença por parte desta área profissional.

Por fim, referir que todos os inscritos presentes referiram que o objetivo para a sua inscrição era aprofundar conhecimentos, tendo em conta a pertinência do tema e por este ser nos dias de hoje um importante indicador de sucesso na estrutura dos clubes;

5.5. Evento

Temas da palestra

José couceiro

Iniciou a sua palestra focando os tipos de liderança existentes (falando de alguns), definindo o líder como um chefe, condutor ou dirigente que deve comandar e não mandar. Para comandar é essencial que este possua conhecimento.

De seguida faz uma separação entre o futebol de alto rendimento e a formação, referindo que para a direção da equipa, o mais importante será a competência, a comunicação e no fim a liderança, para um contexto de formação, sendo que no contexto competitivo se altera esta pirâmide. Nas relações e preocupações que este deve ter com sua equipa, Couceiro dá-nos três prioridades/relações: a família; a escola; o clube. No desporto profissional, percebe-se que as prioridades passam primeiramente pelo clube, dado que os jogadores têm contrato, de seguida vem a família e por fim a escola. Na formação existe uma grande importância da família, devido ao suporte psicológico que dá ao crescimento das crianças e jovens, com a formação escolar em segundo lugar, dado a escolaridade obrigatória e o desenvolvimento intelectual dos futuros adultos. Percebemos então que a última prioridade é o desporto, neste caso, definido por Couceiro como o clube.

Em relação às competências do treinador, Couceiro defende que este não deve saber tudo a fundo, mas possuir uma equipa técnica multidisciplinar, onde cada elemento sabe mais do que o treinador nas suas áreas específicas. Refere ainda que o treinador deve sempre planear e organizar para preparar o processo de decisão, iniciando-se com a escolha da equipa. Para que seja possível este construir uma noção de equipa, deverá conhecer a história e cultura do clube, a sua estrutura e os meios atuais para trabalhar, para que consiga fornecer uma identidade à equipa, coerente com o clube onde está inserido.

Para o papel do treinador e as áreas de intervenção, Couceiro defende que este será sempre em primeiro lugar um gestor de recursos humanos, no entanto, este deve-se interessar por todas as áreas que possam influenciar a sua equipa, não necessitando de ser um especialista. Este interesse irá permitir que este se possa relacionar com quem trabalha nestas áreas. Couceiro vai ainda mais longe, e defende que o treinador pode e deve estar em reuniões administrativas, pois possui um papel e função essencial para todo o processo.

Por fim, Couceiro refere que quanto maior a dimensão de um clube, menor será a abrangência que o treinador tem na estrutura da organização desportiva.

Acácio Santos

Acácio defende que a intervenção do treinador está dependente do contexto onde está inserido. Para defender esta ideia demonstrou três realidades distintas: presidente escolhe as contratações e o treinador dá o aval ou não; treinador serve para treinar; treinador escolhe as contratações.

Acácio considera que um clube é uma micro sociedade, com rotinas, cultura, vicissitudes, tendo uma direção, empresários, fundos de investimento, objetivos, egos,

jogadores que se têm de motivar e potenciar. Tendo esta sociedade em conta defende que o treinador pode apenas orientar o processo de treino, se tiver um diretor desportivo acima da sua função, ou ser um “Manager”, onde gere para além do processo de treino, o orçamento da época desportiva.

Tendo em conta o papel que o treinador por ter, Acácio considera três tipos de treinador, consoante a sua área de intervenção no clube: só treina e gere a Equipa A; treina e gere a Equipa A e Equipa B; ou gere a Equipa A e Equipa B, tendo a liberdade para a construção de uma identidade do clube

Por fim, Acácio define o que considera ser as características do treinador, referindo que este deve ter uma responsabilização positiva, delegando funções, de forma a não gerir tudo sozinho. Deve potenciar ligações dentro de toda a estrutura do clube e não apenas na equipa. Deve também ter a honestidade para reconhecer que não está a fazer um bom trabalho, ou que precisa de auxílio, bem como realizar uma análise contextual do meio onde vai trabalhar para poder delegar responsabilidades e potenciar ligações.

Carlos Azenha

Segundo Azenha, o treinador é contratado pelo domínio básico das suas competências, que se prendem com a compreensão e organização do Modelo de Jogo. No entanto este poderá também ser contratado pelo domínio avançado das suas competências, como a definição de um modelo de jogador, modelo de comunicação, modelo de treino, para além do modelo de jogo, que vão definir um Modelo de Equipa.

Em relação às áreas de intervenção, Azenha define que existem três áreas de intervenção: Gestão básica; Gestão especializada; Gestão estratégica. A primeira diz respeito às áreas administrativas, logísticas e de apoio à família. A segunda prende-se com a área clínica, jurídica, marketing e comercial. Por fim a área de gestão estratégica, está relacionada com o planeamento, finanças e comunicação, sendo esta a área onde o treinador deverá ter sempre conhecimento e intervenção.

De acordo com Azenha, a intervenção do treinador nestas três áreas está dependente do contexto desportivo da liga onde está inserido, da dimensão do clube e qual a estrutura que o suporta. Será forçosamente diferente treinar na China, bem como treinar numa primeira liga e numa segunda liga e com uma estrutura organizada por trás versus uma completamente desorganizada com vários elementos a tomar diversas decisões.

Por fim, Azenha defende que o treinador foi, é e sempre será um gestor de emoções de excelência e que a sua principal função é a motivação dos seus recursos humanos.

5.6. Balanço do Evento

O evento decorreu de forma positiva, sem nenhum problema de maior, tanto na organização e colaboradores do núcleo como ao nível do funcionamento das tecnologias utilizadas. De salientar que o horário foi cumprido, apenas com um ligeiro atraso no início do seminário, para que se pudesse organizar os participantes no auditório.

Em relação aos objetivos do evento, poderemos referir que foram alcançados, principalmente o objetivo de identificar as áreas de intervenção do treinador, referido pelos três convidados, que de uma forma mais ou menos comum concordavam que o treinador deve intervir em mais do que uma área ou, pelo menos, possuir conhecimento sobre essas, como por exemplo, área jurídica, financeira, médica, administrativa, etc. Esta última ideia concretiza também o objetivo da compreensão do papel do treinador na relação com todos os elementos, dado que todos os convidados defendiam que este deve-se relacionar com os diversos departamentos da estrutura. De salientar que todos referem que o treinador é primeiramente um gestor de emoções e recursos humanos, que nos leva a considerar que a relação com os elementos da equipa, equipa técnica e departamentos em volta destes, deverá ser numa base motivação constante.

No objetivo de identificar as dificuldades que o treinador tem de enfrentar para alcançar os objetivos propostos, percebemos que não foi explícito de forma clara, mas podemos inferir pelos conteúdos dados pelos preletores, que dependerá sempre da estrutura à volta do trabalho e a sua menor ou maior organização. Será possível afirmar que em clubes de menores dimensões as dificuldades serão maiores, dado a estrutura mais pequena que possui, não querendo isto dizer que todos os clubes com dimensões menores são desorganizados ou incompetentes no trabalho.

Por fim, percebemos que os dois objetivos finais, que procuravam relacionar o público com os convidados, foi alcançado pelo debate que se realizou após as apresentações e intervenções do moderador, sendo que este deu uma perspetiva de gestor que engrandeceu e muito os conteúdos do evento.

5.7. Perspetivas Futuras

O papel do treinador nas organizações desportivas é volátil em cada país, cidade ou organização, sugerindo que é urgente o reforço da formação multidisciplinar dos treinadores não só nas áreas técnicas mas principalmente nas áreas culturais.

A esfera de influência do treinador na organização desportiva, que é inversamente proporcional a dimensão da mesma, segundo José Couceiro, sugere ser importante cada organização ter clara as competências do treinador na sua organização e criar um perfil de competências para a contratação do seu treinador.

O amplo interesse do público, principalmente, em idade ativa sugere-nos que o tema é cativante e que deverá ser mais vezes debatido no futuro. Por outro lado, o pouco interesse nos gestores desportivos sobre a temática é paradoxal tendo em conta que tornou-se claro que as competências de gestão desportiva nas várias áreas do conhecimento são determinantes no exercício desta atividade. Trata-se de uma oportunidade para a gestão aumentar a sua relevância no panorama desportivo nacional.

6. Conclusões

Da realização do meu estágio, consegui perceber várias áreas de intervenção que têm determinadas características, que se entrelaçam como forma de se controlarem mutuamente. Percebi que o modelo de jogo, o processo de treino e a observação e análise de jogo, não podem ser considerados separadamente, fazendo parte de todo um processo de trabalho por parte de uma equipa técnica.

Em relação ao modelo de jogo, percebi que deve ser dividido em quatro grandes momentos de jogo (Oliveira, 2004), referentes aos momentos de ataque e defesa e dos momentos de alternância entre eles. Tendo em conta que as equipas precisam de um fio condutor para que a interação dos jogadores seja coerente e faça emergir uma forma de jogar, entendendo a necessidade de criar princípios e subprincípios que regulem a atividade dos jogadores em campo (Azevedo, 2011).

Para que estes princípios possam ser assimilados pelos jogadores, é necessário que o processo de treino esteja de acordo com o modelo de jogo, dado que os princípios que se pretendem incutir deverão estar presentes na forma de jogar que se pretende. Silva (2008), defende que a principal função do processo de treino é a construção de uma forma de jogar que provém da organização comportamental dos jogadores nos diversos momentos de jogo, definido pelos princípios de jogo que o treinador concebe.

Tendo esta ideia em consideração, percebe-se que o modelo de treino operacionalizado pela equipa técnica tem uma grande preocupação com o treino destes princípios reguladores da atividade dos jogadores, excetuando os exercícios da fase inicial, que possuem um caráter mais lúdico, sem grande conteúdo para os jogadores. Percebe-se então que o treino do Estoril-Praia se aproxima da conceção de periodização tática definida por Silva (2008), no entanto, não se pode considerar como tal, porque nem todos os exercícios visam o treino dos princípios de jogo do modelo de jogo.

Em relação às diferenças entre ter mais do que um jogo por semana, percebi que o treino sofre alterações, com dois jogos por microciclo, ao nível da carga a que os jogadores mais utilizados estão sujeitos, dado que a sua recuperação é essencial para que estejam aptos para o jogo seguinte. Assim, percebo que as sessões de treino num

microciclo com duas competições está inteiramente, para a maioria dos jogadores, virada para a recuperação ativa. Por outro lado, o microciclo com uma competição (considerando jogo anterior no domingo e próximo jogo no final da semana) é organizado inicialmente por sessões de recuperação ativa (Terça-feira), posteriores sessões de treino com cargas de treino mais elevadas (treino de Quarta e Quinta-Feira) e preparação do jogo nas últimas sessões de treino, reduzindo as cargas de treino (treino de sexta-feira e sábado).

Ao nível da observação e análise de jogo, entendi que a sua importância é enorme, dado que esta área tem a função de regular todo o processo de treino. Segundo Ventura (2013), o ensino ou treino está intimamente dependente de uma análise que permita melhorar a performance desportiva, para que se possam induzir mudanças comportamentais nos atletas. Vázquez (2012) complementa esta ideia, referindo que a análise da própria equipa procura comprovar em que medida um conjunto de ações dos jogadores vão de encontro ao plano de jogo preparado durante o microciclo de treino, ou mesmo, do seu modelo de jogo.

Para além deste aspeto, a observação e análise de jogo, de acordo com Ventura (2013), procura obter informação detalhada e de qualidade da atividade competitiva da equipa e dos adversários, com vista ao controlo e operacionalização do processo de treino, de forma a estarem mais perto do sucesso competitivo. Garganta (1997) defende a observação e análise de jogo como uma forma de interpretar a organização, as ações que promovem a qualidade de jogo e tornar os conteúdos do treino mais específicos, por forma a estabelecer planos táticos mais adequados (Ventura, 2013). Percebemos por esta ideia que a observação dos adversários tem uma preponderância grande para a conceção de estratégias que aumentem o sucesso da equipa.

Ao nível da análise de adversário, fiquei a conhecer, através do contato com a literatura e com a equipa técnica, os pontos-chave para se extrair informações pertinentes. De acordo com a literatura e com a equipa técnica, uma boa observação deve procurar sintetizar o modelo de jogo da equipa adversária, ou seja, a observação deverá ser dividida nos mesmos quatro momentos de jogo (Sarmiento et al., 2014) que o modelo de jogo. Desta forma, o modelo de relatório criado visou sintetizar as características dos momentos de jogo do adversário, procurando identificar os aspetos que se poderiam explorar e os que se deveriam procurar evitar (Sarmiento et al. 2014), tendo por base o modelo de jogo do Estoril-Praia.

Tendo em consideração as três áreas referidas anteriormente, nomeadamente, do modelo de jogo, modelo de treino e o modelo de observação e análise do jogo, percebe-se que estas se tocam e influenciam mutuamente. Ao longo do relatório não foi descrito a interferência da análise da própria equipa para alterações pontuais ao modelo

de jogo, por considerar que estas eram muito reduzidas para serem apresentadas, no entanto, elas existiram pontualmente ao longo do ano, com ligeiras alterações da forma de jogar da equipa em alguns momentos do jogo. Entendemos que a análise da própria equipa influencia o modelo de jogo e consequentemente o modelo de treino, pois é no treino que se operacionaliza as ideias e princípios do modelo de jogo. Para além disto, percebe-se que a análise do adversário também influencia o processo de treino e o jogo da equipa em alguns aspetos. Importa referir que a equipa técnica não alterava o seu processo de treino em função das características do adversário, podendo pontualmente adaptar as condições dos exercícios para se adaptarem à realidade competitiva, sendo que operacionalizam no dia anterior ao jogo exercícios com vista à operacionalização da estratégia pretendida para o jogo.

No estudo de caso investigado, percebemos que a equipa do Estoril não altera a sua forma de jogar em função do adversário, como referido anteriormente, percebendo então que o processo de treino da equipa reflete isso mesmo, dado que ao longo do ano a sequência de exercícios manteve-se constante, com ligeiras alterações para evitar a monotonia do treino e estimular os jogadores. De facto, percebo que uma determinada forma de jogar só é possível e eficaz se esta se mantiver e repetir no tempo. Quero dizer com isto que considero essencial que as equipas não alterem o seu modelo de jogo, não descurando nunca alterações pontuais que, não indo contra os princípios definidos, tragam benefícios para o sucesso competitivo. Este aspeto está presente no estudo que sugere que as adaptações estratégicas do Estoril-Praia visam a focalização em alguns aspetos do jogo que estão inerentes aos seus princípios do modelo de jogo.

Por fim, da ação de formação para a comunidade realizada como um seminário com o tema “O Papel do treinador nas Organizações Desportivas”, chegamos à conclusão de que o treinador não deve única e exclusivamente se dedicar ao processo de treino, considerando-o como um gestor de recursos humanos e gestor de emoções. O seminário trouxe para o meu conhecimento aspetos como a relação do treinador com a direção, com o departamento médico, jurídico, entre outros, onde, de acordo com os preletores, o treinador deve possuir um mínimo de conhecimento, para que possa interagir em vários meios com um mínimo de competência.

7. Perspetivas futuras

Finalizada esta etapa do meu percurso, vejo um futuro com uma panóplia de opções, considerando que o meu objetivo passa por me tornar um Treinador Principal ou Adjunto, julgo que será muito importante caminhar pela análise de jogo, sendo um

dos meus objetivos, trabalhar como analista/observador num clube de futebol profissional.

Considero que a função de analista me permitirá ganhar habilidades de análise de jogo que me permitirão, no futuro trabalho como treinador, tomar decisões com maior qualidade, sendo estas mais adequadas do que as de outras pessoas que não trabalharam na área da análise de jogo.

Referências bibliográficas

- Aguiar, M., Botelho, G., Lago, C., Maças, V., & Sampaio, J. (2012). A Review on the Effects of Soccer Small-Sided Games. *Journal of Human Kinetics*, 13, 103-113.
- Amieiro, N. (2005). *Defesa à Zona no Futebol: um pretexto para refletir o “jogar”... bem, ganhando!* Visão e Contextos, Lisboa.
- Araújo, D. (2010). A Dinâmica Ecológica das Decisões Colectivas. In P. Passos (Ed.), *Rugby*, 37-44. Edições FMH, Lisboa.
- Azevedo, J. (2011). *Por Dentro da Tática*. Prime Books, Estoril.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo* (5ª Ed.). Edições 70, Lisboa.
- Barreira, D., Garganta, J., Machado, & Anguera, M. (2013). Effects of ball recovery on top-level soccer attacking patterns of play. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 16(1), 36-46.
- Barreira, D., Garganta, J., Castellano, J., Prudente, J., & Anguera, M. (2014). Evolución del ataque de élite entre 1982 y 2010: Aplicación del análisis de retardos. *Revista de Psicología del Deporte*, 23(1), 139-146
- Boloni, L. (2002). *O bloco de notas de laszlo Boloni*. Booktree, Lisboa.
- Button, C., Chow, J., Travassos, B., Vilar, L., Duarte, R., Passos, P., Araújo, D., & Davids, K. (2012). A Nonlinear Pedagogy for Sports Teams as Social Neurobiological Systems: How Teams can harness Self-organization Tendencies. *Complexity Thinking in Physical Education*. Oxon: Routledge, 135-150.
- Carling, C., Williams, M., Reilly, T. (2005). *Handbook of Soccer Match Analysis: A Systematic Approach to Improving Performance*. Routledge, Londres.
- Castellano, J., & Alvaréz, D. (2013). Uso defensivo del espacio de interacción en fútbol Defensivo. *International Journal of Sport Science*, 9(1), 126-136.
- Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático do jogo*. Edições FMH, Lisboa.
- Castelo, J. (2000). O exercício de treino desportivo. *Metodologia do treino desportivo*, 31-135.
- Castelo, J. (2002). *O exercício de treino desportivo: a unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo*. Edições FMH, Lisboa.

- Castelo, J. (2003). *Futebol – Guia prático de exercícios de treino*. Visão e Contextos, Lisboa.
- Castelo, J. (2004). *Futebol - Organização dinâmica do jogo*. Edições FMH, Lisboa.
- Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Mil-Homens, P., Carvalho, J., & Vieira, J. (2000). *Metodologia do Treino Desportivo*. Edições FMH, Lisboa.
- Chan, D. (2000). Understanding adaptation to changes in the work environment: integrating individual differences and learning perspectives. In: Ferris, G.R. (Ed.), *Research in Personnel and Human Resources Management*. Elsevier Science, 1-42.
- Cohen, S., & Bailey, D. (1997). What makes teams work: group effectiveness research from the shop floor to the executive suite. *Journal of Management*, 23, 239-290.
- Couture, M., & Valcartier, D. (2007). Complexity and Chaos – State-of-the-art – Overview of Theoretical Concepts. *Minister of National Defence, Canada*.
- Duarte, R., & Frias, T. (2011). Collective intelligence: An incursion into the tactical performance of football teams. In *Proceedings of the First International Conference in Science and Football* (pp. 15-17).
- Duarte, R., Araújo, D., Correia, V., & Davids, K. (2012). Sports Teams as Superorganisms. Implications of Sociobiological Models of Behavior for Research and Practice in Team Sports Performance Analysis. *International Journal of Sports Medicine*, 42(8), 633-642.
- Eisenhardt, K. (1989), Building Theories from Case Study Research. *The Academy of Management Review*, 14(4), 532-550
- Flores, R., Forrest, D., & Tena, J. (2012). Decision taking under pressure: Evidence on football manager dismissals in Argentina and their consequences. *European Journal of Operational Research*, 222, 653-662.
- Garganta, J. (1996). Modelação da dimensão tática do jogo de futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.) *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Coletivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, 63-82.
- Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Porto, Portugal.

- Garganta, J. (2000). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In Garganta, J. (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física do Porto, 51-61.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1, 14-17.
- Garganta, J., & Gréhaigne (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: moda ou necessidade?. *Movimento (ESEF/UFRGS)*, 5(10), 40-50.
- Garganta, J., & Pinto, J. (1998). O ensino do Futebol. In Graça e Oliveira (Ed.), *O Ensino dos jogos Desportivos Coletivos (3ªed.)*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos Coletivos da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 95-135.
- Gréhaigne, J., & Godbout, P. (1995). Tactical Knowledge in Team Sports From a Constructivist and Cognitivist Perspective. *Quest*, 47, 490-505.
- Gréhaigne, J., Billard, M., & Laroche, J. (1999). *Collective sports teaching at school. Conception, construction, evaluation*. De Boeck, Bruxelles.
- Gréhaigne, J., Godbout, P., & Bouthier, D. (1999). The Foundations of Tactics and Strategy in Team Sports. *Journal of Teaching in Physical Education*, 18, 159-174
- Gréhaigne, J., Godbout, P., & Zerai, Z. (2011). How the “rapport de forces” evolves in a soccer match: the dynamics of collective decisions in a complex system. *Revista de Psicologia del Deporte*, 20(2), 747-765.
- Headrick, J., Renshaw, I., Davids, K., Pinder, R. A., & Araújo, D. (2015). The dynamics of expertise acquisition in sport: The role of affective learning design. *Psychology of Sport and Exercise*, 16, 83-90.
- Hill-Haas, S., Coutts, A., Rowsell, G., & Dawson, B. (2009). Physiological responses and time-motion characteristics of various small-sided soccer games in youth players. *Journal of Sport Sciences*. 27(1), 1-8.
- James, N. (2012). Predicting performance over time using a case study in real tennis. *Journal of Human Sport & Exercise*, 7(2), 421-433.
- Lamas, L., Barrera, J., Otranto, G., & Ugrinowitsh, C. (2014). Invasion team sports: strategy and match modeling. *International Journal of Performance analysis in Sport*, 14, 307-329.

- Leal, M., & Quinta, R. (2001). *O Treino no futebol. Uma Concepção para a formação*. APPACDM, Braga.
- Lopes, R. (2005). *O Scouting em Futebol – A importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação ao adversário*. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto Portugal.
- Machado, j., Barreira, d., & Garganta, J. (2014). The influence of match status on attacking patterns of play in elite soccer teams. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Motor*, 16(5), 545-554.
- Mesquita, I. (2000). *A pedagogia do treino. A formação em JDC*. Livros Horizonte. Lisboa.
- McGarry, T., Anderson, D., Wallace, S., Hughes, M., & Franks, I. (2002). Sport Competition as a Dynamical Self-organizing System. *Journal of Sports Sciences*, 20(10), 771-781.
- Mombaerts, E. (2000). Fútbol: del análisis del juego a la formación del jugador. Inde, Barcelona.
- O'Donoghue, P. (2009). *Research Methods for sports performance analysis*. Routledge, London.
- Oliveira, G. (2004). *Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N., & Barreto, R. (2006). *Mourinho. Porquê tantas vitórias?*. Gradiva, Lisboa.
- Owen, A., Twist, C., & Ford, P. (2004). Small-sided games: The physiological and technical effect of altering pitch size and player numbers. *Insight*, 2(7), 50-53.
- Passos, P., Milho, J., Fonseca, S., Borges, J., Araújo, D., & Davids, K. (2011). Interpersonal distance regulates functional grouping tendencies of agents in team sports. *Journal of Motor Behavior*, 43(2), 155-163.
- Pereira, R. (2006). *Exercício de Treino em Futebol*. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Pinder, R., Davids, K., Renshaw, I., & Araújo, D. (2011). Representative Learning Design and Functionality of Research and Practice in Sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 33, 146-155.
- Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Federação Portuguesa de Futebol, Lisboa.
- Rampinini, E., Impellizzeri, F., Castagna, C., Abt, G., Chamari, K., Sassi, A., & Marcora, S. (2007). Factors influencing physiological responses to small-sided soccer games. *Journal of Sports Sciences*, 25(6), 659-666.
- Resende, N. (2002). *Periodização tática. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de Futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Dissertação de licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Ruiz-Ruiz, C., Fradua, L., Fernandez-García, A., & Zubillafa, A. (2013). Analysis of entries into the penalty area as a performance indicator in soccer. *European Journal of Sport Science*, 13(3), 241-248.
- Salas, E., Cooke, N., & Rosen, M. (2008). On Teams, Teamwork, and Team Performance: Discoveries and Developments. *Human Factors*, 50(3), 540-547.
- Sarmiento, H., Pereira, A., Matos, N., Campaniço, J., Anguera, M. T., & Leitão, J. (2013). English Premier League, Spain's La Liga and Italy's Serie's A – What's Different?. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 13, 773-789.
- Sarmiento, H., Anguera, M., Pereira, A., Marques, A., Campaniço, J., & Leitão, J. (2014). Patterns of Play in the Counterattack of Elite Football Teams – A Mixed Method Approach. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 14, 411-427.
- Sarmiento, H., Pereira, A., Anguera, M., & Leitão, J. (2014). The Coaching Process in Football – A qualitative perspective. *Journal of Sports Science and Medicine*, 3(1), 9-16.
- Silva, M. (2008). *O Desenvolvimento do Jogar Segundo a Periodização Tática*. MCSports, Lisboa.
- Sousa, P. (2005). *Organização do Jogo de Futebol. Proposta de Mapeamento de situações táticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Vázquez, A. (2012). *Fútbol. Del Análisis del juego à la edición de informes técnicos*. Moreno y Conde Sports.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar, o Scouting como Ferramenta do Treinador*. Tipografia Lousanense, Lousã.
- Vogelbein, M., Nopp, S., & Hokelmann, A. (2014). Defensive transition in soccer – are prompt possession regains a measure of success? A quantitative analysis of German Fußball-Bundesliga 2010/2011. *Journal of Sports Sciences*, 32(11), 1076-1083
- Wright, C., Carling, C., & Collins, D. (2014). The wider context of performance analysis and its application in the football coaching process. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 14, 709-733.

Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista

Guião de Entrevista



Entrevista-
dor: _____

Entrevistado: _____

Data: _____ Hora: _____ Local: _____

Boa tarde! Antes de mais, gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade para colaborar neste trabalho e conceder-nos esta entrevista. Este trabalho visa encontrar as relações que existem entre a observação ou scouting e todo o processo de treino e situações competitivas, considerando o modelo de jogo adoptado pela equipa.

I. Organização ofensiva

1. Em relação à organização ofensiva da sua equipa, qual o sistema tático e método ofensivo mais utilizado?

2. Dentro desse sistema tático, tendo em conta todos os jogadores dos três sectores, quais as dinâmicas ofensivas que mais procura implementar?

2.1. De que forma contribuem os laterais para essas dinâmicas? (caso omita na pergunta)

2.2. De que forma contribuem os médios para essas dinâmicas? (""")

2.3. De que forma contribuem os extremos para essas dinâmicas? (""")

2.4. E quais os comportamentos base que pretende que o seu avançado execute na manobra ofensiva da equipa? (""")

3. Qual a sua opinião sobre circulações táticas predefinidas?

3.1. Qual a importância que tem para si? (caso a resposta seja positiva)

3.2. Qual é a circulação tática que mais utiliza para baralhar as marcações dos adversários?

II. Organização defensiva

4. No processo defensivo da sua equipa, utiliza o mesmo sistema tático do processo ofensivo?

4.1 Qual o sistema utilizado e por que razão o altera? (Caso a resposta seja positiva)

5. Qual o método defensivo que mais procura que os seus jogadores façam?

5.1 Existe alguma circunstância em que utilize outro método defensivo?

6. Quais são as principais características do processo defensivo da sua equipa?

6.1. Como se devem comportar os seus laterais/centrais/médios/extremos/ponta de lança para cumprir essas características?

III. Transição ataque-defesa

7. Como concebe a transição defensiva da sua equipa?

7.1. Como se devem comportar os jogadores mais perto da bola? E os que estão longe da bola?

7.2. Como é que os jogadores dos diversos sectores se devem comportar no momento da perda da bola?

7.3. Qual é o sector que tem maior importância para a transição defensiva?

7.4. A forma como a sua equipa transita do ataque para a defesa altera-se com a zona onde ganha à bola?

IV. Transição defesa-ataque

8. Como concebe a transição ofensiva da sua equipa?

8.1. Como se devem comportar os jogadores mais perto da bola? E os que estão longe da bola?

8.2. Como é que os jogadores dos diversos sectores se devem comportar no momento que ganham a bola?

8.3. Qual é o sector que tem maior importância para a transição ofensiva?

8.4. A forma como a sua equipa transita da defesa para o ataque altera-se com a zona onde ganha à bola?

V. Dinâmica de Microciclo

9. Como organiza a carga de treino ao longo de um microciclo com 1 competição?

9.1. Tem dias específicos para treinar força, velocidade, coordenação? (caso não refira na pergunta 9.)

9.2. Qual o tipo de periodização que aplica (das que já conhece)? (caso não refira)

9.3. Caso existam dois jogos no Microciclo, que adaptações realiza na periodização da carga?

9.3.1. Procura manter o treino de força, velocidade, coordenação, no processo de treino? Porque abdica delas? (caso isso aconteça)

VI. Scouting

10. Qual a sua opinião sobre o *scouting*, nomeadamente a observação dos adversários, da própria equipa e da prospeção de jogadores?

10.1. Adapta o seu processo de treino às observações provenientes do scouting? De que forma essas adaptações ocorrem?

10.2. Quais as informações sobre os adversários que considera mais pertinentes? Se tivesse de categorizar as informações qual seria a ordem de importância para si?

10.3. Quando recebe informações das equipas adversárias, como considera ser a forma mais adequada de passar a informação? De forma sucinta e com ilustrações, ou num formato escrito e mais extenso?

10.4. Que tipo de recursos informacionais utiliza para passar a informação aos seus jogadores? Porque razão utiliza esses recursos e não outros disponíveis?

Da minha parte é tudo. Agradecemos mais uma vez pela sua disponibilidade. Muito obrigado!